

REVISTA

DO

INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO

DA BAHIA

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In praesens, validusque inveniens stimulus.

1915

ANNO XXII

VOL. XX

N. 41



BAHIA

TYP. BAHIANA, DE CINCINNATO MELCHIADES
69—Rua Lopes Cardoso ex-Grades de Ferro—69

1915

**Aos eminentes republicos,
notaveis bahianos e benemeritos
do Instituto**

Dez. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro

e

Dr. Satyro de Oliveira Dias

**as nossas grandes saudades
e vivas homenagens.**

Aos dignos consocios

Dr. Pedro da Luz Carrascosa

C.^{or} João Umbelino Gonçalves

Capm. Francisco Gomes F. Braga

Saudades.

Sessão de reinauguração do Instituto após o incendio de 14 de Setembro de 1913, realizada em 15 de Novembro de 1914—sob a presidencia do Cons. Antonio Carneiro da Rocha, secretariado pelo dr. Bernardino de Souza e coronel Aloysio de Carvalho. (*)

DISCURSO DO CONS. CARNEIRO DA ROCHA

Meus senhores:

RAGO-VOS a gratissima noticia de estar restaurado o «Instituto Geographico e Historico da Bahia».

Deve-se este auspicioso acontecimento a um grupo de socios, á frente dos quaes se collocou o nosso 1.º secretario, o illustrado dr. Bernardino de Souza, que, desde a noite do incendio, até hoje, tem sido incansavel e deu a este Instituto todas as energias do seu grande talento e a sua actividade admiravel, para podermos gosar do prazer de ver o nosso Instituto resurgido das cinzas, a que mão perversa tentou reduzi-lo.

Devo aqui render votos de agradecimento a todos aquelles que collaboraram para esta obra, desde os poderes publicos, a imprensa, até os particulares, uns animando e fortalecendo-nos com o seu apoio moral, outros contribuindo com as quantias, que as suas generosidades puderam dispensar.

Poderíamos apresentar um edificio mais sumptuoso

(*) A esta sessão compareceram 201 pessoas, inclusive as autoridades publicas, commissões de sociedades, etc.

e que se recommendasse por mais elegante esthetica, e foi esse o primeiro pensamento e plano da administração; mas, consultando nossas finanças e os recursos com que poderíamos contar para levar a effeito um commitment tão arrojado, e tendo, por outro lado, de adquirir moveis, estantes e recompor a nossa bibliotheca, que foram devorados pelo incendio, limitamo-nos ao que se inaugura hoje, certos de havermos feito o necessario e que habilitará o nosso Instituto a proseguir impavido nos beneficios, que já tem prestado e poderá ainda prestar, na satisfação dos seus elevados intuitos.

Cumprindo este dever de gratidão a todos, que vieram em nosso auxilio e que nos coadjuvaram, não tenho motivos para outras expansões de alegria, mesmo por passar mais uma data notavel de nossa historia, porque, deixem que eu diga, com toda sinceridade, que, a não ser melhoramentos materiaes, que se encontram em quasi todos os Estados da Republica Brasileira, o novo regimen não tem trazido a nossa querida Patria outros beneficios, notando-se, pelo contrario, o rebaixamento dos caracteres, a quéda da moral, os desvarios das ambições e o culto do bezerro de ouro, que explicam esses escandalos e abusos, que se alastram pelas unidades da federação, e para extirpação dos quaes devem reunir-se todos os patriotas e os homens de bem.

E' preciso que a administração, que hoje assume a responsabilidade do governo do paiz, seja civil, energica e moralisada, elimine essa força, que, pelos elementos materiaes de que dispõe, que não são seus, mas da Nação e em proveito da Nação, dá ganho de causa á parcialidade á qual mandam servir. Em vista do que se tem passado no Paiz, estou convencido de que não estavamos preparados para exercer e gosar das autonomias, que deram aos Estados e que têm sido sequestradas pela intervenção indebita do centro, que intervem aqui ou

alli, conforme as conveniencias muitas vezes de campario.

Preciso é que o novo Governo respeite os Estados, deixe-os entregues a si mesmos, sem elementos extranhos e occasionaes, porque, quando os Estados não receiam dessas intervenções indebitas hão de respeitar as suas populações e resolver os negocios em familia e garantindo todos os direitos para o bem commum. Mas, se vêem que o Brasil não pode continuar a ter instituições para as quaes não estava preparado, reformem-se as organizações politicas, formando-se uma republica unitaria e sem essas expansões autonomicas, que já no regimen monarchico se achava não deviam ter sido concedidas ás provincias pelo acto addicional. Deixemos os Estados entregues a si mesmos, criem-se nelles partidos regularmente constituídos e não tenhamos receio de excessos, porque todos se conterão e procurarão resolver os conflictos com os proprios recursos, sem a intervenção desse elemento extranho, que tem sido mandado para subvertel-os, protegendo ora uma ora outra politica, conforme as conveniencias da occasião.

Não é menos motivo para termos compungidos nossos corações e conturbados os nossos espiritos, esse quadro, que se desenha nos outros continentes, essa conflagração, que invade quasi todos os paizes do mundo e tem reduzido o continente europeu e parte da Asia a um mar de sangue e a enormes desgraças, cujo termo não se pode indicar.

Maldicta civilisação, que tem levado os paizes considerados mais cultos a esses desatinos e a se estrangularem em uma luta mais que tigrina, sepultando no marulho das ondas e no abysmo dos mares milhares de vidas e valiosas fortunas e alastrando os campos de cadaveres de heróes, que se sacrificaram por um falso amor da patria.

Quem diria que, depois dos Congressos de Paz de

1899 e de 1907, veriamos o que se está passando, especialmente na Europa?

E' verdade que, poucos annos depois daquellas notaveis Conferencias, a que estiveram presentes quasi todos os paizes do globo e foram promovidas pela Russia, houve a guerra entre este paiz e o Japão, da Italia com a Turquia e deste paiz com a Grecia e os Estados Balcanicos. Proclamou-se, então, que a terceira Conferencia decretaria o *arbitramento forçado*, como o unico meio de resolver todos os conflictos internacionaes, e que é a forma suprema da caridade, na expressão sempre eloquente do eminente Ruy Barbosa.

Pois bem, são decorridos apenas sete annos e os paizes, que mandaram os seus embaixadores áquelle Congresso de summidades, empenham-se em uma luta medonha, sem que se saiba, verdadeiramente, o motivo para esse esquecimento tão rapido das verdadeiras e brilhantes theses, que então foram discutidas e acceitas.

Onde essa solidariedade universal, tão apregoada, e que devia converter todas as nações em uma só familia, tornando uma realidade o sonho do desterrado de Jersey?

Retrogradamos dois mil annos de civilisação e imitamos os barbaros, que, entretanto, não tinham a cultura dos povos de hoje e não dispunham de tantosapparelhos cobardes de destruição, como são os aeroplanos, as minas, os explosivos, os submergíveis e os canhões de 420.

Mas, deante do que se está desdobrando na Europa e em outros logares, para que mais pensarmos em acompanhar de cuidado a mulher, durante a gestação, recolhendo-se-as ás casas de maternidade, para não se perder o fructo do amor livre ou legalizado?

Para que mais abrigarem-se as creanças nos asylos, onde devem ser aleitadas e tratadas, para serem mais tarde utilidades!

Para que todos esses trabalhos de hygiene publica e particular?

Para que os preceitos para evitar e jugular as epidemias, que ceifam menos victimas do que estes combates, que se têm travado?

Para que esse aprisionamento e curativos de feridos?

Para que, no dominio do direito civil, se procura diffcultar as uniões entre pessoas contaminadas de molestias, que possam enfraquecer ou annullar as descendencias?

Para que essas leis regulando o trabalho ao operario, para que este não esgote o seu vigor physico em um trabalho continuo e exhaustivo?

Todos esses meios e medidas, que os paizes de maior cultura adoptam, com o maximo interesse e efficacia, não serão para conservar e dilatar a vida das populações, e então como surge a conflagração européa, que em segundos tem destruido por completo as conquistas dessas medidas e cuidados, que custaram tanto trabalho, tempo e capitaes?

Para que cuidar-se de estender a existencia das populações, para em um mau dia serem sacrificadas, deixando larga e profunda esteira de sangue, trazendo a viuvez, a orfandade e a destruição de primores artisticos, ás vezes por uma loucura ou ambição de um rei?

Será melhor não ser tão civilizado, do que praticarem-se essas selvagerias, de que os jornaes nos dão noticias e que hão de reduzir a enormes desastres e a collosaes prejuizos mesmo os que vencerem.

Deante dessas scenas lugubres, que se desdobram aos nossos olhos, não podemos ter expansões de jubilo e limitamo-nos a congratular-nos com a Bahia pelo resurgimento deste Instituto, que seria uma calamidade si desaparecesse, mas que, restaurado, proseguirá na sua carreira gloriosa e de vantagens para a sciencia e para este nosso Estado.

Discurso do Dr. Braz do Amaral

Quiz o acaso que eu viesse ainda assomar a esta tribuna, da qual me havia despedido, com saudade, ha algum tempo, para vos apresentar o novo «Instituto Historico» resurgindo, victorioso, tanto do fogo como da aspera quadra que o nosso paiz vae transpondo tão penosamente.

Acode-me ao espirito a evocação daquelle dia, ha 20 annos, em que eu occupei uma cadeira de presidencia no salão do «Gremio Litterario», para dirigir aos presentes algumas palavras, que traduziam o pensamento dos homens de boa vontade, que lhes haviam dirigido um convite para fundar uma associação scientifica, que devia ser o repositorio da nossa vida presente e das cousas do nosso passado, e que devia servir para conservar o que havia de mais digno de attenção, para o estudo da existencia de um povo em formação, afim de que a indifferença do vulgo ignorante não deixasse perder-se o que já elle tinha e afim de guardar a lembrança, com as provas, do que se fosse passando na sua vida.

E tambem me acode ao pensamento a lembrança dos rostos que eu vi naquelle dia, á roda da minha cadeira, para me ouvirem, como hoje em torno desta cathedra, os que me estão a prestar attenção, que tanto me honra, como os de Filinto Bastos, de Francisco e Antonio Calmon, Augusto Menezes, Severino Vieira, Luiz Filgueiras e Luiz Vianna, de Pedro Rezende e Alfredo Cabussú, assim como outros que a minha memoria já entorpecendo não cumpre o dever de lembrar; a cohorte muito mais numerosa dos que já recolheram á terra, como os de Almeida Couto, Augusto Guimarães, que foi o primeiro a levantar-se, se bem me recordo, para pedir que as votações fossem nominaes; dos dois Torres, Tranquillino e João, de Ludgero Pacheco, de Munhoz Goes, de Hypolito Miranda, de Raymundo Bizarria, de modo que dos reuni-

dos naquella occasião os que estão presentes quasi têm motivo para espanto de se acharem ainda hoje aqui, nesta especie de alvorecer de uma nova éra, de uma vida da qual se vae abrir um cyclo já diverso daquelle que decorreu.

O nosso Instituto, o fundado naquelle dia, já foi como um renascimento do que existira aqui na Bahia pelos meados do seculo dezenove, pois foi organizado em 1858 e viveu cerca de 15 annos.

Tenho hoje a grata satisfação de dizer com um sentimento que deve ser analogo ao de um pae que chega a assistir a algum grande acontecimento na vida de um seu filho já adulto, que a instituição por nós fundada, ha 20 annos, cumpriu o programma que naquella epoca lhe demos, porque manteve uma Revista, que sempre conservou a linha seria e severa do seu escopo, pois nunca desandou na trivialidade inutil, nem descambou para os desvios das personalidades, nem dos elogios, nem foi affectada das doenças de que tanto soffre a imprensa do nosso tempo; e publicou mesmo numerosos trabalhos originaes, de valor incontestavel e dignos de menção.

Ainda mais; o Instituto foi um nucleo de animação a estudos, um ponto de reunião de homens que cultivam as faculdades de espirito; e pois não é pouco o que elle tem feito, nestes vinte annos, para sustar a decadencia e não deixar morrerem as sciencias e as letras entre nós.

E o material que já possuíamos, reunido dia a dia, com a paciencia com que o avaro junta, vintem a vintem, a sua moeda, já não era pequeno, nem de pouco valor, tanto em livros raros, como em manuscriptos, como em exemplares curiosos, de tudo o que ha digno de observação e de estudo, na esphera das diversas secções da nossa instituição querida.

Infelizmente o acontecimento desgraçado, que foi a causa de nos reunirmos hoje aqui, para inaugurar esta

especie de resurreição, foi tambem a causa de ser destruida a parte mais preciosa do que possuamos. Refiro-me ao nosso Archivo, que se achava no commodo que ficava exactamente por baixo da parte desta sala, em que está a mesa da presidencia, e que se perdeu totalmente.

Alli estavam colleccionados impressos raros, edições esgotadas, algumas das mais valiosas e das mais interessantes do nosso passado litterario, artistico e scientifico, como o *Correio Brasiliense*, publicado em Londres, no principio do seculo 19.º, a *Idade de Ouro*, o primeiro jornal impresso aqui na Bahia, documentos outros importantissimos da nossa historia, da vida de nossa instrucção, provas numerosas dos talentos, do esforçado patriotismo, da sinceridade laboriosa de Brasileiros illustres e de bahianos notaveis, produzidos numa epoca menos affeita ao guiso dos periodicos diarios com que se fazem rapidamente reputações, muitas vezes graças á condescendencia dos jornalistas, dando a noticia tal como foi pedida, porém reputações mais solidas, feitas mais lentamente, não devidas ao favor dos noticiarios, e sim ao esforço continuado, ao proprio merito, sem pedidos e sem insinuações, portanto mais seguras e mais honestas.

Dalli tirei, entre cinzas quentes, fragmentos ineditos de alta importancia, documentos escolhidos, restos de cartas de homens notaveis, dos nossos bons tempos, exemplares de avulsos lançados á rua, na epoca revolucionaria do periodo do 1.º Imperio e da Regencia, assignaturas celebres e autographos de generaes, presidentes, ministros e oradores, os Annaes completos do nosso parlamento, desde a 1.ª constituinte, toda a legislação da Bahia da maior parte das provincias do antigo imperio.

Rememorando a triste noite em que se deu o desastre, devo dizer que, conscienciosamente, não se sabe, ao certo, quem incendiou o Instituto, sem restar duvida, entretanto, que o mal foi feito de proposito.

Um operario, que havia recebido do thesoureiro certa quantia, por uma pequena obra, viu, numa gaveta dinheiro e suspeita-se, com visos de verdade, que este houvesse sido o ladrão e incendiario.

O que é certo, tambem, é que o criminoso juntou papeis, porções de jornaes colleccionados, em tres ou quatro pontos diversos da casa para lhes atear fogo, com melhor certeza do resultado.

Qual o objectivo que tinha em vista o incendiario? Ninguem o sabe!

Malvadez insensata, posta ao serviço da ignorancia e do vicio, o roubo fazendo o rastilho ao incendio, talvez como meio de apagar o primeiro crime e não deixar suspeita para o delinquente; e ahi está o que paira nas nossas investigações.

Na hora do desastre, logo depois d'elle, o que se apoderou de nós foi um sentimento de intenso pezar e a percepção de *tudo perdido*.

A esta dor, succedeu, porém, a reacção dos seres vivos, e aquella maxima, expressa pela formula ingleza — «When I breathe I hope» — *Emquanto eu respirar, tenho esperança*, nos subiu do coração ao espirito, como um alento, e devéras se realizou a esperança! Quizemos dar logo no mesmo dia prova ao publico de que o abalo fôra rude, mas que não nos derrubara, e o fizemos na noticia-appello, que os jornaes publicaram na mesma tarde.

Não contamos, felizmente, debalde com o sentir das altas autoridades do Estado, nem do seu bom desejo de minorar o mal soffrido, dependendo o auxilio, que nos foi logo generosamente promettido, do corpo legislativo, que o votou para o orçamento do anno vindouro.

As camaras municipaes da Feira de Sant'Anna, de Santo Antonio de Jesus, de Affonso Penna, de Ilhéos e do Prado nos soccorreram, assim como muitas associações, institutos de ensino, collegios, a imprensa una-

nime, e a mocidade das tres escolas superiores; nem contamos tambem debalde com o coração generoso do povo, que tem o instincto das dores e do que remedeia os infortunios grandes.

A resolução e a vontade ainda fazem alguma cousa, pois são duas forças estas, as maiores de que dispõe moralmente o homem!

Releva salientar o esforço ingente e muito bem orientado do secretario dr. Bernardino de Souza, ao qual muito deve o Instituto o seu reerguimento, achando-se pagas todas as obras feitas.

Seria esquecimento injusto não mencionar o que devemos ao director da Faculdade de Medicina, que nos recebeu, cavalheirosamente, na hora angustiosa, em que nos achavamos com o predio em escombros, e que nos cedeu tudo o que pedimos—que era um commodo, para servir de abrigo aos nossos livros e moveis, tudo o que se ia conseguindo salvar, capaz de servir, das nossas collecções incipientes, para o que nos foram concedidos compartimentos no pavimento terreo do Instituto Nina Rodrigues, onde funcionou o expediente da associação até agora, cabendo agradecimento identico ao director da Saude Publica de então, que permittiu fosse conservado na sua repartição o que se ia salvando do desastre, na hora em que elle se deu.

Tivemos primeiro a idéa de uma reconstrucção, em forma de palacio, bello e bem ornamentado, e a este pensamento não podiam deixar de sorrir as cabeças dos mais intelligentes e vivos dos nossos compa-nheiros.

Ha, porém, uma especie de fatalidade a pesar sobre as grandes construcções, da qual tinha melancolica lembrança Luiz XIV, quando dizia que ellas e as guerras são a causa da ruina das nações, e o nosso povo tem a superstição de que o abandono das cousas velhas,

com as quaes somos felizes, pelas novas e luxuosas trazem comsigo a desgraça.

Não podia ser e não foi por isto, mas por motivos mais serios, que ficamos num plano mais modesto, que acertamos numa despesa menor e numa remodelação que, salvando a decencia e satisfazendo a hygiene, não compromettesse o futuro financeiro da instituição, pelo seu excessivo custo, attendendo a que ella já onerada se achava, antes do incendio.

A ausencia do festejado dr. Theodoro Sampaio, orador do Instituto, explica que eu apresente, em nome da mesa, o agradecimento devido por esta casa a todos que concorreram para que ella se tornasse a levantar das ruinas em que vimos, na manhã de 15 de Setembro de 1913, desde os mais elevados e abastados até os mais pobres e humildes.

Agora, recomeça para nós o trabalho da formiga, a conduzir para sua galeria o que encontra na superficie da terra, explorando-a em todos os sentidos.

Vamos ajuntar de novo o que vae por ahi perdido e occulto, documentos e provas do passado e do presente, as cousas que nos interessam e que pedimos a todos nos sejam confiadas, para que fiquem aqui em deposito, reliquias historicas, cartas, officios, papeis e livros, afim de servirem de alimento ás investigações dos vindouros, uns sustento e medicina intellectual, outros, remedios para a alma, no dizer do rei philosopho, que fazia inscripções para as bibliothecas egypcias.

Temos, na verdade, deficiencia ainda de abrigo para muitos volumes, a que faltam estantes, assim como mostruarios para os documentos originaes, e para os autographos de valor, mas nutrimos a esperanza de que a munificencia de alguns benemeritos não faltará para este nobre fim.

Ao periodo de incertezas, produzido pelo incendio, segue-se agora uma epoca, que Deus faça fecunda em

observações e estudos. Os nossos minguados recursos ainda não deram para a installação dos gabinetes e musêos, que são dos nossos estatutos parte recommendada, mas o nucleo principal aqui está outra vez, melhor do que era antigamente. Tambem ainda não nos foi possível fazer as explorações que institutos congeneres do estrangeiro realisam, porque lá elles possuem a riqueza e contam com o espirito bem preparado e disposto dos particulares, que deixam legados e rendas, que ainda não entraram nos habitos da nossa gente.

Os interessantes estudos sobre os fosseis encontrados na nossa Bahia, e as numerosas questões de anthropologia, que ainda estão por descobrir e explorar, para a investigação do passado desta terra, constituem, só por si, um importante problema a resolver e um bellissimo assumpto a estudar.

Outro ramo, não menos notavel, é o dos elementos ethnicos, constituintes do nosso povo, o estudo das raças de que elle deriva.

Este objecto tem sido ligeiramente afluado, pode dizer-se, em romances, mas taes novellas não constituem o trabalho serio a que os homens de sciencia da nação Brasileira se devem dedicar, porque um povo não pode ser indifferente ás origens, aos principios da sua raça e ao estudo e perfeita investigação de bem conhecer de onde veio, afim de poder bem formar a sua resolução e afim de saber para onde vae.

Não carece menos a Geographia, a descripção de nossa terra, de que para ella olhem com amor e attenção os estudiosos, pois, verdade é que muito pouco temos feito. Ha relações descriptivas, talvez mais minuciosas e fieis do estado della durante o seculo 18.º, em os archivos portuguezes, do que nos nossos tempos.

E a parte rigorosamente scientifica está ainda quasi toda por fazer, por mais que nos pese á vaidade dizel-o.

A porção de territorio de nosso Estado em que se têm feito trabalhos de coordenadas é ainda muito restricta, relativamente á sua vastidão, de modo que, em grande escala, os nascimentos dos rios, os cursos e margens destes, a posição exacta dos seus traçados, a das lagôas, de toda a hydrographia emfim, é ainda imperfeitissima e muito eivada de erros, podendo dizer-se o mesmo da orographia, pois é bem certo que existem nos nossos mappas cadeias de montanhas que viajantes e engenheiros, que modernamente têm visitado os logares onde ellas se acham mencionadas, declaram peremptoriamente a não existencia de taes serras!

Quanto ás distancias, ainda estamos nas indicações vagas e variaveis da linguagem dos tropeiros, para a qual ha leguas maiores e leguas menores!

Não podemos continuar assim, a não ser que tenhamos déveras preferencia pelo estado barbaro real, com a pretensão de um estado socialmente mais elevado, nos discursos e citações indigenas.

Ha, portanto, indubitavelmente, numerosos trabalhos de gabinete e muitos outros a fazer fóra d'elle, todos muitos uteis, que estão a desafiar a capacidade do nosso Instituto e a dedicação dos seus associados, tanto na sua feitura como no que diz respeito á propaganda que importa iniciar, para o convencimento, que é indispensavel levar ás autoridades e a todos os poderes publicos, da necessidade daquelles que, por sua natureza, não puderem caber na esphera da acção da nossa sociedade.

Taes são, senhores, os objectivos, com a diffusão dos estudos geographicos e historicos, com a bibliotheca gratuita, para que a todos fique accessivel a facilidade de estudar e aprender, tal é o que vamos realisar no edificio novo, mais vasto, mais arejado e hygienico e mais bello do que o antigo, sem duvida alguma.

Puzemos ás salas nomes illustres na historia do Brasil, dos homens que se têm destacado pelo seu estrenuo valor na politica, nas sciencias, na literatura, no trabalho e esforço constante, com que a intelligencia e a cultura de certos individuos opera, melhorando, illustrando, civilisando, revelando direitos, levantando ideias, noções de justiça, de bondade, de amor, de rectidão e altruismo.

Taes nomes foram: para uma das salas o do Marquez de Santa Cruz. Que outro nome mais digno do que o do grande arcebispo? D. Romualdo illustrou a tribuna sagrada e occupou com honra e brilho não excedidos, tanto a cadeira da sua diocese como a da Camara dos Deputados do Brasil. Além disto, foi um dos vultos de maior fulguração no Instituto Historico de 1856, que o nosso pretende continuar, levantando da terra a sua bandeira, por tanto tempo cahida, para attender ás cousas do passado da nossa patria.

E os dois Rio Branco! O pae, por haver sido um dos mais correctos e distinctos dos nossos oradores parlamentares do 2.^o imperio e um dos homens de Estado mais capazes desse periodo memoravel. A tenacidade e energia de seu character, a sua convicção magnanima de que o Paiz devia aos pobres pretos que ha 300 annos lavravam as suas terras e as suas minas um dia de generosidade e de altruismo, um gesto de equidade e reconhecimento, fel-o o autor daquella lei que o tornou emulo de Jorge Canning e de lord Brougham, que resgatou do opprobrio, do vilipendio, do trabalho forçado e perpetuo, o filho innocente da mulher escrava, que não tinha culpa de haver sido gerado por uma galé, a qual tambem não tinha feito culpa para tão grande pena.

O segundo foi o mais perfeito homem politico dos nossos tempos, ao qual se podia ajuntar, como ao pae, um numero ao nome, como se faz aos imperadores, como

os inglezes fizeram aos seus dois Pitt, chamando-os Rio Branco 1.º e Rio Branco 2.º A este deve o Brazil o assignalado serviço de ter sido o assegurado de suas fronteiras, o pacificador dellas, quem realmente, traçou o que déveras pertence ao Brasil.

Uma outra das nossas salas lembra Antonio de Castro Alves, o mais eloquente, o mais vibrante dos nossos poetas, o mais imaginoso, o mais vivamente bahiano, o mais vigoroso e o mais humano pelo immortal poema em que pleiteou pela liberdade, bella e energicamente, mais tragicamente do que mistress Beecher Stowe, na *Cabana do Tio Tom*.

Pedro 2.º foi um outro nome posto a outra das nossa salas.

A nossa nação Brasileira, emquanto o teve em seu seio, não aquilatou bem os seus merecimentos, porque não tinha capacidade para isto, e repetia apenas o que diziam em veneração os seus cortesãos. Não o apreciou devidamente e na sua indiferença deixou-o banir com a passividade com que o applaudia, quando chegou á capital, na volta de sua penultima viagem á Europa.

Somente depois, quando se viram rebentar as sedições, com o seu cortêjo de violencias, quando se viram as manchas rubras deixadas na terra pelo sangue de Brasileiros fusilados, por causa de crenças politicas, quando, á semelhança das audiencias sangrentas de Jeffreys, se conheceu o horror das sinistras fachinas de uma certa ilha da bahia do Rio de Janeiro, em que Brasileiros eram mortos lentamente a pau, por um processo que os povos christãos acham tão medonho e indigno, tão contrario á piedade do ser humano, que não o admittiram nos matadouros, applicado aos animaes, quando todas as corrupções, todos os abusos resultantes de durar a responsabilidade dos governantes apenas menos de um lustro, se tornaram evidentes, como se tornou certissimo que era uma palavra vã e iro-

nica a effectividade de dar quem sahe da administração publica contas do que nella fez; quando se viu o apparecimento de cousas immoraes, que levantarão a colera dos Tacitos e dos Macaulays do futuro, lembraram-se todos, então, com saudades deste soberano, que recebia com simplicidade, que era pauperrimo e não tinha fausto, que despendia do seu ordenado para mandar estudar artistas e moços de promessa, e de quem se pode averiguar não só que não roubava, mas que, principalmente, não deixava roubar, e que tinha um culto desvellado pelo estudo das linguas mortas e que era finalmente um espirito superior, moderado e cultivadissimo.

Taes foram, senhores, as razões desta preferencia.

A Rocha Pitta coube o nome de outra sala, porque foi o nosso historiador dos tempos coloniaes, porque, ao lado de certos defeitos, possui notaveis qualidades como escriptor, taes como aquella dicção clara, aquella singeleza, aquelle vigor, aquelle acrisolado sentimento patrio, que se traduz na admiração ingenua pela feracidade da terra, pela sua uberdade, e cujo amor por ella se traduz nas esperanças do seu porvir.

Aquelle historiador, que descreve tão bem, foi um colono laborioso e d'elle se pode dizer que, mourejando nas letras em uma epoca, em que ellas eram tão poucas nas terras da America portugueza, acreditava na grandeza, no desenvolvimento portentoso da patria, com a mesma fé que tinham os rudes latinos na eternidade, na força e na inquebrantavel energia, na futura grandeza de Roma, que elles diziam contida naquella promessa escripta nos livros sybillinos encerrados nos subterraneos do Capitolio.

Chama-se Ruy Barbosa a nossa bibliotheca. Tratando-se de um vivo, perde o desenhador um pouco de sua liberdade para traçar o esboço, mesmo com as linhas mais leves da palheta. E' muito cedo para fazer sobre

este homem notavel um juizo imparcial e justo, e isto nos impõe a sobriedade das palavras, pois não me parece que fiquem bem aqui os logares communs do jornalismo, quando faz referencias á sua individualidade. A sua eloquencia ciceroniana, porém, a enorme cultura da sua poderosa intelligencia e o seu vasto saber lhe dão direito a esta homenagem.

O visconde de Cayrú paira como uma grande e augusta imagem sobre um dos nossos novos compartimentos, como a sombra de uma nuvem azul do céu se vê pairando sobre as aguas do mar largo.

Nenhum Brasileiro merece mais do que este os signaes do applauso e do reconhecimento dos seus compatriotas.

Este estudioso seguro e severo, este homem de immensa capacidade no assumpto de sua predilecção, foi, por sua propria natureza, um destes elementos politicos, solidos pela sua proficiencia, alheios ao estardalhaço ordinario que revela a fome de evidencia, que tanto estraga os homens intelligentes de nosso tempo.

E' o dote oratorio o engodo da mocidade em os paizes latinos e a rhetorica dos nossos homens do seculo XIX, como a dos contemporaneos, vae se tornando uma cousa como a cavallaria andante, na epoca de D. Miguel Cervantes, mas é moeda que ainda tem, infelizmente, muito curso.

O nosso sisudo Cayrú, entre os diluvios da eloquencia louvaminheira, que assediou a vinda de D. João, no meio das catadupas da eloquencia revolucionaria dos tempos do 1.º imperio e do periodo regencial, é como uma excepção que se levanta, á semelhança de uma arvore sósinha, imponente e robusta, no meio de um matagal mais miudo. Domina tudo, porque a competencia segura deste economista, o calculo infallivel deste manuseador de numeros e a cerebração poderosa deste

estadista fizeram mais pela independencia do Brasil do que as declamações dos oradores e as intrigas dos politicos. Tudo serve ás revoluções, tanto José Clemente Pereira como Gonçalves Ledo, tanto José Bonifacio como Januario da Cunha Barbosa; mas acima da resolução opportuna e da acção decisiva do proprio Pedro I está a obra de José da Silva Lisboa, com a abertura dos portos do Brasil ás nações estrangeiras. A questão da independencia foi depois della, uma questão de tempo apenas, mas era fatal e logica, como uma equação mathematica, porque não dependia o problema então do povo Brasileiro só, mas entrava no realisal-a o interesse de nações e governos mais poderosos do que o de Portugal.

E ahi está, senhores, o que fizemos com os auxilios que recebemos para o resurgimento do «Instituto Geographico e Historico da Bahia»!

Se applicamos bem este producto das offertas feitas, se gastamos com intelligencia, se andamos com economia e com discreção, teremos, com a consciencia limpa que nos está a animar, de haver cumprido, leal e sinceramente, o que era nosso dever, a inegalavel satisfação de ouvir dos que nos fizeram a dadiva a declaração de que era assim que haviam imaginado o emprego della, quando tinham feito o favor de dal-a; no caso contrario, só nos ficará o pesar de não ter comprehendido o pensamento dos offertantes, mas não o sentimento de que houvessemos descurado, ou desviado, ou faltado áquillo a que nos obrigaramos, e sim apenas a simplicidade da culpa dos que erram de boa fê.

Relatorio do dr. Bernardino José de Souza

Selecto auditorio:

Felizmente, a sementeira espalhada 24 annos atraz, recomeça a medrar virente e promissora, neste ambiente sublime, em que se irmanam os vossos applausos confortadores e as maiores alegrias que me transbordam a alma, agora genuflexa, ante a fidalguia da vossa immensa nobreza, transfundida na esplendida solidriedade das vossas palmas.

Cresce a minha fortuna e se exalta o meu justissimo desvanecimento á sombra da vossa generosidade, que esconde a desvalia do modesto e esforçado trabalhador do resurgimento deste templo de luz e de amor, honra da Bahia e gloria de todos nós.

Contam-se hoje 426 dias do triste acontecimento que enlutou a alma culta da Bahia: meiado Setembro de 1913, a mais insigne e preclara das Sociedades scientificas da nossa terra amada era uma sombria ruina ainda ardente do incendio barbaro que a formou.

Hoje, o Instituto Geographico e Historico da Bahia abre renascido as suas portas ao digno povo bahiano, para a solemnidade da sua reabertura e affirmacão mais segura da continuidade de seus labores celebrados.

Esta festa, que a honraria das vossas presenças mais requinta nos primores, é o symbolo da sua nova jornada. Aos desfallecimentos do crepusculo tristonho de 14 mezes passados, succedem os canticos desta aurora, que são os vossos risos, as flores da vossa bondade, as offerendas do vosso arrimo e os jubilos incontaveis que deliram o espirito dos que venceram a ardua campanha, em nome de um ideal desinteressado e sacrosanto.

No desempenho dos meus deveres em toda a minha

vida, jamais se me deparou momento de maior satisfação e melhor triumpho.

Eu vejo com orgulho a Bahia, representada em todas as suas classes, saudando o resurgir desta benemerita Associação; orgulho, eu tive, quando a *mater nutrix* do talento e do saber prestemente respondeu ao appello que lhe fizemos ao turvo da noite que nos embargava os passos: prenuncios da renascença que hoje se nos pantenteia sadia, alentada e forte, prefigurando altos destinos.

Agora, senhores, já podeis comprehender as delicias d'alma que me enlevam o espirito, perdido na copiosa corrente de vossos affectos.

* * *

A bella tentativa á volta de Maio de 1856, dirigida pelo espirito omnividente do celebrado Marquez de Santa Cruz, Arcebispo da Bahia, não logrou contar muitos janeiros. Mal poudo o Instituto Historico Provincial vegetar pouco mais de um lustro. Delle muito pouco ficou além da idéa que resurgiu em 1894, quando mais propicia se estava azando a empreza. Uma pleiade de devotados ao culto da patria amada, inspirados por um verdadeiro sentimento de interesse colectivo, fundou esta sociedade, entre os temores do insuccesso e as esperanças da victoria. Não lhe faço a recensão das aventuras: o que eu vos digo é que a arvore da sciencia germinou em terra farta, cresceu, refloriu e della agora pendem fructos salutarees.

Desde aquelle tempo houve em verdade continua acção de habeis e perseverantes operarios da sua grandeza: jamais lhe faltaram homens que a amassem até o sacrificio. Alguns de seus creadores já não se acham entre nós, levados pela voragem da morte: os nossos

corações e as nossas saudades evocam a cada instante, as suas lembranças queridas.

A historia do Instituto faz muita conta na vida intellectual da Bahia. A sua fé de officio adereça-se de bellas arrecadas e honram esta terra, porque se compõe de brilhantes exemplos, que são as vozes mais vivas e mais claras do que pode realizar um grupo de integros cruzados das lettras e do que pode resultar da continuidade de esforços, inspirados na formula do dever.

De logo avultaram os seus beneficios e, de ligeiro, se pode descobrir a sua face mais digna no papel proeminente que representou no congraçamento geral dos grupos em dissidio, que aqui despiam as panoplias das lutas ingratas da vida publica e encontravam o templo de serena paz, onde a porfia era o amor ás tradições da Bahia e o empenho o estudo de sua natureza virginal.

A mirada retrospectiva não é desconsoladora, antes brilhantemente clareada aos fulgores de trabalhos conspícuos; o presente é esta cerimonia, que resulta de uma grande tenacidade e bello desinteresse; e, quaesquer que sejam os obstaculos em nossa vida, temos esperanças certas para o futuro e seguranças bem agoiradas de proximos trophéos.

E' o que prefigura o meu pobre espirito, ao relancear a vista sobre vós todos, desde os simples e honestos operarios até os homens de governo de hontem e de hoje, honrados servidores publicos de todos os matizes, juntos agora na consagração justissima da sua reinauguração. Por isso é que eu creio nos dias de amanhã.

* * *

Passei pela vez primeira os umbraes desta casa guiado por Satyro Dias, um estoico, de memoria impe-

recivel e sagrada, uma das mais puras encarnações da historia fulgente da Bahia. A' sombra do roble gigante fui admittido entre os levitas dessa religião e entrei, sem demora, na companhia dos seareiros da gloria de minha terra. Prometti o que podia: um esforço duradoiro e persistente, muito embora humilde e apoucado. Marujo inexperto, podia empallidecer o renome das facções pomposas do altivo barco, que de verga d'alto já dis-correra pelos mares prolixos e tão cruzados da nossa historia e geographia e derramadas conquistas já enthe-soirava em redditos fecundissimos.

A voz paternal de Satyro Dias venceu os temores e entrei a trabalhar.

De minha acção nesta lavragem falem os meus irmãos: dei-lhe sempre o maximo de minhas forças.

Elegeram-me 1.º secretario, em Maio de 1913: puz a peito seguir a estrada larga aberta pelo inolvidavel Cons. João Torres, um benemerito do Instituto. Não me faltaram tropeços, bem o sabeis, o maior dos quaes está vencido.

Lidei fadigas sem conta.

Tendes sob as vossas vistas os fructos de um intensissimo labor, do qual me envaideço. São muito parcos, é verdade; mas para mim, pobre pygmeu, modestissimo operario dos brilhos desta casa, representam o maximo dos triumphos e gloria immorredoira, pelo menos digna das vossas excusas.

* * *

Aos 14 de Setembro de 1913 a mão criminosa de um operario, indigno deste nome, ateou terrivel incendio em nosso predio: raras collecções foram reduzidas a cinzas, desapareceu quasi todo o archivo, inutilizaram-se alguns moveis e objectos queridos e muito damnifi-

cado interiormente ficou o edificio, a tanto custo adquirido e ainda por desonerar.

Cruel fatalidade!

As responsabilidades do cargo que occupava na sua directoria fizeram-me ver de logo as agruras que tinha de subir, vestidas de espinhos, cheias de precipicios e os obstaculos que, a miude, se emboscavam na acclivosa encosta.

O meu espirito, porém, avigorou-se e fortaleceu-se nos proprios contratempos e no quadro doloroso das nossas desditas sempre houve um raio de esperança, qual ponto luminoso, que assignala ao viajor perdido e vencido pelo cansaço das longas estradas o bom caminho e termo feliz da aspera jornada.

Encontrei na mocidade academica da Bahia, na alma excelsa dos moços das tres Escolas Superiores, os primeiros alentos para os meus temores e a primeira ajuda para a salvação do Instituto.

Tivemos todas as generosidades e todos os enthusiasmos dos primeiros annos no bando precatorio que partiu destas portas em ruinas: alviçaras de ouro de outros auxilios efficazes que ainda recebemos hoje. Deuse então na vida do Instituto facto comparavel ao que se nos mostra frequentemente na natureza: fios de crystal por entre sitios amenos ao sahir de fontes escondidas no dorso das collinas, em breve espaço grossas correntes de veia larga, mais além as soberbias do leito espalmado e liso, como se fosse o mar no seio das enseadas ou na recurva abrigada das praias. Assim foi que se reconstruiu e reorganizou o Instituto: em seus livros estão escriptas as dadivas, inventariados os auxilios, perpetuados os nomes dos que nos mimosearam com as flores da sua generosidade.

Em nome do Instituto, eu beijo, penhoradissimo, as mãos de todos os que nos ampararam, dignificando-se, honrando a Bahia, servindo á causa das lettras e da sciencia.

Os beneficios, ainda que minimos, pedem o honesto juro da gratidão e eu vos repetirei agora que, neste Instituto, se pensa que tanto valem as sementeiras ricas que loiram ao arraiar do dia, quanto as leiras esguias e viçosas e se têm preço os rios magestosos de margens apartadas, lisos no estirão do leito, empolados nos declives da terra pendorada, muito se estima e canta o placido regato, que flue murmurante á sombra das mattas opulentas ou por entre as flores da campina perfumosa.

Silêncio de industria qualquer nome: em nossos archivos ficaram para todo o sempre estampados os nomes dos que, de qualquer sorte, nos ajudaram e o Instituto proclamará sempre as suas benemerencias.

Agradeço tambem de publico as palavras de conforto e animação que nos dirigiram todas as instituições congeneres do paiz e do estrangeiro, sobretudo ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o mais antigo de todos, que, não ha muito, completou, para gloria nacional, o seu 76.º anniversario.

Mas, senhores, é força confessar que *extra-muros* o que mais reclamou as homenagens do Instituto foi a palavra desinteressada, amiga e superiormente patriotica de um representante da famosa Paulicéa, rebento illustre da gloriosa familia dos Andradas, levantada em meio do Congresso Nacional e em pról do resurgimento desta casa. Muito devemos á imprensa com a sua efficaç propaganda e a bôa vontade dos poderes publicos da Bahia.

Alguns mezes após o incendio, começou a reedificação, sob a direcção technica do nosso companheiro de directoria, o engenheiro Theodoro Sampaio, que, por força imprevista, não goza tambem as alegrias ineffaveis deste momento.

Iniciados os trabalhos em Março de 1914, estavam terminados em Agosto: os dias seguintes até hoje foram

dedicados aos labores da reorganisação, encontrando em tres academicos da Faculdade de Direito e num digno collega e consocio, irmão pela amisade, auxiliares de todo devotados á sua causa. (*)

Commemoramos, agora, a sua reabertura.

E' mister, porém, a repetição incessante da vossa protecção: alguns compromissos antigos e algumas necessidades inadiaveis reclamam o vosso auxilio. Amparal-o é fazer obra de verdadeiro interesse publico, equivalente a robustecer a diffusão da sciencia, fonte creadora e fecunda da actividade humana, dando amplo desenvolvimento á educação da mocidade e de nossos concidadãos, abrindo novos horisontes ao conhecimento do nosso passado e á confiança no nosso futuro. De nossa parte continuaremos a empreza benemerita, considerando as trajectorias dos nossos avoengos modelos a que se devem compôr as nossas lidas. A oiro e fio se devem pesar os labores de todos com as miras apontadas para o porvir da Patria. Só assim o Instituto poderá cumprir a sua missão cultural e moral, dominando-o o pensamento sublime e regenerador de ligar os homens pelos vinculos intellectuaes e moraes, de os fazer marchar hombro a hombro na estrada do aperfeiçoamento e da civilisação.

Já fizemos alguma cousa. Dentro destes muros já se divisam recordações historicas celebradas: retratos que, na majestade de seu discreto silencio, relembram os paladinos esforçados da nossa grandeza e prosperidade, imagens sacratissimas de antepassados gloriosos, que figuram trajectorias de luz; manuscriptos e impressos, vozes do passado não raro clareando as sendas do futuro, documentos memorandos das gerações que se foram e cujos exemplos devem ser os phanaes da nossa luta; emblemas e symbolos de idéas e acções venerandas,

(*) Dr. Ajuricaba de Menezes, Joaquim A. Liborio, Severino de Souza e Antonio Marques dos Reis.

immortalisando um nome ou perpetuando uma querida memoria; suggestões de glorias que devemos honrar e respeitar e de tradições que nos cumpre guardar com o carinho de filhos amantissimos; mappas e plantas retratando as nossas terras, de cujo seio feraz temos tambem alguns exemplos magnificos.

A fortuna é, porém, limitada: é de mister accrescel-a sempre e sempre, mais e mais. Guarda de reliquias, thesouro de raridades, sacrario das tradições da Bahia, eis o que deve ser o Instituto Geographico e Historico: então se transformará num templo secular, santuario de gratissimas recordações, recinto de veneração e respeito, a historia viva, decálogo de sãos ensinamentos. Sobre-tudo expoente da gratidão dos posteros e estimulo vivificante para os vindouros. Este templo deve ser um lugar de romarias populares, onde se ensine o civismo, tão indispensavel á grandeza e ao poder de qualquer povo ou nação, onde se pratique a educação do espirito e do coração, ligando-se o presente ao passado memoravel, ao influxo robusto do amor aos que tombaram e cujos feitos são os melhores fados para o amanhã tão vario.

Não devemos desprezar oportunidades para relembrar os triumphos grandiloquos de hontem, os personagens mais eminentes que labutaram pela nossa prosperidade: perpetuemos-lhes as memorias em justas commemorações, nos annaes de bronze dos monumentos ou na face das lapides, como se fossem volumes publicos para todas as éras e gerações.*

E' preciso que se cultive um crescente fervor no conhecimento da nossa historia e se respeite o heroismo, esmaltado de virtudes, dos antepassados illustres.

Ai do povo que despreza as suas tradições!!

Entre todas as gentes mais cultas e civilisadas do mundo, nos Estados mais fortes e illustres, ha logares sagrados, em que se expõem aos olhares respeitosos do

povo os estemmas nobilitantes de sua grandeza passada e as lembranças dos dias rebrilhantes de sua vida.

A idéa substancial deste pallido relatorio, a modo de oração desprimorada, é a necessidade de cultivar as tradições da nossa terra. A isto se propõe o Instituto, porque aqui é onde se eleva o espirito até as inspirações da verdade e da justiça, galardoando as virtudes e laureando os sacrificios dos avoengos, rendendo lhes os tributos da veneração, com que a Historia engrinalda o nome dos mortos illustres, verdadeiro altar em cujas aras a justiça pontifica e a immortalidade se crea e onde se idealisam as opimas dadivas do reconhecimento sempiterno da Patria agradecida.

E' por isso, Senhores, que eu aneio o engrandecimento desta obra de alta significação civica: por isso é que eu faço votos ardentes para que ella se consolide, reprofunde as suas raizes na alma do povo bahiano e que os esforços dos actuaes palinuros de sua existencia sejam secundados pelos trabalhos das gerações futuras, crescendo sempre pela solidariedade dos ideiaes e fraternidade da acção, afim de que possa ter as finalidades a que a destinam a magnitude de seus objectivos e os proprios reclamos do nosso coração. Dahi o cunho democratico que reponta de cada artigo de seus Estatutos, hontem como hoje. O Instituto offerece sincera e amiga acolhida a todos os que desejam grangear os terrenos de suas locubrações, adherir ao culto proveitoso da nossa historia, estudar os problemas do nosso presente e acalentar fagueiras esperanças para o futuro. Assemelha-se ao segador, de que nos fala a Biblia, que recebia os auxilios de todos aquelles que iam labutar no seu trigal, que loirejava ao sol nascente.

Só assim deve ser.

Na minha opinião o Instituto precisa transformar-se numa escola superior de Historia e Geographia patrias, especialmente da Bahia, mas entendidas no seu mais

lato sentido. Conferencias e cursos de caracter publico devem ser effectuados de quando em vez, modelados pelo feitio do que se faz no Rio de Janeiro: Alberto Rangel, o prosador do Inferno Verde, não ha muito, discretoeu sobre a Amazonia immensa e ignota; Basilio de Magalhães falou do bandeirismo e do phenomeno empolgante das entradas nos sertões brasileiros; Aurelino Leal impõe o seu grande talento no meio carioca, dissertando sobre a evolução constitucional do Brazil; e todos elles sob o tecto amigo do patriarcha dos Institutos nacionaes e por idéa fecunda de seus operosos directores.

Consoante o disposto em nossos Estatutos o campo de acção desta Sociedade é de preferencia a Geographia e a Historia, especialmente da Bahia, completando-se e explicando-se, constituindo elementos educativos do sentimento nacional e um verdadeiro «apostolado civil e humano». E' que os fundadores e legisladores do Instituto tiveram a grande inspiração de coordenar e ajustar as duas ordens de investigações, fieis aos ensinamentos de Reclus de que é a observação da Terra que nos explica os acontecimentos da Historia, e esta, por seu turno nos leva a um estudo mais aprofundado do Planeta, de que a Historia não é senão a Geographia no tempo e a Geographia não é mais do que a Historia no espaço.

As da Bahia são ineditas: — apenas trabalhos dispersos, opiniões desencontradas, aqui erros, alli phantasias, lendas mais além.

A necessidade do estudo da Geographia, que «determina o quadro geral da natureza, da humanidade e de seus trabalhos», é flagrante. E' tambem postulado de um elementarissimo dever civico.

O exacto conhecimento do nosso *habitat*, a idéa verdadeira do scenario em que se desdobram as nossas actividades, sempre norteadas na trilha desejada do maior conforto, impõem ao homem moderno a perquirição dos proble-

mas geographicos, que tanta conta fazem ao progresso de todas as sociedades civilisadas. De Greef, vigoroso sociologo, de tantos credits entre os sabios contemporaneos, escreveu, de uma feita, que a vida está em intima correspondencia com o meio: fez o maior e melhor elogio da Geographia, continuando as lições que 2000 annos antes Hypocrates dava aos seus ouvintes, sob os auspicios da luzida Athenas.

Presenteia-nos a natureza larga copia de elementos de riqueza potencial, sempre a titulo de usufructo meramente precario, e os povos somente a exploram e gosam na proporção de sua energia vital, na medida da sua capacidade, aproveitando-a e devolvendo-a transformada ao continuo movimento circulatorio que, afinal, é o grande fulcro da prosperidade humana.

O maior fim da Geographia é preparar os homens para as luctas asperas e não raro ingratas da vida economica hodierna. No campo de todas as sciencias, maxime das que esquadrinham a vida social e economica dos povos, e na larga arena de todas as actividades uteis dos homens, a Geographia faz raiar auroras beneficentes com a projecção da luz astral de seus ensinamentos.

Desde a revolução scientifica que, no seculo passado, os trabalhos de Humboldt e Ritter fizeram, nos dominios da sciencia geographica, proclamou-se como verdade incontrastavel que a altitude, o clima, a situação, a distribuição das aguas, as condições geologicas, as transformações, estratificações e desagregações que se continuam ao longo dos millenios, em summa, todos os factos geographicos exercem sobre os homens, animaes e plantas effeitos uniformes. Delles decorrem consequencias fataes para a evolução dos povos e para a sua vida politica, social e economica; dominam os grandes movimentos historicos e regulam o curso do progresso da vida social. A propria marcha da civilisação, de cujos proventos somos, hoje, os felizes usufructuarios, não se explica racional-

mente senão á claridade dos estudos geographicos, que mostram as causas do deslocamento da civilisação das ourclas do Nilo, Tigre, Euphrates e Ganges para as beiras do Mediterraneo, senhoreando-o depois, espraiaando-se na Europa central e septentrional, e do seculo XV em deante, transpondo o Atlantico e assentando as suas tendas nas terras do Mundo Novo. A's exigencias dos interesses materiaes da existencia humana junta-se a propria dignidade do homem no reclamar e encarecer o estudo dos problemas geographicos. O amor ao solo em que se vive e com o qual se confunde até a propria existencia, muito longe do carinho dos trovadores de um céu doce e clemente, de mattas além das nuvens, em avenidas de leguas, gramadas a capricho, rios oceanos, lagos de prata, auroras radiantes, riquezas phantasticas, feituas fabulosas, o verdadeiro amor que nutre o ardente desejo da prosperidade crescente do torrão natal, em cuja valia pesa o conhecimento de sua natureza, nas dadivas de seus thesouros e nas decepções de suas recusas, impõe o estudo da sciencia dos Davis e dos Wagner.

Ella forma, disse-o alguém, um verdadeiro systema de philosophia da natureza. Para nós o conhecimento da Bahia vem em primeiro plano. Lastima é dizer-se que muito pouco se ha feito no tocante á nossa geophisica. Se não é um livro em branco, perde-se no labyrintho tortuoso de principios falsos. Urge a tarefa de vulto e demorada, de ir lançando as primeiras pedras da construcção que, de futuro, será trabalhada com mais largo folego. Das margens do Atlantico ao chapadão limitrophe de Goyaz passando pelas linhas altas da Diamantina, das bordas do S. Francisco, nas cercanias de Pambú, ás lindas de Minas Geraes e Espirito Santo, ha um campo vastissimo que abre praça ás energias pesquisadoras do geographo moderno.

Quasi o mesmo em relação á Historia: aqui a sua

missão é procurar e recolher os documentos, os traços reaes dos factos que respeitam á vida dos povos, desde os rudimentos laboriosos de sua fundação, fazer a Heuristica, no dizer dos sabios teutonicos, para mais tarde escrever a Historia verdadeira, sem lendas nem contos, com a incorruptibilidade de *mestra da vida*. Não se pode, escreveu Renan, adquirir uma clara noção da Historia, de seus limites e do grau de confiança que é necessario ter em suas varias ordens de indagações, sem o habito de manusear os documentos originaes.

Foram as congregações monasticas que, de antes, no Velho Mundo, organisaram esse trabalho scientifico: hoje são as Sociedades de homens de lettras os continuadores da fructuosa empreza. Sigamol-as: expurgue-mos a nossa Historia das legendas poeticas, das manifestações impressionantes da tradição oral explicaveis por uma lei de refração desconhecida no dizer de Niebuhr, limpemol-a das anedotas que são «as lendas dos civilisados» e das narrativas formadas por lembranças confusas, allusões falseadas, interpolações erroneas e abusos de imaginação. A construcção é de tal modo que se faz mister a lida de varias gerações, sobretudo pela amplitude dos factos historicos que envolvem as condições materiaes, os habitos intellectuaes, os costumes materiaes, os usos economicos, as instituições politicas e sociaes. (*)

Mondar-lhe as searas que não têm repouso é sondar e oceano humano com as suas fortes correntes, os seus transbordamentos, as suas marés e tempestades, crescentes e vasantes, ou attentar na massa movediça do povo, agitando-se na geosphera. Bem vasta é a lavoira, para muitos e por muitos annos. Desde o entrar do seculo XVI, quando as velas luzitanas ferraram á barra de Santa Cruz e os seus nautas divisaram primeiro as nossas terras na cumiada do Pascoal, até a segunda

(*) Lacombe assim classificou os factos historicos.

decada do seculo XIX, quando os independentes entraram nesta cidade sob o pallio de bandeiras de 10 campos de combate da pugna libertadora, através dos lustros do Imperio em que rebrilha a estrella da Bahia nos nomes celebrados de Cayrú e Abrantes, Jequitinhonha e Abrantes, Zacharias e Cotegipe, Saraiva e Rio Branco, o redemptor, nos annos da Republica, illuminados pelo genio sublimado de Ruy Barbosa, ha, realmente, muito labor para os estudiosos e suggestões para os amadores dos problemas historicos. E delles muito espera a Bahia, que se vangloria de seu passado magnifico.

Perdoae a digressão, meus generosos ouvintes.

O Instituto reenceta os seus trabalhos, e, aos effluvios desta luzida cerimonia, se lhe accorderão edades largas com alegre memoria de tão formoso dia.

Praza aos céos que elle cumpra a sua alta missão de esparzir a luz inextinguivel do culto ao passado, da coragem que busca o ideal, mas comprehende o real, e da confiança no futuro que terá seguras alegrias se proseguirmos a realisação de um sonho de justiça e de fraternidade.

O Instituto vos agradece o abraço fraternal que lhe presenteastes agora e a gente porvindora repetirá, de ouvida em ouvida, a solicitude do vosso apoio e o desinteresse dos vossos applausos a esta officina da vida social onde se encelleiram os trophéos de hontem e as esperanças de amanhã.

De mim ajoelhado ante a vossa fidalga e suprema bondade, a escravidão perenne de minha alma e a promessa renovada de todo o empenho nessa lavragem benemerita.

E estão explicadas e só assim se comprehendem as justas e boas alegrias que tanto me exaltam e desvanecem e a que proporciona a propria consciencia de quem cumpriu o seu dever.

Contribuição para o estudo das questões de que trata
a these 6.^a da Secção de Historia das Explora-
ções Archeologicas e Ethnographicas e que tem
por enunciado: «As tribus negras importadas. Es-
tudo ethnographico, sua distribuição regional no
Brasil: os grandes mercados de escravos».

A THESE 6.^a abrangendo a escravidão africana desde que
ella foi estabelecida no Brasil, estendendo-se portanto
em um paiz tão vasto e cuja historia é ainda tão mal conhecida
em suas minudencias, se torna um trabalho muito serio, que
ninguem pode dizer seja capaz de fazer com os dados actuaes,
rapidamente, a não ser por uma manifestação de optimismo
que não está de accordo com a consciencia.

A honestidade scientifica é tão necessaria á cultura e á his-
toria dos povos como particularmente á vida de cada individuo,
como é necessaria a qualquer sociedade bem constituida,
pelo que eu julgo não me enganar dizendo, que não é possivel
ainda escrever com provas e segurança uma exposição de todas
as tribus ou raças africanas, que tiveram membros ou filhos
seus como escravos em nossa terra.

E' assumpto demasiado complicado para que possa conside-
rar-se bem tratado, a não ser dedicando-se a elle por muitos
annos quem o pretenda elucidar.

O mesmo se pode dizer a respeito das cifras exactas dos
desgraçados transportados da Africa para cá, tanto nos tempos
anteriores ás leis inglesas que aboliram a escravidão, como
após a cessação do trafico legitimo ou legal, porque antes das
referidas leis e da nossa de 1831, não havia grande interesse
nisso, e depois porque era de interesse, tanto dos commerci-
antes importadores como dos fazendeiros compradores sonegar
ou esconder os escravos que eram introduzidos e vendidos,

quer os que ficavam nas cidades e portos do littoral, quer os que se mandavam para o interior.

Os dados existentes, portanto, são espantosamente falhos e releva dizer que foi tomada a respeito dos documentos officaes que têm relação com a escravidão, uma providencia, approvada na epocha em que se deu, pelo enthusiasmo pouco reflectido, se bem que generoso dos abolicionistas, mas que foi tão inconveniente para nós, como pouco segura para o fim que talvez ella vizasse alcançar.

Não se comprehende até como um governo a adoptasse, senão para enganar o publico, satisfazendo apparentemente o sentimento do mesmo.

Refiro-me á destruição dos papeis e de todos os documentos existentes nas repartições do Estado, relativos á escravidão.

Nem a lembrança desta deixou, por semelhante razão, de ficar entre nós, no mundo e na historia, nem as provas que ahi estarão por muito tempo nas côres e costumes nacionaes, deixam de ser poderosos para lembral-a, porque a verdade não se apaga com tanta facilidade da vida de um paiz, como se queimam alguns papeis.

A medida, porém, produziu um triste effeito, qual foi o de nos privar de documentos preciosos para reconstruir a historia desta raça africana, que tão profundamente deixou signaes indeleveis de sua passagem nas terras da America e especialmente do Brasil.

As mesmas causas que motivaram a introdução dos escravos negros nas colonias espanholas, explicam a entrada delles aqui.

Qual o primeiro ponto em que foram elles introduzidos?

Acredito que foi em Pernambuco que aportaram os primeiros africanos escravos, porque de modo geral é provavel que onde escasseava o indio, que primeiro haviam os europens reduzido a servidão, e onde os trabalhos da agricultura tornavam mais duro o serviço iam se procurando substitutos para elle.

A lavoura da canna no norte, em Pernambuco e na Bahia, provavelmente causou ahi a introdução dos negros da Africa.

Depois no Rio de Janeiro.

Nos primeiros tempos não chamaram a attenção dos historiadores do paiz os miseros pretos.

Os indios haviam levantado a piedade dos jesuitas; os negros, não.

Não eram lamentados, nem houve quem por elles intercedesse. Não attrahiam a curiosidade dos que descreviam as cou-

sas da terra e ninguem se detinha a attentar nelles, a não ser, algumas raras vezes, o governo portuguez.

A' proporção que os indios se iam extinguindo, ia progressivamente crescendo a escravidão dos africanos, porque melhores lucros iam dando os negocios que se faziam com elles.

Pelas informações que consegui colher, os escravos negros, todos barbaros, tomada esta expressão no sentido de selvagem, eram importados da costa da Africa, banhada pelo Atlantico e ainda no seculo 19.^o muitos dos negros trazidos, eram natu-raes de pontos relativamente proximos a ella.

Outros vieram do interior e mesmo em maior numero nesse seculo, pois foi progressivamente levada para o centro da Africa a aquisição dos negros, desde que foi escasseando a gente na costa.

Hoje se conhece bem a historia do trafico na Africa e por mais horrivel que seja a instituição detestavel, não se pode negar que ella foi alli, como em toda parte, já uma prova do progresso humano, por ter sido ella o resultado da commutação da pena de morte, a que eram condemnados os vencidos anteriormente.

Depois que a ambição dos negros, açulada pelos europeus, foi levada para o caminho das vantagens da venda do homem pelo seu semelhante, foi que a escravidão attingiu, não só os que eram vencidos nas guerras, mas tambem os que eram caçados especialmente para serem vendidos e se organisou o systema de perseguir sem guerra, só para prender e escravisar, ou que se fez a guerra na Africa, com o fim exclusivo de apprehender gente para vender.

A principio os soberanos, regulos do littoral, venderam os seus subditos, depois foram vendendo os outros que iam conseguindo attrahir do interior, até que organizaram quadrilhas para ir á caçada de escravos.

Os commerciantes negreiros faziam o que os portugueses chamavam *resgate*.

A principio foi na realidade resgatar por dinheiro ou objectos aquelles que estavam condemnados e empregal-os nos seus trabalhos por este dinheiro ou objectos que tinham dado.

O resgate para quem fôra resgatado obrigava a trabalhos forçados para toda vida.

O valor do resgate sujeitava o escravo ao serviço, que era obrigado a fazer por bem ou por mal.

Os portugueses conheciam a escravidão dos negros, desde

o tempo dos arabes e mouros na Peninsula, e tendo guerras na Africa, tambem era para elles uma coisa comezinha a existencia da escravidão.

Desde que descobriram o littoral occidental africano foram provavelmente levando escravos para o reino, e sabe-se que Gil Eanes para lá conduziu primeiro os azenegues, mestiços de arabes e pretos das costas visinhas ao cabo Bojador.

A descoberta da America trouxe logo como resultado a escravidão dos indios.

As cartas dos primeiros jesuitas aqui chegados, o roteiro da náu *Bertôa* e outros documentos antigos, não deixam duvidas a respeito.

Durante muito tempo fizeram-se aqui caçadas regulares aos indios dos sertões e este era um dos negocios que mais incitava a cobiça das bandeiras, que partiam da Bahia e de S. Paulo para os desertos de oeste e que deram como resultado as descobertas de minas e as explorações e descobrimentos dos rios e das terras do interior do Brasil.

E' muito provavel, porém, que além do escasseamento dos indios, um outro factor concorresse para estabelecer a introdução dos negros e desenvolvê-la.

Os negociantes e fazendeiros do littoral conheceram que a introdução dos africanos vindos pelo mar sahia mais barata, do que a caçada dos indios.

Além de que, como elemento de trabalho o africano parece ter sido muito superior ao indio, por ser mais robusto, mais resistente, mais laborioso e impossibilitado de fugir; tambem não era absolutamente protegido como o indio era pelos jesuitas e por algumas ordens régias, que por menos obedecidas que fossem, sempre mereciam, pelo menos, alguma hypocrisia, ou certos cuidados em violal-as, como acontece a todas as leis em todos os paizes e tempos.

São muito conhecidos os Alvarás dados pelos soberanos aos jesuitas, em favor dos indios do Brasil.

Ha porém outros alvarás e cartas régias que se não declararam deverem ser applicados sómente em favor dos indios e que portanto, se estendem, a todos os escravos, sem que, entretanto, a protecção real fosse muito efficaç para os pretos, como o dá a entender o documento seguinte, o que, aliás, não deve admirar, pois que tambem muitas vezes não o foi para os indigenas.

«D. João por graça de Deus etc.

Faço saber a vós Vice-Rey, Governador e Capitão General de mar e terra do Estado do Brasil que sendo informado pelo Chancheller dessa Rellação, em carta de vinte e quatro de Novembro de 1707, que a ordem que se passou no anno de seiscentos e setenta e oito pella qual se encommenda aos Governadores Geraes que se tenha especial cuidado de que os senhores não castiguem os seus escravos rigorosamente se não observa, antes a dicimullão de se executar, tem facilitado aos ditos senhores de escravos usarem com elles castigos tiranos; e ser justo se evitarem estes exemplos, por não dar occasião as queixas dos mesmos escravos, vos encommendo muyto a infallivel execução da dita ordem. El-rey Nosso Senhor o mandou por Miguel Carlos Conde de S. Vicente, General da Armada do Oceano, do seu conselho de Estado e Guerra e Presidente do Ultramarino e se passou por duas vias.

Miguel de Macedo Ribeiro a fez em Lisboa, a 17 de Janeiro de mil setecentos e quatorze».

Parece, porém, que o indio foi sempre mais protegido, emquanto que para o africano não havia restricção ao poder do senhor.

Todas estas causas deviam ter contribuido para o augmento do trafico aqui, como incessante corrente.

Quaes as tribus negras importadas é difficilimo responder com precisão, e ainda peor dar a sua distribuição regional, no Brasil.

Nem na Africa barbara, nem no Brasil, que pouco dahi distava, houve cousa que se assemelhasse a uma estatistica destas, ao que me conste.

Lá, á proporção que iam faltando no littoral, sahiam os negros a procurar escravos no interior e variavam as zonas devastadas, por estas expedições de escravizadores.

Todos os viajantes da Africa Central, Livingstone, Cameron, Serpa Pinto, Capello e Ivens, todos se referem ás aldeias desertas, aos restos de populações foragidas pelos mattos, que encontravam como resultados das expedições escravistas.

Portanto é fóra de duvida, que os mais variados typos para cá vieram e sabemos pelos proprios africanos, que havia entre elles muitas tribus, diversas umas das outras, mas faltam-nos elementos seguros e dados que nos autorizem a dizer com firmeza sobre todas ellas.

Por tão ponderosas razões foi que eu declarei acima que

não me responsabilisava pela relação da 6.^a these, limitando-me apenas a uma simples contribuição para o estudo della.

E falo assim, porque a questão augmenta de interesse e difficuldade estudando quaes as tribus introduzidas em todo o Brasil durante todo o tempo que durou o trafico.

Quero crer que outros estejam mais habilitados do que eu a enfrentar seriamente o assumpto.

Nesta communicação quasi que somente posso me referir á Bahia, onde o trafico legitimo e illegitimo se fez em larga escala, assim como no Rio de Janeiro.

Sendo perfeitamente plausivel, que grande numero de tribus africanas tivessem sido introduzidas, vindas não só da costa occidental do continente negro, como do centro delle, posso affirmar, por informações seguras, que concorreram consideravelmente como elementos ethnicos para a formação do povo brasileiro as seguintes:

Os YORUBAS.—Esta tribu foi uma das que com maior numero de individuos concorreu para a massa servil transportada para a Bahia e provavelmente para o Rio de Janeiro.

E' este um povo africano, habitando nas proximidades do golpho de Guiné.

Os arabes chamam Yariba o territorio donde elles eram naturaes e que comprehende tambem a terra dos Egbas ou Nagôs.

Os africanos mesmos chamam Yariba a porção mais septentrional do paiz.

Convem notar que desde a Costa dos escravos na Guiné, subindo para o norte e o interior, tudo se chama Yoruba, habitando ahi não só os Yorubanos propriamente ditos, como os Egbas mais proximos á orla banhada pelo mar e a leste do vasto territorio do Dahomey.

Os Yorubas passam por muito commerciantes, faladores e imaginosos.

Falam uma lingua ou dialecto proprio que tem grammatica traduzida já para o inglez, e que parece ser a lingua mãe dos povos da Guiné.

Os Yorubanos passam por pouco guerreiros, preferindo arranjar e liquidar as suas divergencias por meio de transações ou conchavos.

Attribuem-lhes tendencias para a poesia, as artes e as leis, o que tudo indica facilidade para se estabelecer entre elles a civilisação, mas tambem explica a docilidade com a qual se submettiam á vida servil.

E' profunda a influencia delles entre os africanos na terra do exilio e do infortunio.

A religião dos Yorubanos é o mahometismo, em alguns districtos, noutros o fetchismo; parece que a maior parte dos vindos para aqui como escravos era fetchista, e, pelas qualidades que elles mostravam, pode-se dizer intellectuaes da raça, e pelas habilidades, não é de admirar que conhecendo as vantagens que o predomínio religioso dá aos que o exercem, fossem os Yorubanos os mais conhecidos e influentes sacerdotes de sua seita.

O certo é que nos tempos proximos a nós os ritos yorubanos fetchistas eram os mais seguidos no Brasil, ou pelo menos entre os pretos da Bahia.

As cidades mais notaveis em seu paiz actualmente são: Ilorin, cuja população é, em sua maior parte, mahometana, Oyo, tambem mahometana, Ogbomoso, Oshobo e Ibadon, onde prevalece o fetchismo.

Qual a proporção dos Yorubanos em relação aos outros africanos que vieram para o Brasil como escravos?

Não o posso dizer em um só ponto deste paiz, quanto mais em uma distribuição geographica geral, como o pede a these 6.^a!

Segue-se em o numero de individuos que vieram escravos, fazendo-se a estimativa por informações fornecidas hoje, e, portanto muito susceptiveis de enganos e erros, um outro povo, cuja patria é visinha da dos Yorubanos, isto é, o povo Egbá ou Ebba.

O que eu sei dos Egbas por diversas pessoas que trataram com elles e que os conhecem ainda agora na Africa, é que são muito intelligentes, dados ao commercio, imaginosos e industriosos, e é fóra de duvida que entre os africanos importados como escravos, havia homens e mulheres muito intelligentes e habéis, e ainda não ha muito tempo que as mulheres africanas e suas descendentes usavam, aqui na Bahia, em grande escala, os pannos listrados, fabricados na Costa da Africa, pelo que eram chamados *pannos da Costa* e que é uma industria d'aquelle paiz.

Pelos meados do seculo 19.^o quasi todas as artes e officios eram exercidos no Brasil geralmente por africanos que os aprendiam aqui. Muitos foram mestres de officinas, consummados pedreiros, carpinteiros, barbeiros, sapateiros, alfaiates, calafates, etc.

Dizer bronco como um africano não é exprimir uma verdade que se possa estender por analogia a toda a raça.

Para estabelecer uma comparação, basta lembrar que os gallegos da Península Iberica nunca passaram por muito intelligentes, e não se pode applicar o labéo de estupidez aos hespanhoes e portuguezes por causa disto.

E' bem sabido que os bretões levados noutro tempo para Roma, como escravos, eram tidos por muito brutos, e hoje ninguem pode dizer que haja raça mais intellectualmente capaz e mais aberta a todas as elevações de que é susceptivel a especie humana.

E não se deve esquecer que se trata, falando de africanos, de individuos em estado barbaro, na sua quasi totalidade.

Alguns delles, especialmente entre os que eram mahometanos, aprendiam aqui a ler e escrever.

Ha tambem a considerar que os desgraçados não podiam se revelar senão em estado de profundo abatimento intellectual, no meio da immensa desgraça que os esmagava tão injustamente.

Agarrados por surpresa, de repente, nas suas cubatas ou n'uma festa, obrigados a marchar em lótes de captivos, amarrados ou soltos, mas entre duas filas de guardas, até o barracão da costa, onde ficavam sob vigilancia, atirados ao porão de um barco, accumulados, entre martyrios e soffrimentos sem conta, durante um ou mais mezes de travessia, desembarcados ao chegar á America, num paiz estranho, para um outro barracão, apenas com um panno para servir de tanga, quando era exposto na rua para vender, tratado como um animal, vendido, chicoteado, despresado, obrigado a aprender uma lingua estranha a poder de bordoadas e a rezar as orações de uma religião que não podia comprehender, mas em que lhe faziam crer ou fingir que cria, á força de pancadas, não é realmente tudo isto escola capaz de desenvolver as faculdades nobres do homem.

Admira até como a loucura não fazia ampla seára nestes lótes de escravos! E é certo que uma das maiores perdas dos importadores e dos compradores de negros novos, era causada pelos suicidios.

Assim entrava o africano na escravidão em terras do Brasil!

As testemunhas do tempo do trafico que tenho ouvido, todas dizem uniformemente isto ou coisas muito semelhantes.

Ferdinand Denis descreve assim o que viu no Rio de Janeiro e na Bahia.

Tenho interrogado diversas pessoas idosas, de cuja sin-

ceridade não tenho razão para duvidar, e numerosos antigos escravos.

Todos narram, pouco mais ou menos assim o inicio da vida do desgraçado servo em nosso paiz.

Uma vez desembarcados, os que eram comprados pelos fazendeiros seguiam para as plantações, onde eram entregues aos feitores.

Os vendidos na cidade eram aquelles a que se applicavam mais exactamente á aprendizagem da lingua e da religião que descrevi acima.

O recém-chegado era appellidado—*negro novo*, o já instruido rudimentarmente—*negro ladino*.

Podiam na sua generalidade revelar as qualidades de intelligencia proprias do individuo ou da raça, estes estrangeiros recém-chegados em taes condições?

Parece que não.

E se collocassem europeus em situação identica, não sei se elles não mereceriam tambem o appellido de brancos e brutos!

Ha brancos e brutos em toda parte e mesmo entre as raças mais intelligentes, mas, força é confessar que, familiarizados com o paiz, o meio e a sua condição, muitos africanos revelaram signaes e deram provas de intelligencia, que devem ser mencionadas e estudadas convenientemente, para evitar aqui a reprodução, sem exame nem escrupulo, do que tantas vezes nos faz rir, no estrangeiro, quando ouvimos apreciações sobre a Geographia e Historia da nossa terra, principalmente em meios muito cultos e por pessoas que suppunhamos mais habilitadas do que se revelam em taes occasiões.

Qual a proporção de Egbas na população escrava em cada seculo, em cada uma das nossas provincias, quaes os officios que exerceram os individuos desta nação?

Eu não sei dizer.

Sei que muitas vezes elles se confundiam com os Yorubas, o que era muito facil dar-se, pela semelhança da lingua.

Tenho seguros informes de que a lingua dos Egbas não é igual a lingua dos Yorubas, mas, muito se assemelha a ella e elles se entendiam, o que se explica pelo que me informaram sobre a lingua yorubana.

Quasi todos eram fetchistas.

Hoje, o paiz habitado pelos Egbas propriamente ditos,

constitue uma confederação de tres estados principaes: Akê, Osile e Agurá.

As suas cidades mais notaveis, são todas nas proximidades do golfo de Guiné, a saber: Akê, Egbado, Ilugo, Wassini e Abeokuta.

Esta Abeokuta deve a sua existencia ao trafico, porque se conta que de 1825 a 1830, os povos do paiz de Yoruba, portanto yorubanos, egbanos, etc., exasperados pelas devastações que entre elles faziam os ataques dos escravizadores que os perseguiram nas suas aldeias sem defesa, se reuniram e fundaram esta cidade de Abeokuta sobre um blóco de granito, onde se podiam defender dos seus perseguidores. Cada tribu tinha seu quarteirão, conservando o nome que caracterisava a aldeia de onde tinha vindo. Esta cidade chegou a ter cerca de 100 mil habitantes.

Entretanto os proprios negros tinham escravos em Abeokuta, pelo que este nome é um dos mais celebres na historia do trafico e conhecido de quasi todos os pretos.

Talvez isto se explique attendendo ao que diz o missionario italiano Borghero, quando affirma que Abeokuta é a chave das estradas que vão para o Sudan, razão pela qual supponho que muitos dos pretos que se diziam vindos de Abeokuta, por alli tinham passado ou alli tinham demorado, trazidos em caravanas dos sertões africanos em direcção á costa.

Lutando com algumas difficuldades consideraveis, mesmo para uma simples communicação como esta, avulta entre ellas nas minhas reflexões uma que é tão grande como a falta de informações ouvidas dos pilotos, dos commandantes dos navios negreiros e dos commerciantes e corretores de escravos que não existem mais na Bahia. Tal é a difficuldade que resulta para mim da completa ignorancia das linguas africanas.

Ha muitas designações que eu ouvi em menino, que não me parece terem a significação e o sentido que hoje lhes são dadas, em trabalhos que tenho lido e na conversa de pessoas com as quaes tenho tratado sobre este assumpto, o que é uma das causas numerosas de erros sobre a comprehensão das tribus africanas que vieram para o Brasil.

Uma destas denominações é a de Malê, dada a uma raça ou tribu, de modo que é muito frequente ouvir a phrase ou lèr em documentos de *nação Malê*; agora mesmo, recebendo uma nota de pessoa que conhece muitos africanos e que tem sobre elles certa ascendencia, a ponto de o chamarem *hogan*,

que é uma especie de patrono ou protector das suas festas e cerimoniaes fetchistas, encontrei entre as raças ou tribus mencionadas a dos *Malês*.

Supponho, entretanto, que esta designação indica os que adoptavam a seita religiosa do mahometismo e que é uma corruptela da expressão portugueza *Ma-lei*, dos que não seguiam a lei que os catholicos julgam unica e boa, a qual é a sua, e que communmente designam sob a formula de *boa lei, lei de Deus*, etc.

Sendo os mahometanos sectarios de uma religião regularmente organizada, superior as crenças absurdas e incertas do fetchismo, naturalmente não a misturavam com o christianismo, não enxertavam praticas do catholicismo, com as suas, como fazem os fetchistas africanos no Brasil e penso que sendo isto percebido pelos brancos catholicos, faziam distinguir taes africanos dos fetchistas, dando-lhes a denominação de *Malês* que vem a ser mahometanos.

Ora havia muitos africanos mahometanos entre os escravos.

A ser assim dá-se erradamente aos sectarios de uma seita religiosa um nome que se attribue geralmente ser o de uma raça.

O advogado bacharel Maxwell, de origem africana, muito conhecedor de coisas da Africa, consultado por mim, concorda que a palavra *Nagô*, outra expressão susceptivel de mais de um sentido entre nós, no tempo da escravatura, parece indicar *preto* em opposição a *oybô*—branco. *Avvon a nagô*—os homens pretos; *avvon oybô*—os homens brancos.

Entretanto a expressão *Nagô*, supponho que tambem era empregada geralmente como synonyma de Yorubano ou Eg-bano.

Por occasião da ultima grande revolta servil da Bahia, em 1835, nos processos instaurados contra os pretos implicados nella, eu encontrei sempre a designação *Nagô* empregada antes do nome ou depois d'elle.

A expressão *F... de nação nagô*, se acha em quasi todos os autos.

Dizia-se constantemente um *preto nagô*, pelo que eu não sei bem se se deve entender esta palavra como synonyma de africano em geral ou como qualificando individuos de uma raça ou tribu.

Parece-me que a confusão de chamar—*nagôs* indistincta-

mente a todos os pretos, era muito frequente, porque o vulgo não distinguia os Egbas dos outros africanos.

Vivien de S. Martim, no seu dictionario de Geographia classifica como *nagôs*, somente os Egbas e diz: que são elles negros mais sociaveis do que os Dahomeyanos e os Minas.

Calcula a população do territorio occupado por elles em cerca de 250 mil habitantes.

Este territorio, visinho do de Porto Novo, se estende a lèste do Dahomey e comprehende a parte sul do Yoruba, como já tive occasião de indicar acima.

Os Egbas ou *nagôs* têm ordinariamente tres córtes ou lanhos transversaes na face. Gostam muito de braceletes de cobre e de prata de que usam como adorno.

O facto das linguas Yorubana e Egbá serem muito semelhantes e faladas ou entendidas pelos povos da Africa occidental, nas proximidades do golfo de Guiné, explica, assim como as qualidades e aptidões dos Yorubanos e Egbanos, a especie de ascendencia que elles exerciam sobre outros africanos aqui, o que se revelava pelas praticas religiosas fetichistas e pela influencia dos mesmos em conselhos e nos habitos e costumes dos escravos.

Tanto os Yorubanos como os Egbanos eram altos, robustos, bem feitos, laboriosos, dados aos pequenos negocios, de modo que além dos officios eram empregados pelos senhores em vender e mercar.

Quando fôrros viviam de negocios que faziam, chegando muitos a posições relativamente folgadas, gosando de credito nos centros commerciaes.

Muitos tornaram-se proprietarios e chegaram á abastança.

Quer mahometanos, quer fetchistas os africanos eram polygamos. Era muito raro que o africano fôrro, estabelecido num lugar, com qualquer meio de vida, não tivesse mais de uma mulher, na mesma casa ou separadamente. O que se dava é que uma tinha uma certa superioridade ou preferencia sobre as outras, caso em que era considerada *Yalê*, que quer dizer chefe da casa.

Pretos escravos trabalhavam muitos annos, economisavam para libertar as mulheres, com as quaes se ligavam, pretas africanas ou creoulas e todos os que conheciam os africanos sabem o seu espirito de economia, assim como a firmeza do trato, a que se pode chamar honestidade commercial.

Os africanos são neste particular, como em alguns outros, muito superiores aos seus descendentes, os creoulos ou pretos nacionaes.

E' de notar que elles despresavam os filhos que davam para ebrios, perdularios, ladrões, etc.

Uma vez tratado um negocio com um africano, podia-se confiar nelle, pois consideraria aquillo como uma obrigação, que se cumpria religiosamente.

Era muitissimo raro ver um africano calotear, comprometter-se a pagar uma casa e não o fazer, desperdiçar na bebida, o que devia empregar em saldar seus compromissos, deixar para outro dia o que tinha de fazer, pelo sol, pela chuva, pelas mil cousas engenhosas emfim, que a preguiça inventa entre os creoulos.

O africano em geral commerciava muito.

Ainda hoje mulheres africanas muito idosas se vêem nas ruas da Bahia a conduzir, quasi se arrastando, pequenos negocios dos quaes tiram um lucro minimo, como o dos amendoins torrados ou cosidos, a massa de milho branco cosido, que se toma com o café pela manhã, rodellas de canna atadas com uma palha, iguaria predilecta das creanças que ellas têm o habito de vender à tarde, e os mingaus que se vêem nas visinhanças dos quarteis, fabricas, etc., quasi sempre pela manhã cedo.

Obtida a liberdade, após uma economia aspera e terrivel de muitos annos, o primeiro pensamento do africano era ter um trabalho.

Inactivos em regra geral pode-se dizer que não ficavam.

Além de laboriosos os africanos eram exactos cumpridores dos seus deveres e obrigações; não parecem ter herdado delles os habitos de desleixo, relaxação de deveres e falta de cumprimento das obrigações contrahidas, que são tão frequentes nos creoulos e mestiços seus descendentes.

Estes são mais ageis, espertos e activos, mesmo mais intelligentes ou antes têm a imaginação mais viva do que os africanos; mas, em geral lhes são inferiores no amor ao trabalho, na perseverança e em outras qualidades moraes.

Por causas que devem ser estudadas, os descendentes degeneraram tambem em vigor physico; uma das characteristics do africano era a robustez e é incontroverso que os creoulos, mulatos e caibras descendentes delles apresentam typos magros, fransinos, dos quaes os mais robustos não attingem o vigor da media dos africanos, seus ascendentes,

Continuando a enumeração das nações ou tribus cujos filhos vieram para o Brasil, devemos citar os Eguns ou Gegis.

GÊGIS — Os conhecedores de escravos deram-os como grosseiros, indolentes, inclinados á embriaguez e diziam que os escravos *gêgis* eram pouco inteligentes em geral.

Todos eram fetchistas. O povo habita nas visinhanças do Porto Novo, colonia européa hoje e isto explica o terem vindo muitos para cá.

Eram na Africa e ainda hoje são agricultores.

As cidades Africanas dos Gêgis são Ala e Agaxê ou Aguê, que é Porto Novo.

Esta cidade tornou-se um dos emporios, ou mercados de escravos vindos para aqui.

Entre as informações recebidas tenho a notar a circumstancia de serem unanimes as observações relativas á preguiça e embriaguez dos homens, lascivia das mulheres e superstição fetchista em todos os dois sexos, dando-se a coincidência de misturarem muito aqui o fetchismo com as devoções e praticas do christianismo.

A lingua gêgi é muito pobre e a isto deve-se socorrerem-se elles de muitas palavras portuguezas na conversação, de modo que as conversas dos gêgis eram entendidas pelos portuguezes e brasileiros com facilidade, havendo além da exuberancia de gestos, a mimica exaggerada dos africanos.

Pelo que parece é destes e dos Angolas que derivam os maiores defeitos dos mestiços e creoulos.

De Dahomey vieram muitos milhares.

Estes eram inteligentes, industriosos e bons trabalhadores.

Lá na Africa é um povo viril, guerreiro e activo.

Com a forma geral da cabeça e da face que não é bella, tinham os africanos do Dahomey porém a belleza do vigor e da força.

Altos, bem desempenados, as espaldas fortes, braços musculosos, attitudo de ousadia e firmeza; as mulheres tinham tambem, como é de presumir pelas dos homens, formas bem proporcionadas.

Eram considerados dos melhores entre os escravos, pela resistencia no trabalho, pela firmeza e bravura.

São por semelhantes qualidades dignos de attenção, como todo o povo, e até todo o individuo em que se percebe força, belleza de forma, musculatura que se pode mostrar sem vergonha.

Este povo, entretanto, tem uma lingua muito igual a dos gêgis, com os quaes elles se parecem um pouco.

Os costumes, porém, eram muito diversos e revelam nos dahomoyanos capacidade e nos gêgis enfraquecimento e decadencia.

Tanto os gêgis, como os dahomoyanos não eram muito pretos, ou *retintos*, como se dizia; a côr delles é um pouco de azeitona, sendo o cabello encarapinhado, como nos outros.

TAPAS.—Tanto na Bahia como no Rio de Janeiro havia muitos Tapas.

O povo tapa é na Africa de pastores e mostra pronunciada inclinação para o commercio e com esta gente se mistura e confunde muito a de uma outra tribu que deu muitos escravos para o Brasil, como foi a dos Ijesas que elles pronunciam Ijexas.

Este povo se confunde com uma outra tribu que parece ser um ramo dos Ijesas, isto é, os Yjebus ou Yebus e é muito provavel que no tempo do trafico denominassem indistinctamente a uns e outros ijesas.

A lingua falada por elles é muito semelhante a dos yorubanos e egbas, de modo que estes e os ijesas ou ijebus se comprehendiam.

Os districtos que elles hoje habitam são conhecidos pelos nomes de suas principaes povoações—Ilesa e Ifê.

São entre os africanos considerados como grosseiros e abrutados, pela pronuncia aspera, os modos bruscos e a força.

A fôrma do corpo e os traços physionomicos são ordinariamente mais duros do que os dos outros.

Os proprios africanos dão-lhes o appellido de feios.

Pessoas conhecedoras da costa occidental da Africa, onde hoje o estado barbaro destes povos está muito modificado, fazem apreciações muito differentes dos Ijesas ou Yebus, julgando-os astutos, expertos e dados ás especulações e negocios.

ANGOLAS.—Consideraveis porções de escravos desembarcaram nos portos do Brasil, desde os primeiros tempos da Colonia, vindos de Angola e os elementos ethnicos deste povo ahí estão em multiplos typos de gente do nosso paiz.

O sr. Oliveira Martins calcula que só de 1575 a 1591 vieram para o Brasil cerca de 50 mil pretos angolas.

E esta corrente não cessou porque sempre se acham referencias aos escravos angolas nos mais antigos documentos da colonia.

Novo Redondo, porto situado ao norte de Benguella e ao sueste de S. Paulo de Loanda, foi uma das paragens mais frequentadas pelos navios que do Rio de Janeiro iam para a costa de Angola fazer o resgate de escravos, levando aguardente, tabaco, facas e missangas, pólvora, chumbo e fazendas, pelo que se pode considerar este lugar um dos grandes mercados de escravos na costa africana.

Altos, mais delgados do que os outros africanos, mais fracos physicamente, parece delles descenderem numerosos individuos aqui na Bahia e no Rio.

No Rio e em Pernambuco são conhecidos com o nome de capadocios, capoeiras, etc. Elles tinham defeitos que são communs nos nossos creoulos e mestiços.

Os angolas eram conhecidos por loquazes, imaginosos, indolentes e insolentes, sem persistencia para o trabalho, ferteis em recursos e manhas, mas sem sinceridade nas cousas, muito faceis de conduzir pelo temor dos castigos, e ainda mais pela alegria de uma festa, mas tambem voltando as costas ao receio, desde que elle não estava imminente; pouco cuidadosos da responsabilidade do que se lhes confiava, entusiasmado-se por qualquer assumpto e fazendo chacota delle pouco depois, mostrando ter grande predilecção pelo que é relusente e ornamentado, como todos os povos de imaginação viva e ligeira.

Muitos usavam uma argolla pequenina na orelha esquerda, costume ainda hoje seguido pelos mestiços que se fazem passar por valentes.

Por estas qualidades não eram bons escravos para o campo e preferiam-os para os serviços de casa, como os romanos preferiam os escravos gregos e orientaes, por motivos analogos para elles, a corrupção e a sensualidade.

Com os Angolas se assemelham os Minas.

Os Minas, que em Africa se denominavam Agoins, dividem-se em dois grupos; um que habita o territorio do Popô, que é actualmente colonia allemã, e outro a Costa do Ouro.

Os que habitam a Costa do Ouro são os Fantees.

Acredito que vinham para cá de uns e outros, e a todos se dava a denominação de *negros Minas*.

Os Fantees são pescadores, têm a tez clara, entre o azeitona e o bronze, e um pouco mais delicados do que os outros africanos.

São intelligentes, porém preguiçosos, dados aos vícios e professam o fetchismo.

Os Agoins são inclinados á embriaguez, muito sensuaes e conhecidos pela perfeição com que praticam a arte culinaria, que é uma especie de prazer material.

As mulheres Minas eram conhecidas pela libidinagem e até se diz que os portuguezes e os francezes as preferiam por semelhantes razões para concubinas.

Eram homens e mulheres não só geralmente cosinheiros, como criadas peritas, portanto empregadas nos serviços domesticos, onde se exerciam as suas qualidades de docilidade, de agrado aos senhores, etc.

Os pretos Minas, se bem que não apresentassem as mesmas tendencias dos Angolas, para a falta de respeito a si mesmo, para a ausencia das noções de equidade e justiça e para o seu proprio melhoramento, soffriam tambem a influencia, como os Angolas, dos attractivos das festas e dos vestuarios. Eram, porém, laboriosos, fortes e considerados como fieis e bons escravos.

Como se vê do documento abaixo, não concordavam nos tempos coloniaes as opiniões sobre os pretos Minas e os Angolas escravos e até ao soberano subiram estas divergencias no modo de julgar a capacidade desses escravos para o trabalho, o que é indicado pelo documento seguinte:

«Pela copia do edital que com esta remetto será presente a V. Mag^{de} terce dado cumprimento ao que foi servido ordenarme por esta Provisão e como nella se determinava que os negros que viessem de Angolla para esta praça e della fossem por negocio para as Minas pagassem de sahida seys mil reis sendo pessas da India e os da Costa da Mina a tres por cabeça por serem inferiores e de menos serviço que os de Angolla o que he tanto pello contrario que os que vem da Mina se vendem por presso mais subido por ter mostrado a experiencia dos Mineiros serem estes mais fortes e capazes para aturar o trabalho a que se applicão; o que me obrigou a consultar esta materia com os Ministros e pessoas de mais intelligencia e Resolvi a que vista a equivocação que ouve no valor de huns e outros negros pagassem todos igualmente a 4\$500 por cabeça e nesta forma interessa a Real Fasenda de V. Mag^{de} os mesmos direitos que importam os direitos de tres e seys e como os negros que vão para as ditas Minas só são aquelles que logo podem trabalhar me pareceo se não pagasse tal direito por lotados para evitar as negociaçoens e enganos que em semelhantes avaliações costuma haver e o prejuízo que dellas havia de resultar á fasenda de V. Mag^{de}.

De Julho 28 de 1714».

HAUSSÁS—São estes os judeus africanos, como lá no continente negro os denominam.

Falam uma lingua semelhante a dos Tapas e parece haver alguma coisa que approxima estes dois povos, o que isto claramente indica. Tanto uns como outros são, na sua maioria, mahometanos, e entre ambos é muito frequente nos homens o uso de um pequeno cavaignac, sem bigode.

Altos, robustos, laboriosos, muito dados a todas as especies de negocios, eram muito conhecidos na Bahia e nos ultimos lustros do trafico por uma circumstancia toda especial.

Na epocha em que pelos tratados se promettia tudo fazer para abolição do trafico, já condemnado e considerado illegal, mas em que clandestinamente se introduziam negros por contrabando, o que exasperava os cruzeiros inglezes, acontecia que em nosso paiz, algumas vezes, até nas visinhanças ou arredores das grandes cidades, se desembarcavam negros vindos da Africa.

As praias dos logares chamados Areia Preta, Lagôa, Armações, bem proximas do Rio Vermelho, uma legua ao norte da Barra da Bahia de Todos Santos, viram mais de uma vez chegar os bôtes dos navios negreiros que bordejavam ao largo, á vista de terra, para despejar a mercadoria cujo valor ia crescendo com as difficuldades que a marinha ingleza causava e que era agora preciso metter no paiz sem desembarcar nos caes da cidade, afim de dar ao negocio uma apparencia de coisa que as authoridades não viam e a respeito de cujos mysterios os commerciantes e agentes contavam á socapa particularidades que seriam escandalosas se fossem pronunciadas abertamente.

Depois da lei brasileira que prohibiu expressamente o trafico augmentou elle espantosamente, comparado com a media annual anterior, como se vê pelo seguinte demonstrativo da importação, segundo a obra do sr. Perdigão Malheiro.

Em 1845.....	19,453	escravos africanos
» 1846.	50,324	» »
» 1847.....	56,127	» »
» 1848... ..	60,000	» »
» 1849.....	54,000	» »
» 1850.....	23,000	» »

sommando portanto em seis annos duzentos e quarenta e tres mil quatrocentos e noventa e seis (243,496) individuos.

Em certa occasião foi tão escandaloso o facto da presença, dos negreiros na costa da Bahia, ou actuaram taes ele-

mentos que o presidente da Provincia viu, ou que a policia teve ordem para ver, pelo que foi descoberto um grande carregamento de escravos recentemente desembarcados e um grande numero de pretos Haussás deveu a isto a liberdade.

Espalharam-se muitos na cidade da Bahia e lembro-me eu particularmente de um preto no vigor da idade, robusto e muito manso que tratava dos cavallos dos officiaes do batalhão da policia e a quem chamavam Haussá, porque este nome se estendeu a todos os individuos, da mesma tribu, como se fosse nome de um homem.

Os *Haussás* eram na sua generalidade muito fortes e valentes.

Em quasi todas as revoltas servis da Bahia se encontravam *Haussás* e uma dellas foi promovida e levada a effeito quasi exclusivamente por pretos desta nação, aos quaes os individuos de outras tribus, tambem implicados ou comprometidos no levante, trahiram na hora do rompimento.

Esta revolta é mesmo conhecida na Bahia com o nome de *Levante dos Haussás* e teve logar em 8 de Junho de 1807.

KRUMANOS. — Os Krumanos eram considerados pelos proprios africanos como grosseiros e estupidos e somente proprios para os trabalhos e serviços muito pesados e inferiores.

Muito fortes pela construcção do esqueleto e pela musculatura, eram morigerados, trabalhadores pacientes e bravos, mas muito timidos, moldaveis a tudo e fieis.

Eram todos fetchistas e o culto que professavam differia do que era observado pelos outros, porque não só adoravam a lua como a certos animaes.

TIMINIS. — Vieram tambem para o Brasil muitos Timinis, habitantes da Serra Leôa e visinhanças.

Eram bons escravos, intelligentes e fortes, o que constituia a qualidade mais procurada nos pretos, pois o trabalho que se exigia delles era feito quasi sempre sob um sol de fogo, com o corpo nú de manhã á noite, exceptuando um intervallo para comer e descanso.

E para supportar este duro serviço nos cannaviaes, ou no campo em qualquer outra cultura, sob a acção enervante dos climas ardentes, sem fraquejar um só instante na penosa faina, era preciso ser insensivel.

Os Timinis falavam um dialecto que tem o mesmo nome da tribu e que é derivado do Yoruba, se bem que mais pobre.

Vieram para aqui tambem muitos escravos Benins, Ijós, Kekiris, recrutados, caçados, negociados nas margens do golfo de Guiné, onde em grande parte se faziam os carregamentos de escravos para e Brasil.

Tenho informações seguras de uma outra tribu africana que deu muitos escravos para cá, como os *Filani*, ou *Filanins*, de tez clara, puxando a azeitona, ou antes castanho, e em que a pupilla não era sempre preta, o que ás vezes tambem se encontrava nos Gêgis.

Eram sociaveis, brandos, bons e fieis criados, e apresentavam traços mais finos do que os outros africanos, assim como o sentimento affectivo bem pronunciado.

Os crusados ou mestiços, filhos de mulheres filanins e brancos, quasi sempre eram mulatos claros, de fórmias muito bellas e physionomia agradável, porque nelles a face não tinha a saliencia mollar commum nos africanos nem o nariz achatado.

São conhecidos sob o nome de fulos ou fulas.

Entre os negros importados havia uns a que chamavam na Bahia, *caras queimadas* ou *Effans*, porque homens e mulheres tinham manchas nas faces, que indicavam haverem sido queimadas em pequenos, o que era naturalmente um costume da tribu, como é a perfuração dos labios e das orelhas, a deformação dos pés e a incisão das faces, da pelle das espaldas e de outras partes do corpo, por muitos pequenos lanhos parallellos feitos para signaes de belleza.

Alguns pretos de cara queimada eram indomaveis, ferozes, temidos pelos proprios africanos; os senhores tratavam-os com extrema dureza e elles soffriam os mais crueis supplicios, estoicamente e sempre indomitos.

Não conheço particularidades sobre estes pretos, assim como sobre muitos outros que chegaram aqui misturados com as massas dos Yorubas e Egbas vindos de diversos pontos, como já tenho dito, e assim havia Mandingas, Yalofos, Benguellas ou Yanguellas, Bengalas, mas não colhi informações de outras muitas tribus citadas pelo Snr. Rocha Pombo.

E' certo que, como acontece com todas as mercadorias, foram em algumas praças melhor cotados pretos de certa procedencia que não eram bem vendidos em outras, pelo que pode ser muito bem, que individuos de raças diversas das que chegaram aqui, fossem levados ao Rio de Janeiro e assim apparecessem ahi em maior variedade de typos, ou mesmo typos diversos dos de cá.

Não posso affirmar, porém, porque não tenho segurança a respeito destas outras numerosas tribus de negros: Mandingas, Balantos, Vatuas, Bechuanas, Ba-Cançadas, Barrocos, Manganjas, Moçambiques, Ambaquetos, Luisianias, Gingas, Monjolos, etc.

Acredito que no seculo 19.^o, talvez no 18.^o mesmo, fossem chegando ao Brasil escravos caçados longe da costa occidental africana, por dever ir escasseando a mercadoria alli e pela cobiça, mas no principio do nefando commercio só se traziam negros das colonias portuguezas da Africa occidental.

A designação geral deste trafico nos mais antigos documentos que tenho encontrado, é a de resgate a negros de Guiné, ou escravos de Guiné ou de Angola.

Esta é uma das razões por que julguei muito difficil descrever todas as tribus negras importadas.

Parece-me por tudo isto que para o Rio de Janeiro foram tribus que não conhecemos no Norte.

E' como se explica não termos informações certas sobre os Balantos, Pepeis, Biafaltas, Munurongos, Bambas, Hallos, Maguixas, Bananos, Guinebandos, Ba-banzos, Ba-nhanecas, Ba-muncumbis, Baihindos, Yagos, Nalús, Bahens, Nanjóços, Yalôfos, Sil-dos, Mácuas, Cangaloś, Maranes, Mesimbes, Tarales, Ma-cuacos, Mazazuras, etc.

BENGAS—Encontrei no Archivo Publico da Bahia um curioso documento sobre os Bengas que foram introduzidos como escravos no Brasil e que vale a pena transcrever pela luz que traz sobre certos assumptos nesta questão do trafico.

«Eu—El-rey, faço saber aos que este Alvará virem que havendo respeito á conservação dos meus Reynos e augmento das conquistas, introdusirem-se nellas grande numero de escravos para por esse meyo se fornecerm as terras do Estado do Brasil que necessitão delles para as lavouras do assucar, tabaco e trabalho das minas e offerecendo-se João Darfaint e seus socios Manuel Domingues do Paço, Francisco Nunes da Cruz, Noé Honffaye, Lourenço Pereyra, Bartholomeu Miguel Vianna, todos moradores nesta Côrte estabelecer huma companhia para a costa da Africa para della poderem tirar escravos e leval-os por sua conta a todos os portos do Estado do Brasil, de que se seguirá huma grande conveniencia ao commercio deste Reyno e suas conquistas, obrigando-se com seus proprios cabedaes a fundarem huma Fortaleza no rio de Angas e Ilha do Corisco, na altura de um gráo e trinta minutos na Costa de Gabon, fuy ser-

vido estabelecer e confirmar a dita companhia com as condições seguintes:

1.^o—Que no espaço da Costa que fica entre os dois Termos desta nova Fortaleza e estabelecimento que serão da parte do Norte o rio chamado dos Camarões e da parte do sul o cabo chamado de Lopo Gonçalves como também na ilha do Corisco, ora bocca do rio Angeles, não poderão commerciar embarcações algumas ou sejam de meus vassallos ou de Estrangeiros com pena de serem confiscadas e a sua carga para elle Darfaint e seus socios, os quaes serão executores da mesma pena e só será permittido as embarcações dos meus Vassallos que navegarem com bandeyra portugueza commerciar na Fortaleza e Feitoria do Corisco co elle João Darfaint ou seus commissarios e pelos preços em que convierem huns e outros e as Embarcações Estrangeiras não poderão ser admittidas a genero algum de commercio e só se lhes dará o soccorro de agua, lenha e mantimentos necessarios por seu justo preço em caso de extrema necessidade, sendo estas dos Vassallos dos Principes com quem tenho paz e amizade como se pratica nos portos do Brasil conforme minhas ordens.

2.^o—Que elle João Darfaint e cada hum dos socios nomeados neste Alvará poderão ceder a parte em que se interessão, se entenderem que lhes convem a pessoa com quem ajustarem, tendo para isso approvação minha, ficando estas condições sempre em vigor.

3.^o—Que elle João Darfaint será o commandante da Fortaleza e que ausentando-se della para passar ao Brasil, ou para vir a este Reyno poderá deixar em seu lugar hum official dos Estrangeiros que tiverem para isso approvação minha, ao qual durará a sua commissão por tempo de tres annos, e acabados elles nomeará elle João Darfaint para o mesmo emprego hum Portuguez na mesma forma com declaração porem que aquelles que assim houver nomeado, ou seja Estrangeiro ou Portuguez poderá ser removido antes de se lhe comprirem os tres annos da sua nomeação, se assim o julgarem conveniente elle João Darfaint e seus socios e neste caso nomeará outros com as mesmas circumstancias, principalmente a da minha approvação para cumprir o tempo dos tres annos que faltar ao dito posto, etc; quanto aos soldados se os ouver pagos Estrangeiros haverá outros tantos Portuguezes.

4.^o—Que durante o tempo deste commercio poderá elle João Darfaint e seus socios mandar vir do Norte os generos que lhe forem necessarios para o commercio que intentão fa-

zer nos limites deste Estabelecimento, os quaes generos virão desembarcar neste porto somente em franquia sem pagar direyos alguns de entrada ou sahida quando deste dito porto forem para o dito Estabelecimento aonde terão inteyro consenso, porque os não poderão depois navegar para nenhum dos portos do Brasil, com comminação dos que achando-lhes serão confiscados para a minha fasenda et as embarcações em que forem com toda a sua carga, et para que não possa entrar em duvida quaes são os generos que se lhes permite navegar para o dito Estabelecimento livres de Direyto os declaro são os seguintes — buxios — ferro de suecia em barras — todo o genero de bacias de arame — espingardas — polvora — pederneiras — facas flamengas — cachimbos de gêsso — coral frio em bruto, — missangas de todas as côres de massas — vidros — espelhos pequenos — etc — outras miudezas das mercearias são para a pescaria — agoas ardentes — serafinas ordinarias a que chamão perpetuanas — sempiternas — paneicos — etc — as roupas da India seguintes — Bertangis, — Bertangis mais largo — panno branco — o mesmo riscado — outro branco — azul — outro verde e branco — chitas e drogas de algodão, e assim mais roupas velhas dos linhos destes Reynos somentes e chapéus grossos, e quando pelo tempo adiante se entenda que na costa terão consenso outros generos, alem dos que aqui vão expressados sendo-nos presente se augmentarão aos que ficão referidos se eu assim o houver por bem; com declaração porrem que o sal será somente o que se gaste no dito Estabelecimento, não o podendo levar a algum dos portos do Brasil de bayxo da mesma pena, por se achar esse genero contratado, nem outro qualquer mais que o que produzir a terra do novo Estabelecimento na forma que abayxo se declara.

5.º — Que os navios delles João Darfaint e seus socios poderão ir do Porto do Corisco a qualquer dos do Brasil carregados dos generos que o novo Estabelecimento produzir e de negros, e que nos portos do mesmo Brasil poderão vender os negros e os generos sobreditos, pagando de huns e outros os Direyos que se deverem e que com o resto dos generos produzidos no pais do novo Estabelecimento poderão dos portos do Brazil vir ao desta Cidade e appresentando certidão de haverem já pago no Brazil direyos pelos mesmos generos, lhe serão levados em conta os taes Direyos, e abatida a sua importancia dos ditos Direyos, que aqui devião pagar por inteyro se no Brazil não houvessem principiado o pagamento, e em todo o tempo que lhes for conveniente partir dos portos

do Brazil para esses Reynos o poderão fazer sem esperar as frótas, com declaração porém que assim fóra das frótas do Reyno não poderão tomar no Brazil carga de assucares, tabacos, nem quaesquer outros generos daquelle estado e só poderão trazer o cabedal em ouro, comtanto que antes de partir do Brazil se manifestará na casa da moeda o ouro que houverem de trazer estes navios e delles pagarão o direito de um por cento como havia de pagar se o referido ouro viera nos navios de comboio, e além disto tanto os referidos navios como os que vierem em corpo da fróta pertencentes a esta companhia, ficarão sujeitos a todos os direitos, disposições leis e penas assim já estabelecidos, como as que eu para os mais navios for servido estabelecer, e de todos os outros generos que trouxerem produzidos no paiz do novo estabelecimento a este porto pagarão os direitos que deverem e poderão vender os ditos generos á sua satisfação, sem dependencia dos corretores, excepto pau brazilette do qual poderão trazer somente quinhentos quintaes, os quaes não poderão vender nem dispor delles sem permissão minha para que vendosse o preço porque o poderão dar, eu neste genero de brazilette disponha o que julgar conveniente ao meu serviço e os navios que voltam para as costas de Guiné ou novo estabelecimento não poderão levar ouro algum mais só aquelles generos que são permittidos extrahirem da costa do Brazil nas formas das minhas ordens.

6.º—Que este Estabelecimento de commercio durará por tempo de quinze annos que hão de principiar da datta deste Alvará, passados os quaes lhe será licito a elle João Darfaint e seus socios continual-o se por mim lhes for confirmado por mais tempo, e quando não, entregarão á minha ordem a Fortaleza com todos os mais edificios que tiverem fabricado no districto deste novo Estabelecimento, e com toda a sua artilharia e de mais petrechos, pagando-se-lhes tudo em dinheiro de contado pelo preço que for estimado no estado em que as sobreditas contas se acharem pelos Louvados que de ambas as partes serão Eleytos.

7.º—Que para a boa administração deste negocio poderão elles João Darfaint e seus socios nomear assim nesta Corte como nos portos do Brazil commissario a quem encarreguem, os quaes serão sempre daquellas pessoas que conforme as minhas Leys podem exercitar esta occupação e Vassallos meus.

8.º—Que depois de haverem comprado os navios em nome delles João Darfaint e seus socios, sendo-lhes necessario lar-

gar alguma parte a algum novo interessado não serão por isso obrigados a pagar Direytos no Paço da Madeyra.

9.º—Que para Juiz Conservador lhes nomearey hum dos Desmbargadores da Casa de Suplicação que na Rellação com os adjuntos que o Regedor lhes nomear sentenciará as causas deste commercio na mesma forma em que fazia o Conservador da Junta do Commercio geral, e que este Ministro nomeado será da satisfação delle João Darfaint e seus socios.

10.—Que os navios que elle João Darfaint e seus socios se servirem neste commercio terão a metade dos officiaes e equipagem de portuguezes e a outra metade poderá ser de estrangeiros não sendo de huma só nação e os officiaes serão approvados por mim e no caso delle João Darfaint depois de feito o Estabelecimento haja de sair delle ou para o Brazil ou para vir a esta Côrte poderá deixar em seu lugar por seu Procurador e de seus negocios hum dos officiaes que para isso se acharem approvados por mim e que este se poderá remover na mesma forma que fica dito poderá ser removido o official a quem se entregue a Fortaleza.

E nesta forma e com as condições referidas Hey por estabelecida e confirmada a dita companhia e novo Estabelecimento na Ilha do Corisco no rio de Anges e mando se cumpra e guarde tudo que se contém nas ditas condições e este meu Alvará de confirmação valerá como carta e não passará pela chancellaria sem embargo da Ordenação do livro 2.º titulos 39 e 40 em contrario. Caetano de Souza e Andrade o fez em Lisboa Occidental a 23 de Desembro de 17 e 23 Diogo Mendonça Corte Real o subescrevi.

«Eu El-rey faço saber aos que este Alvará virem que tendo consideração a me representar João Darfaint e seus socios que no Alvará de vinte e tres de Dezembro passado porque confirmey as condições do novo Estabelecimento que se offerecerão fazer na Ilha do Corisco, na quarta condição se diz poderão livres de Direyto os generos nella expressados que se havião de consumir nos limites do dito Estabelecimento e se podia duvidar serlhes permittido o negociar com elles em toda a Costa de Guiné, Hey por bem declarar que não só nos limites do dito Estabelecimento mas em toda a Costa de Guiné, exceptuados somente os Portos pertencentes ao Reino de Angola poderão levar e negociar com os taes generos pelo que mando, que este Alvará de declaração se cumpra e guarde como nelle se contém e baterá como Carta e não passará pela Chancellaria sem embargo da Ordenação do livro 2.º e titulos 39 e 40 em contrario.

Caetano de Souza e Andrade o fez em Lisboa Occidental a vinte e quatro de Janeyro de mil setecentos e vinte e quatro—Diogo de Mendonça Corte Real.

Rey—

Cumpra-se. Bahia Março 2 de 1725.

Vasco Fernandes Telles de Menezes ».

Pelos documentos acima, portanto, se vê que vieram no seculo 18.^o muitos escravos e que se fez muito commercio da ilha do Corisco e margens do rio Angeles para os portos do Brasil, não sabendo eu quando acabou este negocio de João Darcourt e seus socios.

GALLINHAS.—Na Bahia foi muito conhecida uma tribu de pretos chamada dos Gallinhas, nome que naturalmente lhes vem de uma ilha no archipelago de Bissagos ou de um rio que com o mesmo nome se encontra na costa dos Grãos, tambem chamada costa da Pimenta, na Guiné Superior.

Um tal Pedro Blanco formou em 1852 um estabelecimento ao pé do rio Gallinhas para fazer o contrabando de escravos, mas os inglezes destruíram mais tarde os barracões alli existentes, e eu sei por informações de boas fontes que muitos negros Gallinhas foram introduzidos no Brasil após as leis que prohibiram o trafico.

Sei ainda mais que foram construidos *palhabotes*, navios pequenos, de pouco calado e muito veleiros, para serem empregados no contrabando de escravos pelos armadores negreiros. Estes navios escapavam com facilidade aos cruzeiros inglezes, não só pela velocidade, como porque se punham fóra do alcance da perseguição, entrando em pequenas barras, mettendo-se pelas boccas dos rios e pelas angras desertas afim de desembarcar a mercadoria prohibida pela legislação.

Os Gallinhas passavam aqui por máus escravos, tanto que algumas vezes os senhores de engenho compradores julgavam mal de uma partida de escravos que acabavam de adquirir, por haver nella 50 ou 60 pretos Gallinhas, o que se explica não só porque elles eram muito altivos e pouco submissos, como porque se suicidavam com muita frequencia.

ACHANTIS e CABINDAS.—Tenho tambem informações de se acharem entre os escravos muitos pretos Achantis, e o nome de Cabindas se dava com muita frequencia nos engenhos e fazendas para distinguir o individuo dessa tribu que alli havia.

Até mesmo este nome ficou a alguns logares, provavelmente por terem sido primitivamente e por longo tempo morada de algum preto que era conhecido por esta designação.

O mesmo acontecia com os Congos, e estas referencias ou provas de tal asserção tenho encontrado em pontos diversos do Brasil, o que indica ter sido feita em logares diversos a introdução destes pretos.

Dentre os africanos vindos ao Brasil como escravos, os que se mostraram mais adaptaveis á civilisação foram os Angolas, Ijesas, Egbas e Yorubas, os mais valorosos foram os Achantis, Dahomeyanos e Minas, os mais difficeis de entender ou de dirigir, os Tapas, os mais ferozes e turbulentos, os Effans ou caras queimadas.

Parece-me impossivel dizer a cifra exacta dos africanos importados.

Em seis annos, de 1844 a 1850, já vimos ter calculado o Snr. Perdigão Malheiro, na sua obra sobre este assumpto, que entraram 243,496 escravos negros.

A proporção das entradas variava muito; em alguns annos era maior, em outros menor, conforme a procura e a especulação dos negociantes.

José Bonifacio calculava no seu tempo que as entradas deviam orçar em cerca de quarenta mil por anno.

E' fóra de duvida que quando se descobriam minas ou se intentava alguma cultura nova, augmentava a introdução de braços escravos.

A deploravel destruição dos documentos publicos que já citei nos roubou os melhores meios de approximação de um calculo que havia de ser eivado de erros, mas que seria sempre um calculo feito sobre bases de valor.

O Sr. Rocha Pombo fala de um modo geral para todos os africanos introduzidos como escravos em 15 milhões. Talvez mais, digo eu.

Deve-se reparar que a população do Brasil é de mestiços e que o cruzamento de branco com o indio é relativamente raro, achando-se principalmente circumscripto a alguns districtos do centro da Bahia, Pernambuco, Piauhy, do Amazonas, Goyaz e sertões de Matto Grosso.

Quasi tudo mais nas populações do littoral ahi está demonstrando a mistura de sangue branco com o do negro e o do indio com o do negro tambem.

Se nós tivéssemos sequer documentos completos de um seculo, do seculo 19.^o por exemplo, quando as necessidades

da agricultura nascente tornavam intensa a venda da mercadoria negra, folêgo vivo, peça da India, nomes todos que nos tempos coloniaes eram dados ás victimas do trafico, seria possivel organizar qualquer trabalho neste sentido.

De tudo isto se apura que a escravidão africana introduzida pelos portuguezes parece ter-se primeiro estabelecido em Pernambuco com o progresso da lavoura da canna de assucar e o escasseamento dos indios, exterminados ou fugitivos para os mattos, passando depois para a Bahia e se estendendo pelo Reconcavo com a construcção dos engenhos.

Quando as descobertas mineralogicas dos seculos 17 e 18 produziram o devassamento dos sertões centraes, com o trabalho das minas foi avançando para o sul e para o centro do paiz a escravatura negra e esta foi marchando de par com a dos indios ou a foi substituindo.

Provas deste movimento da emigração escrava para as regiões mineiras se encontra no seguinte acto régio:

D. Rodrigo da Costa—Amigo—Eu El-rey vos envio muito saudar como aquelle que amo.

Havendo visto a conta que me destes por repetidas cartas da ruina que se segue a esse Estado e suas capitánias da quantidade de negros que dellas saem para o Ryo de Janeiro, nam sendo bastante a ley que mandey publicar nesta materia nem o bando que mandastes lançar; lembrando-me o muyto que convem atalhar-se este damno Me pareceu agradecer-vos por esta o zelo com que procuraes o augmento desse Estado e de evitar as suas ruinas, cuidando no remedio necessario que se lhe deve aplicar para que se restaure no prejuizo que vay sentindo na materia de que daes conta, cuja acçam hé muy propria do bem com que sempre vos ouvestes no meu serviço. Assim vos ordeno façaes guardar inviolavelmente a ley que se tem passado sobre a extraçam dos negros para o Ryo de Janeyro, fazendo executar nam só as penas nella impostas mas de mais as que exprimistes no novo bando. Isto mesmo mandareys observarem todas as capitánias desse Estado; encommendando-se ponha todo o cuidado, em que de nenhuma maneyra nem por terra nem por mar passem negros para o Ryo de Janeiro e capitánias do sul. E sobre o grande numero de negros que saem de Angolla para o Ryo de Janeiro, faltando-se ao provimento das mais conquistas mando dar a providencia necessaria.—Escripta em Lisbôa a 28 de Setembro de 1703.

Rey».

O trabalho das minas e da agricultura do Brasil a partir do escasseamento dos indios, foi quasi exclusivamente feito pelos negros escravos.

A riqueza fluia dos braços dos captivos que tiravam o ouro da terra e que extrahiam da canna o assucar, como os jornaleiros de hoje nos paizes industriaes dão os juroz que custeiam o luxo dos ricos.

No Norte a introdução foi mais lenta, e a não ser no Maranhão e Pará, nunca attingiu grandes proporções o commercio dos escravos.

Por alli, nos sertões que se estendem da Bahia e Pernambuco pelo interior de Parahyba, Ceará, etc., o indio e após elle, o mestiço foram os que deram incremento á lavoura e á creação.

Quando o arroteamento da terra e a exploração das minas foram se estendendo da Bahia para o oeste, o porto da Bahia se tornou, para acudir a estes dois serviços, o maior emporio de escravos africanos no Brasil, mas quando as descobertas de ouro se fizeram no sul, para lá seguiu a onda dos trabalhadores forçados que os navios negreiros traziam sem cessar.

Já vimos as medidas que os governadores tomavam para impedir a ruina da lavoura do norte e que o soberano com tanto calor approvou, o que naturalmente deu em resultado preço maior para a mercadoria importada directamente pelo porto do Rio de Janeiro.

Tornou-se o Rio de Janeiro, portanto, a maior cidade de escravos do paiz nos começos do seculo 19.^o e assim o foi.

Percebe-se que o negocio de escravos rendia muito pelo interesse que despertava e de que ahi vae uma boa prova.

«D. João por Graça de Deus, Rey de Portugal e dos Algarves, etc.

Faco saber a vós Conde de Sabugosa Vice-Rey e Capitão de Mar e Terra do Estado do Brasil que vendo-se o que me escreveo o ouvidor geral da Ilha de S. Thomé em carta de 11 de Novembro de 1733 cuja copia com esta se vos envia, assignada pelo secretario de meu conselho ultramarino em que representa seja servido conceder aos moradores daquella ilha as mesmas prerogativas que tem os do Brasil para que possam carregar todo o tabaco que poderem levar nas suas embarcações assim para gastar na terra como para fazerem seus escravos na costa da Mina, com elle Me pareceo ordenarvos in-

formeis com vosso parecer, ouvido o superintendente do tabaco.

El-Rey nosso Senhor o mandou pelo Dr. Manoel Fernandes Vargem e Gonçalo Manoel Galvão de Sande conselheiros do seu conselho ultramarino.

Theodosio de Cobellos Pereira o fez em Lisboa Occidental aos 6 de Julho de 1735

Alexandre Metello de Souza Menezes ».

Ora, como tambem nas margens do golfo de Guiné já se devesse ir sentindo alguma falta pelos que ha tantos annos iam para a America, e as necessidades da procura se tornavam maiores do que aquillo que podia dar o crescimento normal da população, a caçada dos pretos começou a irradiar dalli com ferocidade crescente para os sertões africanos.

Por taes motivos é muito explicavel que para o Rio de Janeiro houvessem afluído escravos de procedencias diversas, differentes alguns dos que vieram para o norte, ou pertencentes a tribus differentes.

Diversos foram os logares e cidades que se tornaram mercados de escravos africanos.

Os mais notaveis no Brasil foram a Bahia e o Rio de Janeiro.

Se bem que tenhamos razões para acreditar que em Pernambuco foi onde primeiro se introduziram pretos vindos da Africa para trabalhar nos engenhos, é certo que dentro em pouco foi a Bahia, capital da colonia, que se tornou o principal emporio da mercadoria que animava os trabalhos da lavoura.

Chegavam aqui os navios, descarregavam e tornavam a partir afim de satisfazer as encomendas crescentes, especialmente quando se foram descobrindo as minas que tambem se exploravam com escravos.

Ainda em 1805 era muito intenso este negocio, pois José Maria dos Santos Lopes, em Abril do anno referido, solicitou privilegio na Bahia para fazer um barracão destinado á escravatura recémchegada, allegando as molestias que traziam os negros e que se desenvolviam na praya (cidade baixa e centro do commercio) sendo desembarcados alli e ficando durante o dia expostos á venda nas portas dos donos e de noite apertados em pequenos domicilios ou ergastulos insufficientes para 400 e 500, pois este era quasi sempre o numero das armações. (Archivo Publico da Bahia).

Nos documentos mais antigos do Brasil quanto á sua vida administrativa, se encontram provas seguras das relações frequentes da capital da grande possessão portugueza da America com Angola e a cada volta das paginas das cartas do Governo lemos a todo o momento os nomes de Ajudá, Costa da Mina, etc.

Ajudá, principalmente, conhecida feitoria africana do Dahomey, tornou-se um dos principaes centros de negocios de escravos.

E' esta cidade conhecida hoje mais com o nome de Widah.

Cabo Verde, as ilhas de S. Thomé e Príncipe, Cacheu, S. Paulo de Loanda, Porto Redondo, Lagos, se tornaram na Africa emporios de negocios da escravatura e aqui no Brasil a Bahia e mais tarde o Rio de Janeiro.

Já tocamos neste assumpto e as razões de ser do facto são obvias, desde que se preste attenção á ordem dos acontecimentos da conquista do Brasil, aos quaes o commercio acompanhou como acompanha sempre a producção, porque elle vae onde ha o que lucrar, na compra ou venda das coizas produzidas ou na exploração das necessidades dos intermediarios.

A principio a conquista partiu da Bahia e se irradiou para os sertões do oeste.

As bandeiras audazes descobriram Sergipe, devassaram as margens do rio S. Francisco e colonisaram as suas margens, estendendo-se pelos sertões quentes que para lá correm, seguindo os valles dos rios que manam para o Atlantico.

Depois transpuzeram as serras que separam as aguas da bacia do S. Francisco da do Tocantins e do Parnahyba e Domingos Affonso Sertão descobriu os plainos do Piahy.

Os depositos de ouro e salitre foram descobertos e explorados.

Ora, o africano foi o vehiculo que transportou tudo para tão longinquoas terras.

O indio ia sendo progressivamente vencido, catechizado e empregado em matar e escravisar o seu patricio indigena, mas não resistia aos trabalhos muito duros e fugia ou morria.

Só o negro resistia a tudo.

A Bahia foi no principio a porta por onde entravam os negros que eram encaminhados para o sertão levando as cargas e que lá, no fim da jornada, iam lavrar as terras para que os seus senhores colonos tivessem que comer. Mais tarde foram sendo derrubadas as mattas do sul, descobertas as minas de ouro e as bandeiras paulistas se tornaram caçadores de indios.

Em pouco se desenvolveu o commercio dos pretos escravos naquellas regiões e a cidade do Rio de Janeiro tornou-se por seu turno uma porta de entrada para os africanos que eram encaminhados para as lavras dos sertões de Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso.

A' proporção que se iam arroteando os desertos o emporio dalli se tornou maior do que o da Bahia, porque a exigencia dos braços sendo maior, melhores preços davam os desses condemnados a trabalhos forçados sem culpa.

Foi assim que a escravidão dos africanos progrediu irradiando-se do Rio de Janeiro pelos territorios vizinhos a essa cidade, depois seguiu os caminhos dos sertões e a razão por que se tornou aquelle mercado de escravatura um centro de todas as raças ou tribus africanas. Ainda mais o desenvolvimento do commercio dos escravos no Rio começou a prejudicar a lavoura do norte, como se vê por um dos documentos que foi atraz transcripto e por este outro que vae adiante:

«Luiz Cesar de Menezes—Amigo—Eu El-rey vos envio muito saudar como aquelle que amo. Havendo visto a conta que me destes das circumstancias e penas que Vosso antecessor acrescentara ao Alvará que mandei passar para se não poderem vender para os Paulistas os negros que tinha rezoluto se podessem navegar de Angolla para esse porto e para os demais Estados; mas somente duzentos dos que hão de hir para o Rio de Janeiro sob as penas declararadas no mesmo Alvará que o dito vosso antecessor ampliara; e de como mandareis tirar devaça de alguns casos de tomadias que se fizerão e que como para ella não tinheis approvação determinaveis deferir aos que se prendessem com fiança a sua soltura para se lhe dar livremente se eu aprovasse este modo de procedimento; e porque por este meyo de que usastes para se castigarem os transgressores da ley que mandey publicar sobre se não venderem nem mandarem negros para as minas foi muito justo; Me pareceu approval-o como por certo o faço e revalido a devassa que por ordem vossa se tirou; e vos ordeno que todos os annos se continue nesta diligencia de se tirar semelhantes devassas, as quaes se deixarão em aberto até o fim do anno para que desta maneyra se venha no conhecimento dos delinquentes e se castiguem com aquellas penas estabelecidas nas minhas Leys e ordens e se poderaõ tomar denunciações nestes casos attendendo a que de se castigarem estes delictos depende a conservação de todo esse Estado.

Escripta em Lisboa a 20 de Março de 1707.—Rey».

A these 6.^a fala em mercados de escravos de um modo geral mas como se trata de africanos parece que nada ha que dizer sobre o que se refere para a compra e troca dos indios.

Occupando-nos somente dos escravos africanos é portanto bem certo que no continente negro Abeokuta, Yoruba, quasi todas as enseadas do golpho de Guiné foram lugares em que se fez em escala maior ou menor o escambo dos pretos. Tambem Loanda, Massamedes, os portos da Serra Leôa, Angolla, a ilha do Corisco, Ajudá, Awoni dos negros, ou Lagos, e de um modo geral as feitorias portuguezas da Africa foram mercados de escravos que vieram para o Brasil.

E aqui, depois de Pernambuco, Maranhão e Pará que foram lugares de chegada dos carregamentos e de troca ou escambo dos escravos em menor escala, as cidades da Bahia e do Rio de Janeiro foram os lugares em que o commercio dos africanos se fez com enorme intensidade.

A these 6.^a parece que tambem não comprehende o negocio que se fez especialmente no seculo 19.^o com os escravos creoulos ou filhos do paiz que constituiram grande objecto de mercancia feita especialmente no Rio de Janeiro e em S. Paulo.

Depois que se reconheceu impossivel a introdução dos pretos de Africa, tornando-se ao mesmo tempo mais intensa a cultura da terra, especialmente com o cafeeiro, nas provincias de Minas, Rio e S. Paulo, o que remunerava melhor o valor do escravo, por lhe dar mais elevado preço, começou a emigrar do norte para o sul a massa servil que era levada para as fazendas de café.

Já eram relativamente raros entre esses escravos os africanos nas levas que partiam da Bahia e de quasi todas as provincias do norte nos vapores nacionaes.

Além do Rio de Janeiro, as cidades de S. Paulo, Santos e Minas Geraes tornaram-se nesse tempo mercados de escravos, os quaes, entretanto, não tinham a vastidão dos negocios que se faziam no Rio de Janeiro, onde desembarcava a maior parte dos escravos vindos por mar e que devia ser sempre o melhor ponto para encommendas, compras e vendas.

Esta contribuição é falha, porque não corresponde ao enunciado da these toda, conforme declarei em principio, apontando os motivos pelos quaes não podia fazer um estudo completo da questão por não dever ter semelhante pretensão sem dispor do tempo nem dos dados sufficientes para isto.

E' uma mera communicação que apenas deve servir para

facilitar o trabalho a outros futuros de maior folêgo e extensão, parecendo-me que se os que se dedicam a estes assumptos nos diversos Estados se derem ao esforço de escrever cada um pela sua parte, remettendo tudo para ser publicado na Revista do Instituto Historico, será possível, mais tarde, reunindo todos estes elementos, comprehender num volume de modo completo a materia encerrada no enunciado da importante e interessantissima these 6.^a.

Bahia, Setembro de 1914.

BRAZ DO AMARAL.



DOCUMENTOS

Carta do celebrado naturalista germanico Carlos F. von Martius ao Arcebispo da Bahia D. Romualdo Antonio de Seixas—Marquez de St.^a Cruz. (*)

Copia — Segunda Via.

Munich 2 de Dezembro de 1850.

Reverendissimo e Excellentissimo Senhor.

A estimada carta de V. E. d. d 13 Maio que me chegou no mez de Outubro, foi seguida do inappreciavel dom, de que fallou, ha alguns dias, e vejo-me então na posseção d'hum testemunho da Sua bondade, que não tem comparação em toda Allemanha! Não posso exprimir, quanto me regojiza este mimoso presente, que he p^amim symbolo d'amisade e de benevola recordação d'hum pessoa, cuja imagem vive e viverá para sempre na minha alma rodeada de veneração, de amisade e de saudades! Tenho ganhado as sympathias de V. E, as tenho d'hum sabio, d'hum philanthropo, d'hum dignissimo successor dos apostolos cristãos! Esta convicção me enche de praceres e de hum justo orgulho! Ella tãobem he o compasso da minha gratidão! Oxalá eu achasse palavras para exprimir estes sentimentos — quando eu tive a honra de entrar no conhecimento pessoal V. E.,

(*) Esta carta faz parte do archivo particular do referido Arcebispo da Bahia guardado na Pasta n. 1 do Archivo do Instituto, estando a mesma exposta em quadro na collecção de autographos raros. A copia é fiel, respeitando-se a orthographia do autor.

eu era hum moço, sem grande experiencia do mundo e com poucos merecimentos tanto na vida como na literatura. Entretanto V. E., já homem maduro e cheio de merecimentos para a christianidade e para o estado, Se dignou de olhar sobre mim com confiança, com bondade e com huã sympathia literaria, que eu ainda não merecia. Voltei atraz do Oceano, e as benedicções de V. E. me guiarão. Entrei n'humra carreira de sciencias de serviços publicos que não ficarão totalmente infructuosos, e as lembranzas benevolas de V. E. me seguirão. Coube sobre mim a sorte de todo mortal, de ver-me combattido por difficuldades; experimentei desgraças e golpes desgrazados, tanto por culpa minha propria como em consequencia de accidentes privados ou publicos: — e em tudo isso conheci pela voz interna da minha alma como pelos Signaes da Sua immudada adherencia: que da outra banda do Oceano vive hum homem nobre e grande, que me ama, que me consagra as suas affeições! Eis aqui, para mim huã fonte dos praceres mais puros, das consolações mais energicas, do mais vivo incitamento de ficar digno de tal amigo! Não obstante, que as minhas occupações se dirigem principalm.^{te} verso o objectivo neste mundo, eu tenho sido sempre convencido da verdade consoladora, que o vincullo mais efficaç entre tudo que s'opéra nas materias he de nutureza espirital. E desta arte reverenceo na união com V. Ex.^a hum acto triumphante deste governo espirital, que parece esbelecido por Deos, para habituar-nos já nesta vida terrestre a ideias eternas e celestes. Muytas vezes me digo: *Terrestria perscrutames, coelestia divinarum*. E a amisade, que une espiritus alem dos mares tãobem me deixa admirar a profundidade das nossas relações espirituas.

Mas não quero differir já descrebrir á V. E. o jubilo que arrebentou entre a minha familia, quando ella viu

o seu bellissimo presente — que côres, que lustro, que elegancia e deligencia nesta fabrica de flores que fazem enveja quasi a natureza. O rumor da bellesa deste presente anda para toda a cidade, e muytas pessoas tem vindo para admirallo.

Ao principio achavamos difficil como arrumallo e conservallo bem. Logo eu tinha declarado que o tudo devia ficar unido e ser estabelecida na minha sala mais grande; mas como cobrillo bem?

Emfin achei hum fabricante de vidros que s'obrigou de procurar-me hum vaso cylindrico aonde cubesse toda esta ricceza.

E assim espero de conservallo para mim e os meus filhos, em grata recordação ao nobre e benevolo donator. Tive com esta resolução todos os votos na minha familia, com esemção das Snra. Baroni de Stenzel, mai da minha mulher, que declarando tal ornamento bello de mais para a minha casa, propuz para se offerecello a Rainha! Não devo assegurar a V. E. que esta proposição não achou agrado, mas conto-a para julgar, que se considera este seu presente como verdadeiramente Real. Peso então, que V. E. acceite as iteradas protestações da minha profunda gratidão.

Mas V. E. não ficou nisso! Tãobem a collecção de madeiras, os antigos instrumentos dos indios e as amostras do Guaraná erão do major interesse possivel p.^a mim. Em quanto ao Guaraná devo avisar a V. E. que meu irmão, Professor de Quimica, pharmacologia e de Pharmacognosia na Universi. d'Erlangen tem logo depois da minha volta do Brazil achado neste curioso artifício dos Quimicos indianos huã substancia particular que elle nomeou *Quararino* e que mais tarde se achou ser edentico com o Theino e o Caffeino, achado como os principios mais activos no Xa da China e no Caffé. Este principio he hua combinação dos quatro elementos principaes e he constituto por 8 acquivalentes quimicos

do Carbone, 10 de Hydrogenio, 4 do Nitrogenio e 2 do Oxigenio.

Novamente se tem achado, que o matte do Paraguay deriva na acção principal do mesmo principio, e temos então o facto curioso, que as nações diffitissimas tomarão para sua luxuria de gola o mesmo principio achando-o em plantas de indole e formas distinctissimas. Emquanto a collecção de madeiras, vejo que ha muytas, cujas arboris, . . . ainda não são bem conhecidas; mas que m'enfada mais he de não conhecer bastante-mente a historia natural da arvore que larga o Páo Brasil e que deou o nome ao Imperio em cuja illustracção litteraria trabalho (legno brasilo do antigo commercio italiano). Ouzo por isso pedir, se V. E. conhecesse pessoa conhecedôra, que se dignasse procurar-me circumstanziadas noticias, principal.^{nte} sobre o periodo, em que a arvore principia a collocar no seu cerne o principio colorante.

Neste momento penso occupar-me d'hum Commenario sobre os libros botanicos de Piss e de Marcgrave. Estes, como V. E. sabe eram os primeiros naturalistas (hollandezes) que escrebiram sobre o Brasil. Acho difficuldades neste assumto por não ter sido eu mesmo na Costa da Prov. de Pernambuco, de cujo hist. natural elles tratam principal.^{te} Se V. E. tivesse occasião de recommendar-me a huma pessoa curiosa naquella prov., a qual eu podia dirigir-me com minhas perguntas, grande allivio e soccorro avia de receber de semelhante correspondencia. Ja V. E. perzebe, que eu não canso em pedir a benevola cooperação de hum fautor tão poderoso!

Na minha ultima carta, que, como espero, chegou felism.^{te} á Suas mãos, contei a historia do meu crucifixo que mandei a Pará para ser erigido na ygreja de Santarem, e que agora fica debaixo na casa do Snr. Vigario, por serem as muralhas da ygreja não bastan-

tes fortes. Repeto a minha devota solicitação, que V. E. tenha a bondade d'intervenir neste caso, ordenando, que quanto o crucifixo de ferro dourado, figura de 8 pés de alt. não cave na ygreja, elle seja armado antes da ygreja na praça ou perto da ribeira do rio. Salvado como por miragos das ondas do Amazonas eu senteria grande satisfação se esta Allemanha da minha pia gratidão não se perdesse.

Com o ultimo fassiculo dos «Palmeiras» (já acabadas em tres grandes volumes) mandei hum retrato meu a V. E.

Pezo de acceitallo benignamente e se tiver o Seu nada podia regojizar mais de possuillo. Como o encarnador do obra das Palmas achava talvez difficuldade em dar ordem as folhas ouzo ajuntar aqui a direção que mandei imprimir.

Ja quero acabar! Pezo que V. E. m'encerre nos Seus santos officios como Seu gratissimo Servo, ate a ultima ora da minha vida! Deus conhece os ardentes e pios votos que sempre fazo para a felicidade de

Vossa Excellencia!

Seu humilde Venerador e grato
amigo *Martius*.

***Cartas do Ouvidor de Porto Seguro Thomé
Couceiro de Abreu, primeiro magistrado
nomeado para este cargo quando foi creada
a Ouvidoria.***

«Copia authenticada trasida pelo
Dr. Braz do Amaral do Archivo de
Marinha e Ultramar da cidade de
Lisboa, onde se acha o documento
original».

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor.

Aportey na Barra desta Villa no dia sete do mez de Dezembro proximo passado; tomey posse deste lugar em dia de Nossa Senhora da Conceição e não cheguey mais antecipadamente,

porque me vi obrigado a demorar-me em Pernambuco os mezes de Setembro e Outubro por cauza dos ventos contrarios e por falta da monção, como a V. Ex.^a virá a constar por outras vias.

Logo entrey a informar-me do continente destas terras, do estado das Villas, Rios e suas Aldeas, desde o Rio Grande que divide esta Capitania da dos Ilhéos pelo norte athé a Villa de Santo Antonio das Caravellas que rezervey e dali para baixo athé o rio de S. Matheus para húa inspecção pessoal na forma das Reaes Ordens de Sua Magestade: e da Relação incluza virá V. Ex.^a no conhecimento destas terras e rios, das providencias que tenho dado, o que me pãresse a respeito da creação das Villas mais e da inutilidade da estrada que pelo sertão hé Sua Magestade servido mandar abrir desta Capitania athé a do Espirito Santo.

Da mesma sorte virá V. Ex.^a na intelligencia da abundancia de madeiras que há no Rio Grande, no de Jacurucú e Itanhem, mais vezinhos da Bahia do que o das Caravellas e de S. Matheus e por isso mais acomodados os transportes; mas porque ainda que se criem nestes rios duas Villas, não terão nos primeiros annos necessidade de abrir rossas em que cortem madeira para as suas lavouras e plantações, por terem Campinas descobertas em que as fazem e podem continuar me pãresse que seria mais util que se mandassem cortar por conta de Sua Magestade, á vista das vitollas que eu trouxe, extrahidas do termo de arrematação que dellas se fez na capitania do Pará, visto serem tão faceis os transportes para os rios e destes para as Barras.

.....

Tambem me informam, pãresse-me que com verdade, que á Povoação de S. Matheus tem descido por varias vezes bastantes gentios em tom de paz, a fazer o seu negocio e que o mais que querem são facões e machados, dando por elles rêdes e sintas de penas e que nas suas aldeas são governados por um João da Silva Guimarães que ha annos desceo fugido das Minas.

Logo por prevenção escrevi ao Vigario e Juiz reccommendando-lhes efficasmente que no caso que elles descessem sem eu lá me achar os amimassem e acariciassem, de forma que elles conhecessem que nós eramos seus amigos e que vissem se podião introduzir-lhes os bens que lhes segurião se elles viessem viver para aquella Povoação em que havião de ser honrados e favorecidos por Sua Magestade, que lhes mostrassem a Igreja e lhes fizessem todas as demonstrações de amizade

que possivel seja; e que se eu me achasse nas Caravellas me despedissem logo hum proprio. Tão bem lhes mandey carta para o mesmo João da Sylva convidando-o a que descesse com os mesmos Indios que eu lhe promettia da parte de Sua Magestade dar-lhe terra para elle fundar húa boa Povoação e se estabelecerem todos nas terras que elle quizesse e que ao mesmo Senhor representaria todo o bom serviço que elle nesta parte lhe fizesse para o premear, conforme o seu meressimento e que se não intimidasse, se tinha alguns crimes, porque Sua Magestade uzaria com elle da Sua Real Clemencia.

Porto Seguro outo de Janeiro de 1764.

Thomé Couceiro de Abreu.

Logo que cheguey a esta Villa de Nossa Senhora da Pena de Porto Seguro e tomey posse do lugar de Ouvidor desta capitania, em dia de Nossa Senhora da Conceição proximo passado, entrey a informar-me do seu continente, do commercio das Villas já estabelecidas, do estado dos Indios de Trancozo e Villa Verde que ao depois vim a ouvir, dos Rios que ha desde o Rio Grande que a divide da capitania dos Ilheos pelo Norte, athé a Villa das Caravellas incluzive.

E porque entre o mais que achei foi que das Villas novas de Trancozo e Villa Verde se tinham auzentado muitos moradores escrevi aos Reverendos Vigarios pedindo a cada hum húa Relação dos Indios actualmente persistentes nas ditas Villas e dos auzentes, com distincção de titulos das Villas e lugares em que se achavão; e de caminho fiz a mesma recommendação ao Reverendo Vigario desta Villa e ao da Freguezia de Santa Cruz, rezervando esta diligencia na villa das Caravellas e Povoação de S. Matheus para quando eu lá chegar que será brevemente.

.....
Rios das Caravellas, Peruipe, Bacuri e S. Matheus.

Destes rios não posso por hora dizer nada, porque dependem da minha assistencia as diligencias que nelles devo fazer.

A minha tenção he ir a elles por terra e de caminho ir com praticos sondando todos os que deixo informados com as suas barras; e achando verdadeiras as informações ir dispondo para o Jacurucú todos os moradores pobres que poder reduzir das Villas mais bem povoadas por suas vontades e na

minha retirada para o Norte vir estabelecendo canoas para passagem dos viandantes nos rios que não admittirem pontes, com o encargo de huns vinte ou trinta réis para satisfação do trabalho dos donos das mesmas canoas.

Estrada da praia.

Esta estrada he real e común desde a Bahia até o Rio de Janeiro sem que ha muitos annos tenha havido noticia de morte algúa que o Gentio fizesse; e estabelecidas as villas no Rio Grande e no Jacurucú mais segura e defendida fica e os passageiros que já tem suas commodidades nas cazas dos moradores que já ha, com muito melhores accomodaçoens ficarão, erigidas estas villas.

Porto Seguro outo de Janeiro de mil setecentos e sessenta e quatro.

Thomé Couceiro de Abreu.

Está conforme o original—Doc.^{os} avulsos da Bahia n.^{os} 6429 e 6430. Lisboa, Arquivo de marinha e ultramar 13 de Janeiro de 1913.

O 1.^o Bibliothecario Director

Eduardo de Castro e Almeida.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor.

Por carta de outo de Janeiro do corrente anno dey conta a V. Ex.^a da minha chegada a esta Villa, do dia em que tomey posse deste lugar e das informações que alcancey do continente destas terras, Villas e rios e das Aldeas, desde o rio Grande que divide esta capitania da dos Ilhéos pelo norte athé o que a fecha pelo sul, referindo-me a húa Relação que inclui na carta; e ainda que a remetti ao Dezembargador Chanceller da Relação da Bahia para a inviar com segurança em hú navio que sahio daquella Barra carregado de tabaco, padesse que em dezouto do dito mes como o navio foy só e eu não posso ter noticia da sua entrega, repito esta segunda via para o caso que a primeira tivesse algum desvio.

.....
Povoação do Rio de S. Matheus.

Consta esta Povoação, entrando varios Indios que nella assistem ha muitos annos, dos moradores que declara a Relação em primeiro lugar junta, como tão bem a sonda da sua Barra e rio, com declaração das madeiras que nelle hà: E

supposto que Sua Magestade nas instrucções que V. Ex^a foy servido entregar-me se não dignou mandar-me sondar as mais Barras e Rios navegaveis desta Capitania eu o fiz, porque não julguey superflua essa diligencia e constão das mais Relações que se seguem comprehencivas por sua ordem, desde o rio Itanhem athé o Rio Grande caminhando para o Norte.

Dellas consta a mayor abundancia de madeiras que ha nos ditos rios Itanhem, Jacurucú e Rio Grande que nos de S. Matheus e Caravellas; e sendo S. Magestade servido mandallas obrar nestes rios por conta da Fazenda Real, julgo que se poupará meyo por meyo dos preços por que foram arre-matadas na capitania do Pará.

Para este fim seria necessario mandar formar hú telheiro de madeira e palha na Enseada da Corôa Vermelha que vae sondada depois da Barra e Rio de Santa Cruz, a folhas de-ze-cete, para nelle se ajuntarem e se defenderem as madeiras do rigor do tempo e chuvas athé se transportarem para onde o mesmo Senhor for servido determinar, visto dar esta Enseada, pelos fundos que tem, entrada a embarcações mayores; e para conducção das madeiras dos ditos rios para esta Enseada ne-cessitava-se de húa barca grande de pouca quilha que po-desse navegar pela Barra do Rio Grande que he mais baixa.

Este rio fica distante da Enseada doze leguas ao Norte, e do Jucurucú vinte para o Sul, e o de Itanhem vinte e quatro; e de huns e outros podia a dita barca nas monções proprias conduzir as madeiras para a referida Enseada, e tão bem dos mais rios que ficão mais para o Sul, supposto que em mayores distancias.

.....

A Povoação do Rio de S. Matheus que tem bastante nu-mero de moradores para ser creada em Villa, assim pelo sitio em que se acha e delictos atrozes que nella costumão com-metter-se, como por que havendo ali justiças, impedirão as subidas e descidas a quaesquer mineiros que pretendão subir ou descer para as Minas do Serro do Frio aonde dizem vay dar este rio, ou que delle tras o seu nascimento, não o exe-cutey athé o presente porque pelos grandes sóes que apanhey no exame destas Barras adoessi com húas dores ethericas con-vulcivas que me tiverão morto e me obrigarão a recolher-me a esta Villa; porem como me acho com melhoras faço tenção, continuando ellas, voltar para o rio a crear a Povoação em Villa, pois que de todas as Justiças que nella ha, sendo aquel-les moradores inquietos e distimidos, ha hum pobre Juiz vinta-

neiro de quem elles fazem pouco cazo, nem hú homem só é bastante para evitar e rebater a inquietação de tantos.

Hum Francisco Xavier Teixeira Alvares me escreveu a carta incluza pedindo-me licença, como que eu podesse dar-lha, para hir descobrir nos sertões deste rio ouro e esmeraldas e eu lhe respondi que nem por pensamentos conviria em tal por ser contra as ordens de Sua Magestade, antes interporia toda a minha força por lhe encontrar semelhante entrada, e que se não cansasse em pedir licença ao Governo da Bahia, porque certamente lhe não havia de permittir e quando permittisse de pouco lhe aproveitaria porque eu lha havia de encontrar athé a ultima instancia; e que recorresse como dizia a S. Magestade porque só o mesmo Senhor immediatamente lha podia facultar, e como não sey o que elle fará, dou esta conta a V. Ex.^a afim de lhe fazer presente a resolução em que estou.

Na primeira conta que dey a V. Ex.^a fiz menção de hum navio francez que esteve ancorado seis para sete dias no canal do rio Itanhem nas vespas da minha chegada a esta Villa, e que como me tinha mandado informar do designio deste navio, daria conta a V. Ex.^a do que achasse; e com effeito hé certo que este navio vendo-se combatido de ventos rijos se refugiou naquelle canal e que os praticos que mandou pedir ao sargento mór das Caravellas foy para o guiarem na sua sahida que fez, sem sondarem o canal, praya ou outro sitio daquella Barra. V. Ex.^a se dignará representar todo o referido a Sua Magestade para que o mesmo Senhor haja de determinar o que for servido. Deos guarde a V. Ex.^a

Porto Seguro 16 de Junho de 1764.

O ouvidor *Thomé Couceiro de Abreu.*

Está conforme o original Doc.^{os} da Bahia n.^o 6508. Lisboa Arquivo de Marinha e Ultra-Mar 10 de Janeiro de 1813.

O 1.^o Bibliothecario

Eduardo de Castro e Almeida.

(O documento abaixo é uma descripção do rio S. Matheus que acompanhou uma carta do Ouvidor).

Barra e rio da Povoação de S. Matheus sondada em Maré Grande.

Corre a costa aonde está esta Barra Norte e Sul e fica a Povoação asima della sete Leguas.

Corre a Barra a Leste e fica a Lesnordeste do Pontal do Norte e todas as vezes que quem entrar nella estiver dentro do cordão fará caminho do Sudoeste e depois ao Sulsudoeste com a prôa ao Pontal do Sul, e chegado a elle se irá desviando da Praya do Sul e acompanhando-a buscará a volta do mesmo Rio; E querendo dar fundo o poderá faser na Enseada que terá tresentas para quatrocentas braças da Praya; e na ponta de dentro em que acaba a Praya vira o canal buscando o Pontal do Norte ou a ribanceira que faz por dentro do dito Pontal.

Os ventos que confrontão esta Barra, com os quaes se pode entrar nella são Sueste, Lessueste, Leste, Lesnordeste, Nordeste, Nornordeste e Norte e os mais servem para as sahidas. Corre o banco que vem do Pontal do Sul para a Barra ao Nornordeste e nelle ha algúas razas ou boquetes por entre corôas secas que só permittem navegação a saveiros e lanchas em maré cheya.

Tem este cordão de comprido quatro centas braças pouco mais ou menos e de maré cheya tudo paresse Barra e do Norte para a mesma Barra corre a Lessueste e terá por aqui de comprido duzentas e sincoenta para tresentas braças. Por sima delle faz um boquete encostado á Praya do mesmo Norte por onde pode entrar qualquer lancha em maré cheya, de marés grandes, se não mudar.

Tem a Barra de fundo em sima do banco seis e sete palmos de maré baxamar e de preamar quartorze e quinze; e dizem os praticos nella que algúas vezes não passa de cinco braças e de largo em sima do mesmo banco setenta braças, pouco mais ou menos.

Tem no fundo do lagamar de maré baxamar oito palmos e de preamar dezasseis; porém este fundo tão bem he incerto, porque algúas vezes se lhe acha de menos dois e tres palmos, outras vezes mais, conforme as cheyas que costuma trazer o rio.

Tem de largo o dito lagamar cento e sincoenta braças, e de fundo junto ao Pontal do Sul de maré baxamar doze palmos e na preamar vinte.

Tem de largo entre os Pontaes duzentas e sincoenta braças pouco mais ou menos; porém só tem de canal sincoenta para sessenta braças encostado á praya do Sul que o mais para o Norte tudo he baxio com algúas corôas que ficão fora de agoa em maré vazia.

Toda esta Barra e lagamar tem fundo de areia e não ha

nella signal algú que possa servir de marca por ser tudo terra baixa sem outeiro, nem exalrado. Não tem termo certo porque húas vezes está ao Nordeste, outras a Lessueste.

A embarcação que nella quizer entrar vinda do Sul deve tomar pratico na capitania do Espirito Santo e indo do Norte o deve tomar em Porto Seguro, ou no Rio das Caravellas, e sem elle difficultozamente poderá vencer a Barra sem perigo; e as embarcações que pretenderem entrar nella não hão de demandar mais que athé onze palmos por ser Barra de mar que fundea.

Rio

Pouco asima da Barra do Pontal do Norte por onde vay o canal principia o rio e ahi tem algúas Ilhas de mangue que se deixão ver á parte do Sul, ou á mão esquerda de quem vay para sima.

Tem de fundo o canal defronte das mesmas ilhas de baxamar braça e meya de preamar duas e meya e de largo cento e dez braças, pouco mais ou menos.

Tem na paragem chamada *As Pedras* que he asima da Barra hum quarto de legua de fundo no canal de maré baxamar duas braças, de preamar tres e de largo cento e sincoenta braças, pouco mais ou menos e o canal que vay pelo meyo do rio tem de largo vinte braças e da parte do Norte tudo são pedra e do Sul corôas de area.

Na paragem chamada *As Barreiras* que será meya legua asima das *Pedras* tem de fundo de maré baxamar braça e meya, de preamar duas e meya e de largo duzentas pouco mais ou menos; porem de canal só tem de largura vinte braças e isto hé encostado à beira do Sul, que da outra parte tudo são pedras.

Na paragem chamada a *Povoação Velha* que será meya legua asima das *Barreiras* tem de fundo da baxamar duas braças e meya e de preamar tres e meya e do meyo do rio para o Norte tudo he pedra que de baxamar tem de fundo tres para quatro palmos e de preamar onze; e na mesma carreira da dita *Povoação Velha* mais para baxo tem outra restinga de pedra pela parte do Sul, que chega athé meyo rio, porem sempre fica livre o Canal.

Na paragem chamada a *Meleira*, que será meya legua da dita *Povoação*, tem de fundo, encostado mais á parte do Sul que á do Norte, de maré baxamar duas braças e meya, de preamar tres e meya e de largo cento e sincoenta braças, pouco mais ou menos, fundo de area.

Na paragem chamada o *Furado*, que será hum quarto de legua asima da Meleira, tem de fundo na baxamar duas braças, na preamar tres e de largo cento e vinte braças, fundo de area. Este Furado he hum riacho que se acha da parte do Sul.

Na paragem chamada *Maricucu* que he outro riacho da parte do mesmo Sul asima do Furado meya legua tem de fundo na baxamar braça e meya, na preamar duas e meya, fundo de area e de largo cento e sincoenta braças.

Na paragem chamada o Registo, que é asima da bocca do Maricucu meya legua tem de fundo na baxamar duas braças, na preamar quatro e meya, fundo de area e de largo outenta, pouco mais ou menos e abaxo desta paragem algúa couza em húa volta chamada a *Carreira dos Dois Irmãos*, quem quiser navegar, se encostará á mão direita que hé a parte do Norte por causa de húas pedras que de maré vazia ficam ao lume dagua e de maré cheia pouco cobertas e chegão athé meyo rio.

Na paragem chamada *Pedra dagoa* que fica asima do Registo hua legua, tem de fundo na baxamar tres braças e meya, na preamar quatro e meya escassas, fundo de area, e de largo sincoenta braças; e da parte do Norte correndo para baxo athé o virar da volta, tem algúas pedras pelo fundo; porem com altura de quatro e sinco braças por sima dellas.

Tem este mesmo rio no Porto da Povoação trinta e sinco braças de largo em partes e em outras quarenta de fundo de baxamar perto de duas braças e de preamar duas e meya, fundo de area; em outras partes se acha com mais seis e sete braças de largo e com menos dois e tres palmos de fundo e em outras partes com menos dez e doze braças de largo, e de fundo com mais tres para quatro palmos; porem estas medidas não correm geralmente para todo o rio.

Este rio he navegado de embarcações até a paragem chamada o *Jacarandá* que fica asima da Povoação tres leguas, e desta paragem para sima athé a repartição dos rios só podem navegar canoas ou balças meyo dia de viagem do *Jacarandá* athé a dita repartição por ser dahi para sima o rio estreito com des braças de largo e com muitas voltas, brejaes nas duas margens e em poucas partes se achão terras enxutas.

Das repartições dos rios a chegar á primeira cachoeira do Sul se gastão dois e tres dias de viagem conforme a diligencia e o rio he seco, e com a mesma largura e brejaes nas duas margens, de forma que só com abundancia de agua pode

navegar-se, mas com perigo, pela violencia com que então corre.

Da boca do mesmo rio da parte do Norte athé a primeyra cachoeira se gastão seis dias, não havendo inundações de agoas e por esta parte se acha pelas suas margens mais terra enxuta, que na do Sul.

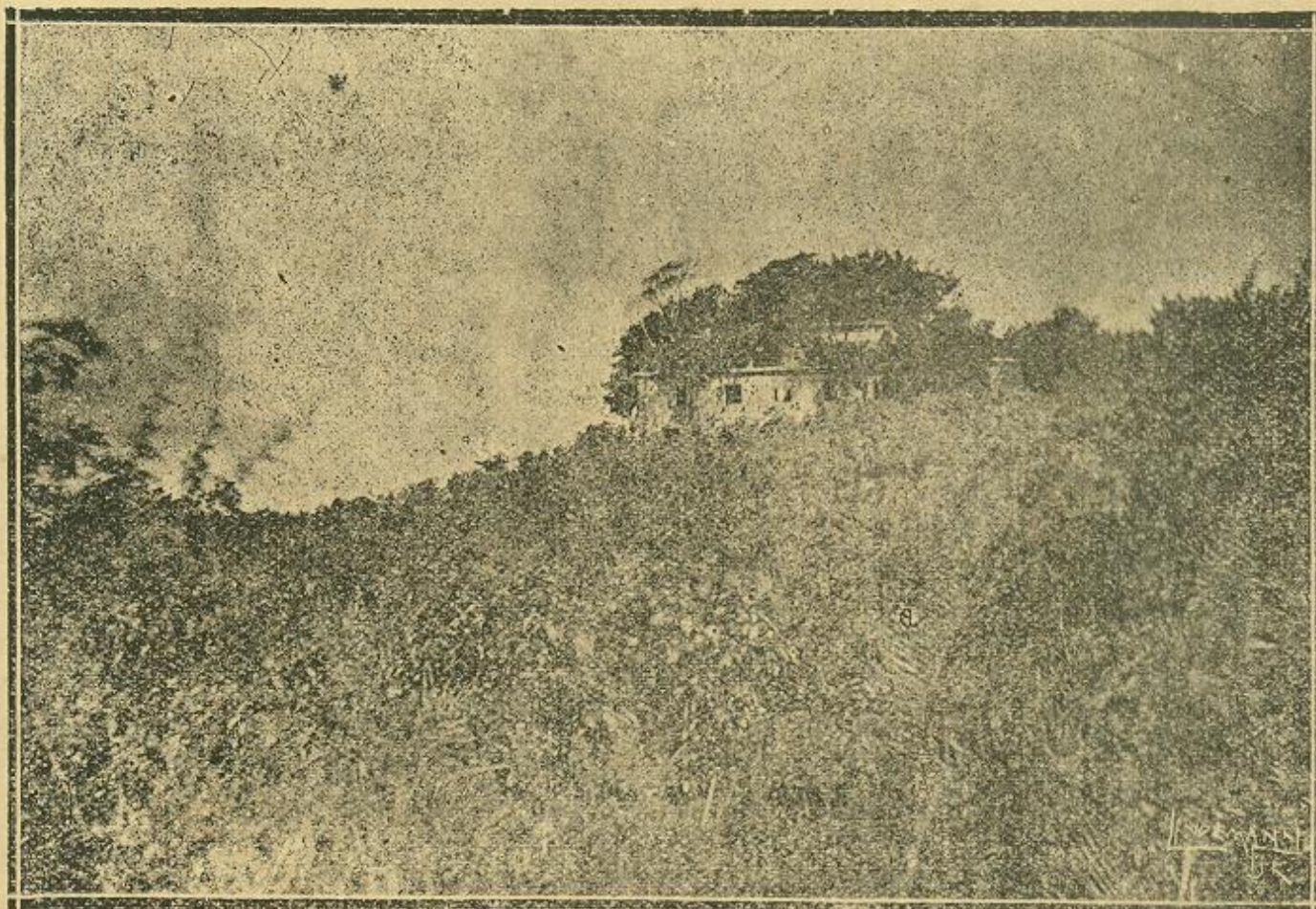
.....

Moradores.

Tem esta Povoação noventa e oito cazaes, entrando varios que nella assistem ha annos; filhos outros noventa e oito, viuvos doze, filhos destes desacete, viuvos sete, filhos dellas quinze.

(Doc. annexo ao nº 6508—)

Está conforme o original. Doc.^{os} da Bahia nº 6511. Lisboa Arquivo da Marinha e Ultramar 10 de Janeiro de 1913 — O 1º Bibliothecario Director—*Eduardo de Castro e Almeida*.



CASTELLO DA TORRE DE GARCIA D'AVILA

(Face vista do mar)

O cliché acima representa do castello da Torre, também chamado na historia do Brasil Torre de Garcia d'Avila, a face que olha para o mar.

Este ponto é uma das aterragens da costa do Norte que os commandantes dos navios demandam, pelo que ha resolução de ser alli collocado um pharol que já se acha na Bahia e que ainda não foi montado por motivo ignorado.

A ramaria que se vê por sobre o castello, do qual só se divisa regularmente a face referida do 2.º andar para cima, é de arvoredos que já cresceu dentro da construcção entre as pedras daquella imponente ruina.

Esta photographia foi tirada pelo auctor desta noticia na excursão que fez áquelle logar em companhia do professor Borges dos Reis.

Logo depois da excursão ao Castello da Torre fiz delle uma des-

cripção que se deve encontrar em um dos numeros da Revista do Instituto Historico da Bahia.

Parece-me, porém, que não será uma superfluidade juntar ao cliché que hoje é publicado, as seguintes observações que fiz no caderno de notas de que me servi quando visitei o Castello da Torre.

Calculo que a construcção, com todas as suas dependencias, devia occupar um espaço quadrado de cem braças de lado.

A frente, orientada para o sudoeste, se me não falha a memoria, se compõe de uma fachada central reintrante e de dois torreões que della partem, e que chamaremos do Norte e do Sul.

O lado do torreão do Sul que olha para o mar é o que se vê na photographia junto.

A frente do torreão não se percebe; muito proximo á parede delle e do lado de dentro foi que vegetou a gamelleira cujos ramos se estendem por sobre o edificio como ahi está.

O torreão do Norte se acha arruinadissimo e nelle só se divisam quatro arcadas no pavimento terreo e oito janellas no 1.º andar.

O torreão do Norte tem de frente 52 palmos. O do Sul, cujo lado está reproduzido no cliché, tem de frente 85 palmos.

A fachada central reintrante tem 63 palmos, donde se collige, sommando, que a frente do castello se estende por cerca de dusentos palmos.

Ora, regulando estes palmos 24 centimetros, a frente do castello, fachada e torreão, deve ter cerca de 50 metros.

E' preciso notar que nós não levamos fita metrica, pelo que, o Professor Borges dos Reis e eu, tomamos as medidas com um fio e reduzimos depois a palmos o comprimento achado, do que deve resultar provavelmente alguma inexactidão neste calculo, servindo apenas o que ahi fica para dar uma idéa approximada.

O comprimento de cada torreão para o lado da fachada central é de 66 palmos e terminando ambos a igual distancia, deixam entre elles e a fachada da qual partem, um espaço quadrado que era o pateo do castello. Deste pateo de honra subiam duas escadas de pedra que levavam ao 1.º andar.

O que está demolindo o castello não é tanto o tempo como a vegetação alta que esconde a construcção e que introduzindo as raizes, á moda de cunhas, entre as pedras, faz estalar e fender tudo, desequilibrando-se os materiaes que os ventos e as chuvas então se encarregam de deitar abaixo.

E assim vae desaparecendo, não só aquella pagina architectonica da historia nacional, como até se apagando a lembrança daquella expressiva e bella ruina!

Bahia, Abril 1915.

BRAZ AMARAL.

Discurso de admissão no «Instituto Geographico e Historico da Bahia»

Excellentissimos Senhores do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Ao transpor o portico do edificio que hoje o acolhe é natural que o primeiro dever do recipiendario seja manifestar o seu desvanecimento por tamanha prova de vossa generosidade — o conceder-lhe a honra de ser proclamado socio do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Essa distincção oriunda de vossa bondade e que ultrapassa todas as aspirações de um humilde filho desta heroica terra, baldos attributos que o consenço publico, ou, o criterio official exigem para a doação de um diploma de socio deste Instituto, lhe fortalece o animo para entrar na arena armado da poderosa clava, que é o vosso saber; emquanto a elle cabe somente a missão gratissima de tornar-se solidario comvosco, vosso auxiliar, uma particula minima na contribuição de vossa acção fecunda em animar o estudo da Geographia e o da Historia do Brazil e, particularmente, o da nossa amada Bahia.

Habitado a uma vida limitada á observação e a experiencia das cousas do mar e ao treinamento para a guerra, durante trinta e cinco annos de serviço militar, mal sabia elle que um dia esses serviços lhe haviam de servir de credenciaes perante esta illustre Assembléa, onde, ao influxo de salutar ambiente, o seu pobre es-

tylo, triste e sem brilho, poderá adquirir o polimento capaz de augmentar o raio da vossa intervenção benefica em prol de todos os assumptos de natureza scientifica e litteraria, tratados em reuniões e conferencias deste gremio.

Acceitae, Senhores do Instituto, como passaporte á entrada deste arcopago, a melhor vontade do novo eleito em vos secundar no trabalho scientifico e nas lutas, em que a palavra e a penna substituem a voz do canhão e a espada, em prol dos destinos de nossa cara Patria.

Senhores do Instituto. Bem comprehendo o vasto programma imposto ao nosso labôr; mas, ainda mais vasto é o Brazil, cujo progresso e desenvolvimento tambem do nosso patriotismo está dependendo — maiores são os deveres dos filhos desta Patria grande.

Paiz de cerca de nove milhões de kilometros quadrados; com uma costa maritima que se estende, com 7900 kilometros, do cabo Orange ao arroio Chuy, elle está no Atlantico em posição quasi intermediaria ás republicas do norte e sul do continente. Este primeiro aspecto de sua situação geographica o faz, naturalmente, — como muito bem disse um publicista contemporaneo — arbitro das relações commerciaes existentes entre os diversos paizes que separa, visto como ella dá-lhe lugar preponderante em todas as manifestações da vida maritima do sul do continente. D'ahi, não só o proseguimento desembaraçado e normal das operações mercantis, que interessam á vida economica, como os elementos de organização material do poder militar de numero não reduzido de republicas sul-americanas, que ficam, sob ambos os pontos de vista acima indicados, dependentes em um caso e tributarios em outro, dos Estados-Unidos do Norte e de diversos paizes europêus. Ainda mesmo com a passagem pelo canal de Panamá, que desviará uma certa parte do trafego maritimo, que actualmente faz-se por este lado do Atlantico para ir ao Pacifico, a

navegação pela estrada occidental do primeiro não perderá de todo a sua importancia anterior, tanto para nós quanto para os nossos vizinhos do sul.

Mas, os paizes em si nada valem, sem o trabalho dos que os habitam.

Que temos feito, para o progresso em transportes maritimos de um lado, e para a sua segurança, do outro? — Uma mal aparelhada navegação de cabotagem, uma ficticia organização de pesca e os nossos portos, principalmente os do norte, indefesos e entregues á affronta de navios de guerra estrangeiros!...

Na sua maior extensão, de leste a oeste, o Brazil mede 4350 kilometros. Em numero e dimensões das suas bacias hydrographicas, o Brazil é considerado o paiz mais favorecido do mundo.

«Estudando-se a distribuição das bacias fluviaes do Brazil — disse o illustre Saint-Hilaire — fica-se admirado das innumeradas vantagens que aos brasileiros coube em partilha para a navegação interior do seu paiz.

Que são, de facto, disse o grande geographo, os nossos mesquinhos rios, comparados a esses rios gigantes que percorrem tantas regiões e cujas aguas, depois de haverem banhado as arvores magestosas da zona torrida, vão em margens tão longiquas dar nascimento ás humildes hervas dos climas temperados?»

O que ha feito, dizemos nós agora, para o aproveitamento dessas innumeradas vantagens, que a nós brasileiros coube em partilha, segundo opinião competente do sabio scientista francez? Uma pequena flotilha de gaiolas no Amazonas e algumas *catapartas* errantes no São Francisco e no Paraguay!

Não fosse o auxilio estrangeiro, que já nos custara exorbitantes e escandalosas subvenções, o trafego por esses mediterraneos seria quasi nullo.

O interior da Bahia, no territorio banhado pelo rio São Francisco—o vice-rei da potomographia brasileira,

assim classificado por Alberto Rangel, é de uma uberdade espantosa. Os seus numerosos tributarios e sub-tributarios, que podem ser navegados por mais de cem leguas, banham terrenos fertillissimos, os quaes, tal a benignidade e frescura de seu clima, dão até fructos das zonas temperadas— como na Ribeira, immenso *plateau* de dezenas de leguas, todo cortado de riachos a que dão o nome de Marimbús, hoje reduzido a refugio de bandidos e assassinos!

Não é a lavoura o elemento exclusivo de riqueza da bacia do São Francisco. A criação de todas as especies de gado não encontra melhores zonas no Brazil para a sua multiplicação, que ahi é assombrosa.

A exiguidade de trafego fluvial, a carencia de estradas de rodagem, os fretes elevados por linhas ferreas e os pesados tributos impostos por auctoridades absolutas nos municipios do interior, são as causas principais do atrophiamiento e desanimo do commercio e lavoura nessas zonas privilegiadas. Tambem é isso devido, em grande parte, á acção dos poderes publicos, entre nós, perder-se mais em contar votos, ou, fazel-os resuscitar e em recompensar dedicações eleitoraes, do que em enfrentar a serio a verdadeira politica do bem commun—que não é a politica do favoritismo, que multiplica os dispendios e causa gravames ao erario publico.

Seria fastidioso enumerar aqui os enormes recursos do interior de nosso Estado, que todos vós bem conheceis, e não cabe nos curtos limites de um discurso de admissão.

O desenvolvimento industrial, o progresso da lavoura e a expansão mercantil, estão tambem dependendo, entre nós, da preferencia que se deve dar sempre á via fluvial e maritima, para uso das relações mercantis de uma larga faixa que lhes for marginal. Quando não contribuisssem a segurança, a rapidez, a facilidade e o maior volume de carga, bastaria a con-

sideração primordial da barateza dos fretes e de seu custeio para explicar, *á saciedade*, a natureza do phenomeno economico-social. Em toda a parte do mundo, principalmente nos Estados-Unidos do Norte, tambem muito favorecido de bacias hydrographicas, onde é possível aprofundar e alargar um rio, ou, mesmo cavar um canal, o trafego fluvial é sempre preferido ao terrestre.

Os tumultuarios melhoramentos materiaes realizados no Brazil, em um regimen de tantas esperanças; a nossa definhada lavoura; a anarchia instaurada em todos os ramos da instrucção secundaria e superior no nosso paiz e, principalmente, o descaso pela instrucção primaria no interior, que tem alimentado a crueldade de descaminhos sociaes, o fatalismo musulmano, a credulidade infantil e o desleixo selvagem dos nossos sertanejos, durante um periodo quasi secular de nossa independencia, são o bastante para procurarmos mudar de rumo, de modo a desmentir o que se diz de nós no estrangeiro: — não sermos capazes de dirigir este vasto, rico e privilegiado paiz!

Para fazermos valer os nossos recursos de grande nação, argumentamos sempre com a fertilidade de nosso sólo, a vastidão das nossas florestas, a extensão de nossas costas e rios e as riquezas inexgotaveis das nossas minas. Mas, comemos o pão que nos vem da Argentina e America do Norte e o xarque do Rio da Prata; importamos os vinhos, as batatas e até os palitos de Portugal; edificamos as nossas habitações com o pinho que nos manda a Suecia, Noruega e a Russia. Os nossos motores se alimentam do carvão da Inglaterra; os nossos caudalosos rios são navegados por gaiolas e pirogas; os direitos de importação nas nossas alfandegas são cobrados em ouro inglez!!!...

«E' preciso que se repita, sem cessar — diz um escriptor brasileiro — que sobre todas as soberbas mani-

festações desta natureza prodiga e solícita, nenhum outro direito poderemos allegar, nenhum outro argumento ser-nos-á licito expender, na confirmação do nosso *uti-possidetis*, que não sejam os que decorrem de uma administração, até agora infeliz e descuidosa, de par com uma posse immerecida, se não soubermos aproveitá-los com o interesse que nos cabe despender a bem do direito ás regiões do Brazil ».

Porque, concluimos nós, o pouco que ha feito no nosso paiz, ha quasi um seculo de sua emancipação politica, não representa o progresso e civilisação de um pòvo, que devendo ser o explorador desta *terra promettida*, se julgue tentado a exclamar, como os entusiasmados hebreus — *Vamos e gozemos della*.

Tambem, ha um quarto de seculo que o Brazil, constituindo-se em Republica Federativa, julgando ser esse o unico meio de resolver o problema de um mais intensivo desenvolvimento, a não ser em alguns progressos materiaes, com pesada aggravação da nossa divida externa e inconscientes dispendios, nenhum passo adiantou em civilisação e progresso, perdendo até na confiança e no credito, que antes gozavamos no estrangeiro.

« Cada terra pertence áquelle que melhor sabe aproveitá-la e com maior bravura sabe defendel-a », escreveu Kirchhoff, ao referir-se ás terras do NE. brasileiro.

No surto da pasmosa transformação na sua historia politica, a nossa cara Patria — do Brazil Imperio em Brazil Republica e com a autonomia das antigas provincias, que tomaram o nome pomposo de Estados, parecia que novas forças se conjugariam para a transformação de um paiz atrophiado em um novo Estado prospero e feliz, de novos ideaes civilisadores, de mais moralisadoras administrações, de mais diffundida instrução e de maior liberdade, igualdade e justiça, implantados pelo novo regimen, e que satisfizessem ás mais

justas e ardentes aspirações dos brasileiros, para orgulho seu, no predomínio do continente.

Até hoje, infelizmente, não se acham realizados esses sonhos dos transformadores, após um quarto de século de vida republicana!...

Ainda mesmo que tivéssemos as distancias encurtadas, as barreiras transpostas, o commercio ampliado, as sciencias cultivadas, a agricultura florescente, as artes exercitadas, a liberdade sem limites, serão esses, por acaso, os unicos elementos que constituem a moralidade e a civilização da Santa Patria da fraternidade, do direito e da—*ordem e progresso*—que nos lembra o lemma da bandeira da Republica?

Penso que, para conseguir-se esse progresso, moralidade e civilização, para chegar-se, emfim a essa gloria, seria necessario promover-se a verdadeira felicidade do povo, que consistirá:—em não nos vermos separados da cordura e honestidade dos governos, da moralidade e patriotismo dos cidadãos, do amor fraternal do povo e todos, unidos em santa concordia, bemdizermos os sonhos realizados dos transformadores.

Esse é que seria o progresso e civilização da Republica.

Se progresso quer dizer marchar para frente, se irá adiante quando os governos, que dirigem os destinos da nação, se informem do desejo de prosperidade dos governados e não façam da faixa do poder o instrumento de despotismo e tirania e não a convertam em vara magica para improvisar fortunas, com prejuizo do thesouro publico;

Se irá adiante, quando, na escolha de seus funcionarios, não sejam admittidos serem degenerados, cujo unico merito é a condescendencia servil a desejos e caprichos dos governos, senão somente aos que por suas virtudes tenham merecido subir áquella dignidade,

que os faz apreciaveis a seus subalternos e merecedores dos empregos que occupam;

Se irá adiante quando, os homens de valor, á semelhança dos pharoes luminosos, guiem as classes inferiores da sociedade, inspirados no santo amor da Patria, e cooperem poderosamente para que sejam elevados ao poder somente os verdadeiros servidores do paiz;

Se irá adiante quando, os cidadãos, que com os seus votos tenham de designar o homem que deva ser revestido da suprema dignidade, ou, da representação da Republica, pesem desinteressadamente os meritos das pessoas mais eminentes, que tenham conquistado o apreço commum com virtudes e obras não mentidas, e repillam os que procuram traficar com os sagrados direitos dos cidadãos, para comprar-lhes as consciencias, para envilecer-lhes os sentimentos, reduzindo os á condição de sêres inferiores.

Se irá adiante, quando, o governo e o pòvo se constituam doceis discipulos da Santa Religião, sem a qual todo esforço é inutil e incapaz.

Sem isso, os nomes pomposos de—ordem e progresso—são um sarcasmo lançado em rosto de pòvos imbecis; são uma ironia inscripta no symbolo da Patria, que só podem excitar a compaixão e o ridiculo dos pòvos do mundo civilisado.

Para não falsear o nosso lemma, inscripto na bandeira do maior paiz sob o Cruzeiro do Sul, procuremos não imitar algumas republicas da America, cuja historia de um sculo de revoluções, de guerras fraticidas, de horrores e barbarismos tanto teem escandalisado os pòvos civilisados.

Donde essa serie de guerras civis, que em republicas da America, são periodicas como as estações do anno?

Indagae do grão de instrucção, moralidade e justiça desses pòvos, se quizerdes ter a causa de tantos males e tanta ambição pelo pennacho governamental, para si

e seus herdeiros. E não se julgue que, por serem republicas, falte-lhes o herdeiro necessario do poder, como nas monarchias o herdeiro legitimo.

Dentre os conceitos que, durante as minhas viagens ao estrangeiro, ouvia sempre externar sobre os paizes da America do Sul, um d'elles ainda bem gravado conservo de memoria — «Que estes paizes eram republicanos democraticos, porém, na realidade, a sua historia não tem sido outra cousa senão uma anarchia continuada. Nenhuma constituição, nenhuma carta fundamental, nenhum systema conseguia funcionar durante dez annos seguidos sem que os descontentes julgassem necessario derribar os governos para se apossarem do poder e se locupletarem dos dinheiros publicos».

Seria, pois, retroceder, imitar o progresso de nações do nosso continente, como o infeliz Mexico, onde os presidentes levantam o seu prestigio sobre os cadaveres de milhares de cidadãos, e nelle se firmam continuamente pela espada de Damocles;

Seria retroceder, seguir a justiça de paizes onde a igualdade não se pesa pelos meritos dos mais dignos;

Seria retroceder, imitar paizes onde não ha homens perdidos nem reputações inatacaveis, chegando-se, por esse meio, ao estado de ninguem mais perder o conceito publico, nem mesmo os caracteres conspurcados;

Seria retroceder, imitar essas republicas onde o direito se manifesta pelo sacrificio das leis e constituições á vista dos cidadãos;

Seria, ainda, retroceder, imitar nações onde a fraternidade entre povos se patenteia pela frequencia espantosa de conflictos armados de irmãos contra irmãos, para procurarem nas guerras fratricidas a solução ordinaria das mais vitaes questões da Patria!

O caminho seguro para o progresso e civilização, que levaria as republicas á verdadeira felicidade, se me afigura encontrar nos conselhos do grande Washington,

contidos na sua *alocução de despedida*, ao retirar-se da vida publica dos Estados Unidos do Norte. Esses conselhos patrióticos, deixados como herança de um passado cheio de virtudes cívicas de um cidadão norte-americano, que presidiu, por dois periodos de governo, os destinos de sua patria, em situação critica e embaraçosa, em face de nações da Europa, também nos poderiam servir hoje para segurança e madureza das nossas instituições, estabilida de da nossa Patria e para o seu progresso, sem interrupção, até esse gráo de força e consistencia necessarias para dar-lhe, humanamente fallando, o commando dos seus proprios destinos.

Que as lições da presente luta, em que a energia dos mais civilisados povos da Europa se desenvolve com todos os horrores, que pareciam sepultados nos campos das guerras de tempos antigos, nos sirvam de proveito, no sentido de nos acautelarmos das suas consequencias, que, inevitavelmente, ainda mais hão de agravar a nossa situação presente.

Não sabemos qual será o epilogo dessa tragedia mundial; tragedia em que não são respeitadas as leis da guerra, nem lembrados os compromissos das conferencias de paz entre nações tidas como mestras da civilisação. Como terminará esta luta?

E' o segredo do futuro.

Dando por findo este meu discurso de admissão, a que fui obrigado pelos estatutos desta casa, cabe-me implorar o vosso perdão e pedir benevolencias pelo abuso e liberdade, que usei, de honrar o acto de minha posse com as considerações expendidas sobre o progresso e civilisação da nossa cara Patria, em um dia, como hoje, que se commemora a promulgação da Constituição da Republica. Essas considerações desalinhas, sem valor

algum litterario, sem methodo e informes, foram escriptas sob a impressão afflictiva que tem produzido em meu espirito a inconsciencia, na administração do nosso paiz, do rumo perigoso que tem seguido a Republica.

Tambem as escrevi, Senhores do Instituto, na certeza de serem ellas dirigidas a conterraneos patriotas, que não acharão difficil prognosticar o que se contem no ventre do futuro, em relação á nossa Patria, a julgar pela phase triste em que ella se abala.

Que não nos recriminem os falsos republicanos, que atiraram o paiz ao descredito, á bancarrota e a quasi miseria, com a accusação de querermos desmoralisar a Republica para matal-a.

E porque matal-a, quando tambem cabe-me a responsabilidade, por ser ella proclamada pelo exercito e armada em nome da Nação? — Classe a que pertenço ainda, se bem que a minha fraca individualidade ora retirada do serviço activo, em momento de perigo para a Patria estará prompta a servil-a?!

Longe, como estava, no dia da proclamação da Republica — em uma longa viagem de 22 mezes, circumnavegando o glôbo — dei a minha solidariedade ao acto, como a maioria dos brasileiros, que acceitaram o facto consummado.

Acabava de aportar á «Ilha de Sumatra» o velho Cruzador «Almirante Barroso», onde se achava embarcado tambem um principe brasileiro, quando a primeira nova — de ser o nosso paiz Republica — com pasmo geral era recebida do proprio Almirante em chefe de uma Esquadra Hollandeza, em cujas aguas nos achavamos surtos. Essa surpresa deviamos, naturalmente, ao facto do referido marinheiro ver ainda tremular o pavilhão auriverde *corôado* no navio de uma nação já Republica de 15 dias, e que, por uma dessas coincidencias inexplicaveis, fôra içado a bordo do «Barroso», no dia 2 de Dezembro de 1889, com a sua corôa invertida.

Lançavamos, n'essa data, a ultima pá de cal na monarchia decahida, prestando ao anniversario do segundo imperador do Brazil as homenagens que pela pragmatica estavamos obrigados — com tres salvas de 21 tiros e embandeiramento em arco — por não termos ainda noticias officiaes do novo regimen.

Estava, pois, para nós, tripulantes do « Almirante Barroso », extincta n'aquelle dia a monarchia no Brazil.

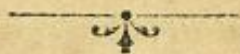
Retirada a corôa da nossa bandeira, restava-nos pensar nos destinos da Republica e tratar de servir-a e não nos servirmos della.

Deveria me ter satisfeito com o saudar-vos e agradecer a honra da eleição de meu nome para o quadro de socios desta casa. Mas, a data de hoje, actuando sobre o meu patriotismo, levou-me a abusar de vossa attenção e cortezia por alguns instantes mais n'esta tribuna.

Tenho dicto.

Fevereiro, 24 de 1915.

CAIO PINHEIRO DE VASCONCELLOS.



Discurso do orador official dr. Theodoro Sampaio

Meus Senhores.

ACABAES de ouvir, da palavra conceituosa e sincera do recipiendario, a sua promessa solemne de aqui collaborar connosco, o seu sentir de homem de sciencia e de coração, de patriota e de militar, diante do espectaculo da hodierna civilisação, a affogar-se em sangue, pelos seus indices mais elevados, diante do infortunio da patria amada a porejar incapacidade por quantas faces a considerem, nessa trilha timentosa que não é de certo a dos seus destinos, como não é este, qual elle nol-o descreveu tão vivo, o aspecto do ideal que sinceramente todos aspiramos.

Vindo das luctas do mar, trazendo nos punhos a aurea divisa da marinha nacional, a benemerita da nossa Historia, o nosso illustre consocio, cujo passado valle por um modelo de bons e reaes serviços ao paiz, traz ainda e com o mais justo orgulho nas tradições de sua familia, meus senhores, os triumphos serenos dos magistrados, as benemerencias reconhecidas dos ministros honrados, os sacrificios heroicos dos que, na morte, souberam honrar o seu posto, como souberam cumprir o seu dever.

Fui condiscipulo de irmãos e parentes vossos, meu caro almirante, nos meus annos de infancia e de mocidade; tive a rara fortuna de conhecer, naquelles tempos, os mais illustres dos vossos, como o foram o austero e integro Visconde de Monserrate, o Marquez de Paranaguá, os Pinheiros de Vasconcellos e, entre estes, aquelle que, com o mesmo nome vosso, vos precedeu nos quadros da marinha nacional.

Recordo-me bem desse tempo já sumido nas brumas do passado e que ainda me lampeja na memoria com reflexos de saudade, as boas, as doces recordações do periodo de minha existencia quando, ainda joven, concebia um ideal da vida, como então se podia conceber n'um ambiente de moralidade sadia e aos influxos de exemplos nobres, suggestivos, nasci-

dos da fortaleza de animo, da firmeza do character, do sentimento do dever.

Não estou exagerando, com essa exaggeração doentia de que, de ordinario, se increpam os velhos,—*laudatores temporis acti*.

Duvidarão, talvez, somente aquelles que não conheceram, como eu conheci, a figura moral do vosso illustre avô, Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, Visconde de Monserrate.

Vi-o, uma vez, acclamado em triumpho, por toda a população do Rio de Janeiro, presa de sincero enthusiasmo pela maneira nobilissima, cheia de dignidade altiva, com que o integro magistrado, na sua velhice veneranda, soube repellir e castigar uma prepotencia do governo. Recordo este facto porque é edificante.

Queria-o coroado de louros a multidão, e de fino ouro era a corôa que lhe offerecia. Mas aos instantes reclamos dos glorificadores entusiastas oppunha-se firme a resolução do homenageado, que assim se expressava:

—«Consente a minha modestia, tão somente, em erguer nesta dextra o vosso galardão—», e sustentava com mão tremula, a mesma que soia ser tão firme no lavrar sentenças, a corôa que julgava não merecer. E' que tão grande era a sua modestia quanto a sua fortaleza de animo, como cidadão e como juiz.

Perguntava-lhe depois o imperador, se, procedendo como acabava de fazer, não se arreceiava de malquistar-se com o governo. «—Não me arreceio disso, Senhor, respondeu o Visconde, pois prefiro desobedecer aos ministros de Vossa Magestade a desacatar a Constituição, que eu jurei guardar e defender. . .»

O monarcha silenciou. Dir-se-ia que, naquelle momento, duas majestades distinctas se enfrentavam, mas que a do velho magistrado tinha superado em grandeza moral a do proprio soberano que, seja dito sem lisonja á sua memoria, era, elle mesmo, uma moralidade viva.

Tinhamos, nesse tempo, meus senhores, homens da tempera espartana de Monserrate, de Fernandes da Cunha, de Zacharias de Góes e Vasconcellos. Naquelles tempos, meu illustre almirante, a Constituição do Imperio, cujas paginas uma lufada revolucionaria dispersou, tinha, não obstante, como guarda vigilante, a integridade de character, a firmeza de homens como o vosso illustre avô, um digno filho da Esparta antiga.

Hoje, festeja a Republica a sua Constituição já no vigésimo quarto anno da sua promulgação, quasi um quarto de seculo, tempo bastante para prova de sua efficiencia, a julgar pelos beneficios que ella nos trouxe. Não serei eu que a condemne, com injustiça, decidindo dos seus meritos pelas anomalias que, neste quarto de seculo, se praticaram e se praticam em seu nome e á sua sombra. Seria, a proceder assim, condemnar o ideal em si mesmo só porque não o logra comprehender o individuo que o serve.

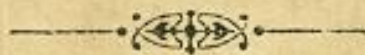
A Constituição de 24 de Fevereiro de 1891 é esse ideal que, na nossa fraqueza de incapazes, ainda não logramos attingir. A ella, comtudo, a despeito dos beneficios com que nos acena, cabe a responsabilidade do enfraquecimento da Justiça, dom de que já gosamos melhor em outr'ora, e que hoje, incontestavelmente, é um dos erros graves da Republica, capaz, elle só, de trazer a ruina desta instituição.

Não ha negar que a justiça do tempo do Imperio era mais efficaz. Curava della com os zelos de um protector impecavel o proprio monarcha. Parecia ser ella a menina dos seus olhos. Todos sabemos como D. Pedro II exercia as suas funcções majestaticas no que dizia respeito á distribuição da justiça. Era todo zelos na escolha dos magistrados, zelos na fiscalisação destes, zelos nas promoções, zelos para que a *politicagem* não empanasse a serenidade e a independencia do juiz. Comprehendia, mui sabiamente, que uma nação nova, com um amplo organismo ainda em gestação, não se podia constituir bem, nem prosperar, nem engrandecer-se se lhe faltava a justiça, a bôa e verdadeira justiça que fortifica e estimula a liberdade do cidadão, que dá a segurança inteira á fortuna publica e privada, e com isso provoca a entrada de capitaes estrangeiros, que inspira confiança aos profugos de nacionalidades outras que, transportando os seus lares para entre nós, encontrem, nessa mesma justiça, a luz, o calor benefico do direito, sob o nosso céu, como esse calor e essa luz tão viva com que o sol acalenta a nossa terra.

Oxalá que esta Constituição de Fevereiro, numa realidade pratica que a nós mesmos nos contente, nos dê a boa justiça de que hemos mister e que, mais bem succedida de que essa outra, que uma lufada destruiu, encontre a defendel-a e a practical-a homens da tempera de Monserrate, o vosso illustre avô, de veneranda memoria, meu caro almirante.

São as boas vindas que esta casa me encarrega de vos dar. Possam as minhas palavras ao receber-vos, nesse dia anni-

versario, traduzir com fidelidade o sentimento de nós todos, e trazer-vos a segurança de que aqui, neste cenaculo da Historia, vos acolhemos como aos que mais esforçadamente se batem, luctam pela honra, pela gloria, pela prosperidade da nossa patria.



Sessão Magna

Commemorativa do 24.º Anniversario de Fundação
em 3 de Maio de 1915.

Presidencia do Cons. Antonio Carneiro da Rocha

- a) Relatorio do 1.º Secretario
- b) Discurso do Orador Official.

**RELATORIO das principaes occurrencias da vida do
Instituto de 15 de Novembro de 1914 a 3 de
Maio de 1915, apresentado e lido na Sessão
Magna de Anniversario, pelo 1.º Secretario**

Bernardino José de Souza.

Senhores:

MANDAM os nossos Estatutos que o 1.º Secretario apresente nesta Sessão solemne, em que se commemora o anniversario da fundação deste Instituto, o Relatorio das principaes occurrencias de sua vida social durante o ultimo anno. E' uma fala sincera aos irmãos, lealdosa para os ouvintes, sem rodeios para o publico, mirando obter a solicitude dos primeiros, a protecção dos segundos e a graça efficaç do terceiro nas dadivas de seu arrimo indispensavel: vale tambem como uma exhortação á ajuda continua da munificencia de todos.

Não fôra isso e não verieis aqui o desluzido Secretario desta benemerita Sociedade, dizendo alto a sua phrase desprimorada e humilde em flagrante contraste com os esforços de sua lida, sem descanso nem vagar, cheia de zelos pela prosperidade crescente deste tabernaculo das nossas glorias passadas e guarda vigilante das tradições da Bahia, culminadas por formosas acções e altos exemplos.

Bem curta será a minha jornada: é a historia ligeira de cinco mezes apenas, a contar de 15 de Novem-

bro de 1914, quando á sombra da vossa fidalguia que se não cança de honrar a desvalia de minha pessoa, naquelle dia de franco triumpho, eu vos dizia que felizmente a sementeira espalhada em 1894 recomeçava a medrar virente e promissora num ambiente amovel, deante de cuja magnificencia a minha alma ajoelhada e arrebatada vos ia contar a historia de uma desdita que se venceu em lances de tenacidade digna dos vossos applausos.

Celebrava-se então o resurgimento do Instituto: disse-vos o que fizemos nos tempos anoitecidos de 14 mezes de duvidas e temores em linguagem veiada da mais pura e sadia sinceridade, e, no calor da gloria, esquecido do que sou, gisei o rumo que levariamos dalli avante. Continuaríamos a manter o fogo sagrado nas aras deste templo, onde no culto do passado se avigora a esperanza no futuro e a fé nos altos destinos da nossa terra.

Conto-vos agora a nossa vida entre aquelle marco milliarario da nossa estrada e o dia de hoje, que rememora o inicio modestissimo da mais util colmeia de trabalhadores espontaneos da gloria da Bahia.

Na passada dos ultimos cinco mezes o Instituto Geographico e Historico viveu ás claridades de uma auro-ra cheia de promessas, listada de esperanças, prefigurando as vagas d'oiro de dias rebrilhantes, sobretudo quando a nossa bôa fraternidade, a nossa amiga convivencia, o nosso eloquente desprendimento transformavam pensamentos em acções, idéas em realidades, projectos em factos, muito embora os brilhos dos primeiros e a modestia inevitavel dos segundos.

Lembro-me neste momento de uma imagem bellissima do Conego Januario da Cunha Barbosa, primeiro Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, feita de referencia á mesma fundação, agora desataviada nas palavras em desalinho do vosso Secre-

tario: o nosso Instituto começou e prosegue como esses rios de precario nascimento nas devezas de suas fontes, enxorando as areias de um leito escasso, depois engrossadas pelos tributos de outras aguas, crescentes sempre, além caudalosos, largos e profundos, fertilizando terras longinquas, enriquecendo povos e nações.

A' alvorada promissora já se seguem os primeiros raios de luz intensa: é o despertar confortador e evidente da actividade dos associados desta casa, augmentando dia a dia o numero dos que percebem a necessidade immediata do conhecimento da nossa geographia e da nossa historia, em seus mais latos aspectos, proseguindo a construcção dos alicerces e fundamentos da nossa grandeza futura.

Assumimos o compromisso de zelar a integridade dos sentimentos dos nossos avoengos e de consolidar esta obra de amor e veneração, necessaria e sobradamente patriotica, fazendo que se espalhassem as suas raizes pelas camadas sociaes, identificando-lhe a missão nobilissima com a causa da propria civilização moral e intellectual da Bahia. Temos cumprido a nossa palavra e se mais não fazemos pelo «unico abrigo das tradições bahianas», a culpa é da mingua de recursos que nos embaraça os movimentos e muita vez nos entibia o animo.

As doces alegrias de irmãos felizes na paz de um trabalho cuja recompensa é a fortuna do seu exacto desempenho, a harmonia de ideaes e de acções, a vinculação de esforços, todos apontados ao mesmo *desideratum*, os extremos de amor a este cenaculo de saudades de outr'ora, de justiça e de paz no presente, de famas illustres para o futuro, são e serão sempre as panoplias dos cavalleiros da cruzada que se impoz o Instituto da Bahia, escola de civismo, oraculo de idéas magnificas, altaneira atalaya da historia da Patria.

* * *

Vêde a prova lealdosa na confissão seguinte.

* * *

Conferencias

Idealisamos conferencias publicas feitas por grandes vultos das nossas lettras: era o Instituto transformado em educador do povo. Imaginamol-as tambem como penhores da nossa gratidão para com o publico bahiano, que tanto nos ajudou nas horas da amarissima provação por que passamos. Já se fizeram quatro, qual mais brilhante, mais profunda, mais educadora.

Contavam-se 28 dias do mez de Novembro quando as iniciou um venerando Mestre, uma das mais respeitaveis personalidades da Bahia intellectual, o nosso amado consocio Dr. Antonio Pacifico Pereira, rija vergontea de uma trindade gloriosa e representativa de grande fama da nossa terra. Noventa minutos de sabio e profundo discorrer em torno da *Lucta pela vida sob o aspecto scientifico, moral e social*, deante de um auditorio selectissimo e maior de uma centena, eis o inicio desta senda luminosa que vimos trilhando até agora.

A 24 de Janeiro occupou a nossa tribuna o emerito jurisconsulto nacional Dr. Eduardo Godinho Espinola, falando da *Questão de limites entre a Bahia e Pernambuco, do duplo ponto de vista historico e juridico*.

Foi a leitura de uma extensa monographia, em que o seu autor mais uma vez patenteou a sua cultura juridica profundissima a par de uma clareza de exposição pouco frequente no trato destas questões complicadas de alvarás, cartas regias, foraes, avisos e decretos que se contradizem, oppõem e invalidam.

Trinta e quatro dias após trazia-nos o seu incontestavel auxilio, o brilho scintillante de sua palavra arre-

batadora e pasmosamente eloquente o Dr. Arlindo Fragoso: mais de 200 ouvintes, presos na cadeia de ouro de sua prosa admiravel, applaudiram as ultimas palavras da bellissima conferencia intitulada: *Ruy Barbosa Um episodio da vida jornalística*.

A 21 de Abril falou aqui um velho de 75 annos, 58 dos quaes de utilissimo ensino e santo apostolado. Foi o Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, meu pae de ha 20 annos pelo espirito e coração e de ha 9 pelos laços inquebrantaveis de uma affinidade amantissima, desde que me entregou o maior thesouro de sua alma, a minha esposa idolatrada. Delle apenas vos digo que me deslumbrei com a sua apotheose publica: eu tive orgulho.

Quatro conferencias que foram quatro triumphos para o nosso Instituto: quatro vezes se me envaideceu o espirito e transbordou o coração das mais arroubadas alegrias, porque, Senhores, sob o penhor da minha palavra, eu desejo tanto a prosperidade deste templo de luz, quanto a da minha propria familia. Rodearam-nos nesses dias de uma atmosphaera de prestigio, onde a peito cheio, eu e meus irmãos, sorviamos as doçuras dos trophéus encel-leirados.

Nelles buscamos o engrandecimento da Bahia pelo engrandecimento intellectual de seus filhos. E' do nosso programma, e o Instituto compraz-se em poder dar, por minha voz, um testemunho de agradecimento, em nome tambem das lettras bahianas, a quem tão nobremente nos presenteou a fama de suas palavras illustres.

Ainda ecôam nos angulos deste salão as palavras eruditas dos prestantissimos cidadãos: são o annuncio das que se vão seguir, na faina altiloquente de educar doutrinando e de doutrinar educando.

Sessões Ordinarias

Realizaram-se quatro sessões regulamentares, todas muito concorridas e importantes. A de 13 de Dezembro

de 1914 foi especialmente dedicada aos interesses administrativos do Instituto: apresentação e aprovação das contas de sua reconstrucção e reorganização e eleição dos funcionarios para o biennio de 1915-1916. Reunidos de novo os socios aos 3 de Janeiro deste anno, houve a sessão de posse dos referidos funcionarios e depois uma attrahente exposição do mais autorizado historiographo bahiano, nosso digno 1.º Vice-Presidente, em torno do regio presente que, por seu intermedio, mandara ao Instituto o dedicadissimo socio correspondente Major Rogo-ciano Pires Teixeira, constante de todo o Archivo particular do Dr. Angelo Muniz da Silva Ferraz, Ministro da Guerra do Imperio nos primeiros tempos da Guerra do Paraguay. Foi solemne a sessão de 24 de Fevereiro, commemorando a promulgação da nossa Constituição Federal: nella executamos pela primeira vez o Art. 23 dos Estatutos, innovação adoptada pela reforma de 1914. Entrava em nosso gremio um bravo marinheiro, sahido dos quadros activos com os bordados de Almirante: foi o nosso já agora amigo dedicado e irmão do coração Caio Pinheiro de Vasconcellos, que leu substancioso discurso, vasado nos moldes do mais acendrado patriotismo. Theodoro Sampaio, nosso orador primoroso e dentre os mais illustres desta tenda, recebeu-o em nome do Instituto, evocando o passado de um antepassado glorioso, sacerdote do dever que não buscava applausos nem temia censuras, o Visconde de Montserrate.

Aos 28 de Março reunimo-nos pela quarta vez e dos seus trabalhos falam as nossas actas.

Palestras ou Tertulias

Neste mesmo dia começavam as palestras litterarias e scientificas dos socios, de accordo com o plano traçado em 1912 pelo *bloco de resistencia*, como chamava um dos nossos, á frente do qual estavam Aloysio de Carvalho,

Theodoro Sampaio, Reis Magalhães, Torquato Bahia, o humilde relator e o sempre chorado Satyro Dias, seu primeiro timoneiro. Eram e são reuniões de familia, na phrase de um delles, creadas como um centro a mais de actividade intellectual, uma communidade entre os cultores das lettras, das artes e das sciencias, em proveito de todos, com espaço para todos os labores, encimando-a a mais sincera fraternidade. A 28 de Março os nossos confrades Drs. Oscar Freire e Isaias Alves, dois moços que bem mostram não haver mirrado na Bahia a arvore do talento, fizeram as suas exposições a respeito de problemas de ensino e de educação. E assim brilhantes continuarão as tertulias mensaes dos novos levitas da fama littero-scientifica da Bahia.

Socios

Nos cinco mezes escoados de que vos fa'o entraram para o nosso gremio 25 novos confrades, representantes da nobreza do merito desta terra, e enviamos a um sabio argentino do Museu de La Plata o titulo de socio correspondente.

Dos fallecidos ouvireis dentro em pouco a noticia pela palavra lapidar do nosso orador, a quem cumpre fazer tão piedosa tarefa.

Vem de molde fazer aqui um appello aos dignos consocios, para que mais e mais concorram com as suas dadias e com os seus trabalhos para o brilho desta utilissima Sociedade. O comparecerem ás sessões, o cumprirem todos os encargos da nossa lei, o dedicarem pelo menos algumas horas da semana aos variados labores do Instituto, o ajudarem a sua incansavel Directoria na empresa meritoria do seu levantamento, eis o que vos exoro. Só assim o Instituto Geographico e Historico da Bahia poderá representar o papel altamente civilizador a que visa no seio do nosso povo. Eu vos confesso com justissimo des-

vanecimento que hei conseguido alguma cousa neste particular. O Instituto foi sempre um deserto, cuja monotonia se quebrava de vez em quando pela perseverança de muito poucos dedicados. Quantas vezes o meu inolvidavel antecessor se me queixava do indifferentismo, do desamor e despreço á lida valiosissima desta associação! Já não é o mesmo: o Instituto assumiu outro aspecto. Reformado, modificado, visitado, em actividade constante, começa a gozar o conceito de uma associação cheia de vitalidade e eu espero que elle ha de galhardamente continuar as tarefas de luz que os seus fundadores tiveram a bem apontar. Em tres dias da semana pelo menos (segundas, quartas e sextas) se vierdes aqui, encontrareis o espectaculo de uma faina proveitosa em seu beneficio ao lado da troca de pensamentos e de idéas entre amigos. Que se augmente o numero dos frequentadores assiduos de nossas salas é o que deseja e pede e roga o vosso pequeno companheiro.

Congressos

Merece recordação especial, muito embora seja um facto anterior á ligeira resenha que estou fazendo, a presença do Instituto em 3 Congressos Scientificos realizados no decurso de 1914, a saber: no de Instrucção Primaria e Secundaria havido nesta Capital em Julho, representado pelo nosso respeitavel e venerando Presidente e pelo seu 1.º Secretario; no de Historia Nacional do Rio de Janeiro, em Setembro, representado pelos nossos consocios Drs. Theodoro Sampaio e Braz do Amaral; no Internacional de Americanistas, realizado em Washington no mez de Outubro, representado pelo illustrado confrade Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva.

Offertas

A floridissima gentileza de alguns dos nossos e de

outros estranhos a esta legião, houve por bem mimos-sear o Instituto com importantes e valiosas offerendas. Constan todas ellas do livro especial para o registo das prendas que recebemos e que vão sendo publicadas mensalmente pela Imprensa, a quem envio os mais sinceros agradecimentos pelo muito que ha feito em favor do progredimento do Instituto, transmittindo ao povo as credenciaes da sua utilidade e benemerencia.

Bibliotheca

A Bibliotheca do Instituto não tem o seu serviço regularizado. Falta-nos a organização material completa, decorrente da mingua de recursos pecuniarios. O seu director, Dr. Ajuricaba Aprigio de Menezes, esboçou o plano de uma catalogação dos livros, sendo porém obrigado a interromper o trabalho ante a carencia das estantes definitivas. E mais de 5000 volumes estão assim quasi desconhecidos, sem prestar ao povo e aos nossos confrades os serviços esperados.

Aberta todos os dias uteis das 11 horas da manhã ás 3 da tarde, é bastante frequentada pelo publico, o que se pode verificar do livro de assignaturas dos leitores. A actual Directoria tem em mira fazer todos os sacrificios para terminar a definitiva instauração do nosso «archivo do saber». A parte mais necessaria das obras já foi orçada em 1:800\$000.

Archivo e Museu

São melhores as noticias do departamento do nosso Archivo.

Antes do incendio não tínhamos verdadeiro Archivo: era um amontoado de papeis desordenados, atrapalhados, sem classificação, grossos pacotes de velharias inertes. Dahi em grande parte as perdas avultadas no incendio de 1913. Resurgido o Instituto, o nosso presa-

dissimo consocio e muito dedicado 2.º Secretario, Dr. Joaquim dos Reis Magalhães, a quem me ligam laços de velha amisade, mais estreitada na convivencia quasi diaria do Instituto, entregou-se á lida paciente e demorada do inventario dos documentos que nos ficaram. Formaram ao seu lado e com igual carinho na mesma campanha os Drs. Braz do Amaral, Theodoro Sampaio e o Alm. Caio Pinheiro de Vasconcellos. (*) A todos sobrepujam na assiduidade o meu presado mestre Dr. Braz e o meu amigo Caio Pinheiro.

Vão em bom caminho os trabalhos: já temos um Registo e 4 pastas cheias de documentos inventariados, numerados e classificados.

Releva, Senhores, realçar a utilidade e a necessidade destes serviços do mesmo passo que o valor moral do exemplo dos nossos companheiros.

Da guarda e conservação, do estudo e da consulta destes papeis velhos e memorias do passado podemos encontrar valiosos ensinamentos para a elaboração da nossa historia, refundindo-a na forja das provas mais seguras da verdade dos factos. Ninguem melhor que Echard definiu os Archivos, chamando-os os *pharões da historia*.

Aos tres operosos escriptorios do Instituto se juntam outros, todos reunindo as qualidades principaes dos archivistas: fidelidade, prudencia e segredo.

* * *

O nosso Museu está em inicio: falta-nos tambem a organização material. Delle se occupam principalmente os Secretarios, guiados pelo Dr. Theodoro Sampaio, a nossa maior competencia em indianologia, o qual já principiou a classificação dos especimens mineraes que pos-

(*) De antes o Dr. Isaias Alves havia iniciado a organização do Archivo.

suimos e dos artefactos indigenas. Aqui repito as suas palavras, num bellissimo artigo publicado no brilhante vespertino *A Tarde* de 24 de Abril, a respeito de um artefacto indigena, que nos foi offerecido pelo Dr. Durval Fraga, talentoso juiz de direito da Comarca da Barra do Rio Grande: faço «daqui um appello aos homens de bôa vontade para que auxiliem ao nosso Instituto Historico no empenho em que está de organizar uma collecção archeologica indigena, capaz de documentar, do modo mais completo que ser possa, a existencia em outr'ora das populações selvagens que habitaram a nossa terra e assim concorrer para a solução do magno problema, que ainda é para a sciencia, a filiação pre-columbiana do homem americano». «Temos esperança de que este appello, que ora fazemos, não será baldado, e que o publico bahiano, por cujo concurso patriotico, já se reergueu das cinzas de um incendio o Instituto, dará o seu apoio á formação do museu archeologico indigena, que naquella casa já se iniciou e promete vir a ser um dos mais importantes dos seus thesouros historicos».

Philatelia

Tinhamos um album de sellos desalinhadamente arranjados. O nosso confrade Dr. Carlos Vianna tomou a seu cargo a feitura da collecção segundo as regras adoptadas pelos colleccionadores: a sua assiduidade, a sua dedicação de quasi todos os dias neste trabalho são justos titulos para o meu reconhecimento, sobretudo pelo ter accedido com a sua lhaneza reconhecida ao pedido que lhe fiz de se encorporar á phalange dos trabalhadores assiduos do Instituto.

Esperamos Albuns proprios mandados vir da Europa, e então apresentaremos a nossa collecção que promete ser valiosissima ante as promessas que temos de offertas.

O Dr. Annibal Revault de Figueiredo, irmão pelo coração, merece também uma referencia especial: incumbiu-se da collecção de postaes sobretudo de vistas e typos da Bahia e da execução de aquarellas representando os varios symbolos do Brazil e das tentativas de independencia de algumas regiões da nossa Patria. Duas dellas já se acham promptas, exornando as nossas paredes.

Revista

Estamos em dia com a publicação da nossa Revista que já conta 40 numeros impressos. A de N. 41, correspondente a este anno, está quasi terminada nas officinas da *Typographia Bahiana* do nosso companheiro Major Cincinnato Melchiades, a quem agradeço as concessões com que houve por bem auxiliar o Instituto.

Commissões

Os trabalhos das Commissões ainda não foram regularizados. A não serem as de Fundos e Orçamento, Admissão de Socios, de Revista e de Geographia, cujos membros têm algumas vezes comparecido ao Instituto, as demais não deram a honraria de suas presenças em nossas salas. Releva salientar aqui o carinho e interesse que dedica ao Instituto o Cel. Antonio Vianna, jornalista atarefado que sempre tem momentos de lazer para o Instituto, dando-lhe também os impulsos proveitosos de sua bella intelligencia.

Thesouraria

A solicitude do nosso honrado thesoureiro Major Achilles Pedreira Machado requer especial menção. Toda a parte economica entregue ao escrupulo do nosso estimavel consocio está em condições de impeccavel regularidade. Muito embora os seus empenhos, a cobrança

das mensalidades dos socios (1\$000 réis por mez) faz-se com difficuldade, o que em parte se justifica pela crise formidavel que nos assoberba. Sendo essa a nossa unica receita ordinaria e previsivel, podeis bem comprehender os embaraços com que lutamos para a manutenção da decencia do Instituto e para o custeio dos seus serviços. Dahi o recorrermos constantemente a expedientes que nos têm dado receitas extraordinarias, que, mesmo reduzidas, nos têm salvo da impossibilidade completa de funcionamento. (*)

Reclamo a vossa preciosa attenção para este ponto: diz respeito á parte vital da nossa Sociedade. Não alcançei o tempo das subvenções annuaes dos governos Estadual e Municipal: tiraram-nas de ha muito. Não accuso ninguem nem maldigo a sorte do Instituto: graças a Deus o povo da Bahia ainda acredita nos beneficios do Instituto e esta sua ultima phase, historiada de ligeiro talvez influa amanhã na melhora de suas condições economicas e financeiras.

O nosso predio está onerado desde a sua aquisição. De 18:000\$000 que deviamos já pagamos 10:000\$000, quantia entregue ao nosso benevolo credor em Março do anno que corre. Alem disso pouco ou quasi nada deve o Instituto, porque eu e o meu presado amigo Major Achilles estabelecemos como norma a feitura de compras ou de encomendas já tendo o Instituto os meios para satisfazer immediatamente o pagamento. Tem sido a nossa salvação.

Eu não vos conto os obstaculos que a miude se nos abrolham, nem vos digo outras minucias torturantes que nos embargam os passos tão promptos para o avance do progresso.

Ahi ficam, em reticencias, que me impõe a magnitude da sessão de hoje, a exposição franca e leal da situação

(*) O Instituto tambem conta com as quotas semestraes das loterias federaes, concessão feita pelo Congresso Federal.

financeira deste estabelecimento: só me resta pedir-vos um obulo para o Instituto, symbolo da vossa magnanimidade e condição precipua de podermos apresental-o digno do nome de tão grande Estado e tão illustre gente.

Secretaria

Os labores da Secretaria, que respeitam a toda vida do Instituto e a cuja dianteira está a minha obscura pessoa, estão em dia. São meus trabalhos: delles não falo aguardando o vosso julgamento, certos de que, no Instituto eu me atenho a uma das maximas do profundo pensador e masculino professor de energia, Frederico Nietzsche, da Allemanha sabia: *Levanta-te cada manhã mais forte de vontade que na vespera.*

Ahi tendes o meu Relatorio idealisado á sombra de uma sinceridade perfeita e escripto numa linguagem desataviada, mas flagrantemente leal.

Se o fructo dos nossos trabalhos parecer escasso, tenha-se em consideração que o Instituto reviveu de ha cinco mezes apenas e durante este tempo a Directoria levou de brio dar-lhe o fundamento de uma força moral indispensavel ao cumprimento de seus alevantados fins.

Sob o amparo da nossa perseverança e do nosso desinteresse, com as graças da vossa generosidade e do vosso prestigio, o Instituto ha de palmilhar a senda dos grandes ideaes e ter a florescencia das instituições fecundas. E' mister porém tenaz e porfiada acção, a mesma medida cheia de esforços, a mesma dedicação frutificando exemplos, a mesma energia impondo-se por sua intensidade e espontaneidade, o mesmo compasso no trabalho constante de uma causa benemerita, eloquentemente desinteressada.

E somente assim, Senhores, o Instituto Geographico e Historico da Bahia será um «monumento que vê, que ouve, que fala, que sente, que produz, cujos loiros são vivos crescentes, fructiferos e de cujos seios brotam mananciaes inexauriveis de luz, de civilisação e prosperidade».

E assim é que deve ser o sanctuario das glorias da nossa terra e o templo magnifico, cheio de esperanças, onde se irmanam os crentes da grandeza da Bahia.

Discurso do orador official Dr. Theodoro Sampaio

Meus senhores:

POR disposição regulamentar desta casa, incumbe ao orador official, no dia de hoje, n'um olhar retrospectivo para o passado, vibrar a nota plangente do pezar, na recordação dos companheiros que se finaram na ultima jornada.

E' um dever que procuro cumprir com todas as veras da minha alma, se bem que nem sempre me seja dado interpretar, com a mesma intensidade do vosso sentir, toda a magua que essa perda determina.

Verdade é, bem sabeis, que a data, que hoje se commemora, é antes de nascimento, de jubilo, que de morte; é esse 3 de Maio de 1500, em que se ergue, pela vez primeira, em Porto Seguro, a cruz da civilisação, com que se assignalou na Historia o nascimento nosso, como povo do Novo Continente. Essa cruz, meus senhores, não o esqueçamos, foi o marco mais glorioso de quantos, na rota das conquistas ultramarinas, o povo lusitano foi assentando por toda a parte, ao praticar os feitos memoraveis que Camões, em «estyllo grandiloquo e corrente», cantou nos Luziadas em «tom alto e sublimado».

A cruz e a gloria, eis os dois signos que, nessa data memoravel, presidiram o nascimento do Brasil.

A cruz, meus senhores, desde Porto Seguro, ao imo dos nossos sertões, é que guia, através da Historia, os heroicos missionarios que de sua vida entre os selvagens fizeram o poema do Evangelho nas selvas. E' ella que, na vela das

nãos, presidindo-lhes a rota gloriosa nos oceanos nunca dantes navegados, ou no peito dos Nobregas e dos Anchieta a penetrar nas selvas da America, é sempre o signo da victoria.

E' á sombra dessa cruz, certamente, que o Instituto quer memorados os seus mortos da ultima jornada; quer assim prestar-lhes o preito da saudade, perfume da gratidão dos que ficam aos manes dos que já foram.

E' nesta data tambem que o Instituto celebra o seu nascimento, ou melhor, o seu resurgimento ha uns 21 annos, em 1894.

No tirocinio de quasi um quarto de seculo, é possivel que bem pouco tenhamos conseguido em prol do nosso ideal nesta casa; mas esse pouco vale pelo muito que nos honra, meus senhores.

O esforço que aqui vamos empenhando pela cultura moral do nosso meio, pelo ideal patriótico do nosso tempo, se ja não se assignala por agigantado progredir que a nós mesmos nos envaideça, ja dá, comtudo, aos que o contemplam, como a nós mesmos, a serena confiança dos que se sentem seguros na trilha que conduz á victoria.

Renascemos das cinzas de um incendio, ha um anno apenas. Reconstruimos tudo material e moralmente. Erguemos aqui, nesta casa, um pavilhão de concordia, onde todas as crenças e ideaes se abraçam e se respeitam e todos se irmanam n'um mesmo sentimento, o sentimento de todos em massa, como o de cada um individualmente — o do amor da patria — pelo culto fervoroso da sua historia.

E' no sincero desejo de bem servir-o, que ora cumpro a missão de que me incumbistes, voltando-me para o passado mais proximo, a lançar, pelo pensamento, os goivos da saudade sobre as campas dos companheiros que se finaram no anno derradeiro.

Domingos Rodrigues Guimarães, finado a 14 de Julho do anno passado; Pedro da Luz Carrascosa, a 23 de Janeiro; Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, a 15 de Fevereiro; todos estes tombados na morte na ultima jornada, vós os conhecestes nas culminancias da nossa sociedade, quaes triumphadores nas batalhas da vida, dominando os horizontes pelo saber, pela fortuna, pelas benemerencias legitimas. O Dr. Domingos Guimarães gozou no seu tempo e no seu meio de tão larga consideração e estima como só o conseguem as almas bem formadas, os caracteres que se modelam pela pratica do bem, as almas bemfazejas, capazes de encarnar a caridade e fazel-a agir — «pertransiens benefaciendo». Conheci-o ainda no auge

* das luctas politicas em que se envolveu e, ainda ahi, não perdeu jamais a linha de correcção que era o traço mais accentuado de seu character. Espoliado uma vez, se bem que lhe fosse facil, cedendo á paixão do momento, reaver o perdido, lançando-se na trilha perigosa das repulsas violentas, o cavalleiro patriota, que elle sempre foi, preferiu sacrificar-se, protestando, sim, e expondo bem alto, ao alcance de todas as vistas, a bandeira do escandalo que o seu esbulho significava.

Era um homem probo que sabia honrar o seu meio e podia aspirar e occupar com dignidade os postos mais elevados da republica. Elle os occupou, de facto, como deputado, representando o povo nas assembléas provinciaes, no congresso federal, sendo, por vezes, lembrado o seu nome para a governação do Estado. Os bens da fortuna, o seu cultivo, a sua feição moderada na politica punham-n'o em destaque na nossa sociedade que o acolhia e estimava como um elemento de concordia e harmonia, um espirito superior, inaccessible aos pequeninos odios com que a politica, não raro, entre nós, se abastarda e se envenena.

O Dr. Pedro da Luz Carrascosa, mestre illustre que foi da nossa Academia de Medicina, era um professor modelar que os discipulos amavam, veneravam pela sua solitudine e constancia, o seu saber, a sua mui notavel faculdade de transmittir e de ensinar, suggestionando, interessando, predendo a attenção dos seus alumnos, despertando-lhes o gosto, favorecendo-lhes as vocações. Medico clinico incansavel e dedicadissimo, professor, director mais de uma vez de institutos de ensino secundario, em tudo se distinguia o Dr. Carrascosa pela sua competencia, o seu zelo, a sua indefessa dedicação.

O desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, magistrado cheio de serviços e politico moderado, finou-se aureolado por uma ancianidade benemerita. Tinha luctado e tinha vencido nas rudes travadas da vida do homem que se fez por si. Viram-n'o os contemporaneos mourejar na imprensa e trabalhar, elle mesmo, como typographo do jornal em que pugnava pela prosperidade das regiões sertanejas do rio S. Francisco. Espirito dotado de iniciativa, avido de progredir, o Dr. Montenegro quiz divulgadas as riquezas e possibilidades daquella vastissima zona do paiz e escreveu e publicou as suas impressões de viagem através das terras banhadas pelo grande rio. Magistrado do tempo do Imperio, com tirocinio obrigado pelas regiões centraes do paiz, era o Dr. Montenegro um observador perspicaz, um conhecedor pratico das nossas cousas,

um espirito lucido, uma memoria prompta ao serviço da prosperidade da nossa terra.

Não foram somente estes, meus senhores, os que a morte nos roubou em 1914.

O Commendador João Umbellino Gonçalves, o Cel. Francisco de Mello, o Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, finado a 30 de Dezembro, vieram augmentar a nossa perda e captivar a nossa saudade.

Da lavoura e do commercio, onde os dois primeiros exerceram a sua actividade e adquiriram renome e bens. da fortuna, esses nossos dignos consocios projectaram a sua influencia no terreno politico e se assignalaram por serviços relevantes á sociedade e ao seu partido. Francisco Gomes Ferreira Braga foi aqui o nosso thesoureiro por largo periodo. O Instituto, grato e reverente, descobre-se diante de sua memoria e o pranteia e o consagra.

Não terminarei este rapido bosquejo de vida dos nossos caros companheiros, tombados na morte, sem lançar tambem um olhar de saudade para Guilherme da Conceição Fœppel, finado em Setembro do mesmo anno. Foi uma individualidade que se impoz á consideração social á custa do esforço proprio; um bello exemplo tambem do homem que se fez por si. O Dr. Guilherme Fœppel de simples pintor e desenhista que foi nos seus primordios, alçou-se, pelo estudo, á culminancia das nossas academias e estabelecimentos de ensino superior, occupando a cathedra dos professores, como os mais applicados e eruditos. Como artista, deixou-nos trabalhos diversos de decoração nos nossos templos e egrejas. De seu pincel ficaram-nos alguns quadros, pequenos paineis, onde o artista revela o seu gosto e pendor pelas nossas paisagens da beira-mar e pelos costumes de nosso povo dado á vida maritima. Da sua penna ficaram-nos alguns estudos historicos interessantes, pois que elle era dos poucos que cultivavam a nossa historia com esmero. Colleccionava, reunia, classificava documentos, objectos de cunho antigo; procurava salvar pela photographia os aspectos da nossa velha cidade que a remodelação, nem sempre reverente, vae substituindo, derribando, renovando. Da velha igreja da Ajuda de que era visinho morador, e carinhoso defensor e guarda de suas preciosidades antigas, fez commigo, pois que ambos nós estávamos em commissão deste Instituto e do Municipio, ao demolir-se esse velho templo que Nobrega e seus heroicos companheiros tinham erguido com as suas proprias mãos, fez elle,

repito, estudo aturado, meticoloso, erudito que vós todos conheceis.

Não irei mais longe, meus senhores, diante da morte que tão cruelmente nos golpeou no ultimo anno, a dizer-vos de quanto pezar ella agora nos acabrunha. Mas sobre essas campas que se fecharam de tão breve, e onde ora collocamos o deposito sagrado do nosso respeito, do nosso reconhecimento e das nossas piedosas homenagens, philosophemos um pouco, nos humbraes da Historia, sobre o que ha de consolador e de sublime na propria morte. Sim, ella tem algo de consolador para os que sabem ver com os olhos do pensamento. Ella é o definitivo na immutabilidade do passado. Comparada com a vida que é a instabilidade perenne, a morte, em si mesma, é a forma sincera, firme das cousas acabadas; só ella sella com o sello do definitivo o que debalde procuramos na vida—a fixidez do character a serviço da moralidade humana. E' assim, meus senhores, que a morte é um dos collaboradores mais efficientes da Historia e a philosophia que della promana é essa boa sciencia que nos faz a todos collaboradores conscientes da perfectibilidade da especie.

Recordo-me de ter-vos dito, ha pouco, meus senhores, que a data de hoje é a commemorativa de dois nascimentos: o do Brasil em 1500 e o deste Instituto em 1894.

Prevaleço-me desta circumstancia para colher no passado o elemento moral com que se edifica o futuro e appellar para a Historia, no momento mesmo em que ella, em letras de sangue e do sangue generoso dos que mais alto subiram na civilização, traça a pagina mais estupefaciente, mais dolorosa que jamais se registou nos annaes da humanidade culta.

A guerra, meus senhores, é um tremendo flagello, parto sanguinolento embora, mas parto donde é costume nascer uma vida nova, mais exuberante e mais alta.

A Historia nos ensina o que são essas crises formidaveis que precedem invariavelmente ás grandes investidas da Humanidade para um futuro melhor.

Como sabeis, campeia a guerra pelo mundo inteiro, como para significar que todo elle ha de participar do surto extraordinario, immenso que se vae seguir. Pelos mares, pelos continentes, pelos ares, pelos abysmos do oceano, a guerra domina e estadeia. As sciencias todas, de que o homem se orgulha, collaboram com ella. Emprasta-lhe azas a Mechanica e ella vò a pelos descampados aereos, passeiando a morte traiçoeira e

inopinada por sobre cabeças innocentes, por sobre populações imbelles que o Direito Internacional já não protege mais; paira com ella a destruição scelerada sobre os monumentos d'arte, roubando ao patrimonio moral do homem os thezouros de piedade e de fé, os escriptos da arte que seculos de gerações guardaram com zelo, veneraram e amaram; empresta-lhe nadadeiras, como aos peixes, essa mesma Mechanica, e, no ventre esguio dos submarinos, viaja ainda a morte sorrateira, invisivel, a zombar dos mais formidaveis engenhos de guerra, a destruir *dreadnoughts* e cruzadores, a torpedar navios mercantes que se affoitam a navegar nos mares conflagrados.

A Chimica offerece-lhe os explosivos que aos proprios vulcões roubaram os mais deleterios e ruinosos effeitos. A mina submarina, o torpedo ancorado, os projecteis illuminantes, os gazes mortiferos, asphyxiantes, os fogos phosphorados com que se incendeiam trincheiras, escaldam e fazem arder os corpos e os elementos mesmos, n'uma scena infernal como nunca, jamais, se viu, são os inventos da Chimica. A Geometria traça as linhas de batalha, e offerece-lhe tambem os seus calculos para a curva parabolica dos projecteis do 42 que fazem até escurecer os proprios raios de Jupiter.

O pegureiro, que, á hora matinal, conduz ao campo o seu rebanho; o bando infantil da escola da aldêa, com a sua garulice travessa, a saltar pelos prados á beira do caminho; o casal de velhos lavradores na faina diaria dos trigaes; todos quantos na doce tranquillidade dos campos lavrados consultam o céu donde lhes costuma vir a bonança, se acaso divisam ao longe, bem longe, uma mancha indistincta, tão vaga como uma illusão, um vulto que tanto pode ser uma nuvem de ouro, como um avião, uma zeppelina, um monoplane, todos, de subito, se confragem n'um mesmo pavor da morte, porque é ella, a morte, que se approxima nas azas do invento maravilhoso, é ella que vòta inexoravel por sobre rebanhos, prados em flor, campos de trigo, bandos de anjos como os nossos filhos, anciãos como os nossos paes.

A guerra ahi está para neutros e combatentes, quasi a mesma nos seus effeitos ruinosos. Os que pelem, se trucidam, se despedaçam por entre os fuzis e a metralha, banhados de sangue no fundo lamoso das trincheiras e casamatas, debalde esperam ainda a hora derradeira em que a paz se apresenta como o verdadeiro alvo da guerra; os que, como nós, os neutros, olham contristados a marcha dos successos, e vêem o seu commercio diminuido, prejudicado, os seus productos

sem sahida, as suas transacções adiadas indefinidamente, a ruína, o desanimo, o desconforto, a esses, os neutros, cabe a triste sina do soffrer sem gloria, nem mesno lhes cabe essa gloria modesta que ás vezes é a partilha dos vencidos.

Mas, meus senhores, lembremo-nos com a Historia que o advento da bonança está na reacção inevitavel da guerra, como a claridade serena raia após nocturna sombra de procellosa tempestade. Lembremo-nos de que a paz, o alvo da guerra, na expressão feliz do Principe de Bismark, perto ou distante que ella ainda paire no futuro, é para nós, os neutros da America, um penhor de mais agigantado porvir. Não esqueçamos de que a paz de Vienna, com que se remataram, ha um seculo, as campanhas napoleonicas, foi para o Novo Mundo o resurgimento dos redimidos, foi a liberdade e a independencia, foi a riqueza sob as varias modalidades com que ella exorna uma civilisação.

Essa paz, por que todos anciamos, não desmentirá de certo o evoluir logico, e normal dos successos. Um surto novo, uma energia nova, ideaes mais altos, mais generosos, uma concepção nova na propria philosophia, no direito, na organização social, na politica internacional, nas relações de todos os povos, na confraternisação das diversas raças que já derramaram o seu sangue nos mesmos campos de batalha e pela mesma causa; uma mais ampla, mais generosa concepção do genero humano, será de certo o passo a seguir-se na evolução mais proxima da especie.

Chegará então para a America a sua vez de *leader* do mundo, a presidir o progresso generalizado através dos continentes e dos oceanos. Vêde bem, meus senhores, lançada de um polo a outro polo, qual barreira entre os dois maiores oceanos, a America está talhada para ser o theatro em que se hão de encontrar um dia as duas civilisações que dominam o mundo—a oriental e a occidental. Apparelhemo-nos para esse dia, que não tardará muito depois da paz, porque o seculo XX será o seculo da America.

Qual é, porem, o nosso aparelhamento para essa era que se approxima?

Não duvido jamais do futuro do meu paiz, meus senhores. A força evolutiva, intima e natural das cousas nos leva, a despeito de nós mesmos, para onde devemos ir e temos de ir. Ha nos successos humanos um fatalismo a que ninguem se subtrahе, porque não somos nós mesmos os autores unicos do que somos e do que temos sido. A marcha logica, irresis-

tivel dos sucessos nos obriga e nos arrasta. Indivíduo ou nação, temos todos o nosso destino e o nosso contingente no equilibrio geral das cousas. Havemos de experimentar, queiramos ou não, a influencia moral do meio a que ninguem escapa e o que nos cumpre é apparellhar-nos para, sem perda da nossa propria individualidade, soffrermos a acção dessa influencia moral do mundo.

Nenhum apparellhamento se nos depara mais efficaç, mais adequado do que esse de instruir o nosso povo; instruil-o, sim, para erguel-o, para dignifical-o.

Mas instruir não é só abrir escolas, formar mestres, preparar discipulos, organizar programmas; é mais que isso; é formar o character do cidadão; é tornal-o apto para comprehender e praticar a virtude, constituindo um ambiente moral sadio, onde a justiça medre e prospere como o amparo do direito; a politica seja a verdade, a probidade no exercicio da soberania; o poder seja o apanagio das competencias bem formadas; onde a elevação moral do character, no homem publico como no particular, no individuo como na sociedade, se assignale com o indice mais alto da perfectibilidade humana — a noção exacta do dever.

Reformámos, ha bem pouco, e ainda uma vez, a instrucção publica no paiz.

Ella se nos annuncia promissora e benefica. Pois bem, pratiquemol-a com lealdade, com sinceridade, com o zelo de quem deseja edificar, melhorando, corrigindo, retocando até a perfeição. Compreendamos todos que nisso vaé a grandeza nacional e o seu futuro.

Quando, ha um seculo atrás, essa Allemanha guerreira, que ora assombra o mundo, golpeada, calcada aos pés pelas hostes victoriosas de Bonaparte, sentiu no seu peito que havia uma desforra a tomar e que essa desforra era o proprio resurgimento nacional, o esforço supremo, que empregou, foi o de reorganisar a instrucção publica, diffundindo-a largamente, desde a escola primaria até o curso universitario. Multiplicou os fôcos do saber, e fez com que das suas universidades refundidas, augmentadas, prestigiadas pelo ensino de professores eminentes se constituisse a officina da nova mentalidade nacional. Foi desse esforço supremo, dizem os criticos, que sahio a victoria de Sadowa sobre a Austria de Francisco José e a de Sedan sobre a França de Napoleão 3.^o em 1870.

A nossa reforma nacional, meus senhores, basear-se-á antes de tudo na instrucção tambem. E' da instrucção que está a

depender, em absoluto, o nosso futuro. Façamol-a proporcionada e adequada ao nosso meio, mais seleccionada, mais intensa e menos superficial. Desenvolvamos o ensino profissional e agricola; eduquemos o operario, o artista, o famulo para o serviço domestico; creemos officinas, arsenaes, usinas como outros tantos factores da riqueza publica e instrumento de ensino; subamos mesmo mais alto, no ensino superior, creemos as nossas universidades, reunindo em corpo harmonico e systematico os elementos dispersos e desconnexos que ja possuimos.

Si o Rio de Janeiro, si S. Paulo têm ja em preparo o seu plano de universidade, tenhamol-o tambem aqui, pois não nos faltam elementos em apoio da mesma aspiração. Convençam-se os bahianos de que ha no convivio nacional emulações muitas a enfrentar e que neste terreno muito lhes cumpre zelar e acautelar, para que do seu patrimonio intellectual, que ja foi o de mais vulto no paiz, não se tente lá fóra uma *capitis diminutio*.

Não nos esqueçamos, como brasileiros, que o futuro que será a nossa gloria, só o conseguiremos, si instruidos, si educados, si imbuidos de sãos principios, pudermos praticar as virtudes essenciaes ao character do cidadão de uma verdadeira republica:—*consciencia, probidade, honestidade*, que tudo vale dizer:—justiça para com os outros, justiça para comsigo mesmo.

E' este, meus senhores, o nascimento novo que, para a nossa patria, deveramos aspirar em dia como o de hoje em que a Historia nos aponta ao longe, quatro seculos distante, a cruz dos navegadores hasteada em Porto Seguro, as náos lusitanas na róta gloriosa cuja fama o Camões, cantando, espalhou por toda a parte, e, mais perto, o resurgimento desta casa, como um templo de concordia e de cultura moral entre bahianos.



Socios effectivos do Instituto em Junho de 1915

- 1 Dr. Antonio Pacifico Pereira
- 2 Dr. Antonio do Amaral Ferrão Muniz
- 3 Dr. Antonio Moniz Sodré
- 4 Dr. Antonio Calmon du Pin e Almeida
- 5 Dr. Antonio Geraldo Teixeira
- 6 Dr. Antonio G. Medeiros Netto
- 7 Dr. Antonio do Prado Valladares
- 8 Dr. Antonio Borja
- 9 Cel. Antonio Vianna
- 10 Antonio Carlos Soveral
- 11 Major Antonio Carlos de Mattos
- 12 Dr. Augusto Cesar Vianna
- 13 Dr. Augusto de Araujo Góes
- 14 Dr. Augusto Maia Bittencourt
- 15 Dr. Augusto Cesar de Oliveira
- 16 Dr. Almir Cardoso de Oliveira
- 17 Dr. Affonso Glycerio da Cunha Maciel
- 18 Cel. Affonso Pedreira de Cerqueira
- 19 Affonso Ferreira Machado
- 20 Affonso Costa.
- 21 Prof. Aureliano Henrique Tosta
- 22 Dr. Aurelio Rodrigues Vianna
- 23 Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães
- 24 Dr. Alfredo Gonçalves do Amorim
- 25 Dr. Annibal Revault de Figueiredo
- 26 Alfredo de Mesquita
- 27 Achilles Pedreira Machado
- 28 Dr. Ajuricaba Aprigio de Menezes
- 29 Dr. Arthur Cesar Rios

- 30 Major Arthur Gomes de Carvalho
- 31 Dr. Arthur de Mello Mattos
- 32 Adolfo Malbouisson
- 33 Dr. Armando de Campos Pereira
- 34 Dr. Amancio José de Souza
- 35 Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha
- 36 Ph. Alvaro Pimenta da Cunha
- 37 Dr. Arthur Hermenegildo da Silva
- 38 Alfredo Cardoso da Motta e Silva
- 39 Dr. Affonso Pires de Carvalho e Albuquerque
- 40 Dr. Alfredo Cesar Cabussú
- 41 Antonio Francisco Brandão
- 42 Dr. Aurelio Dias de Moraes
- 43 Dr. Adriano dos Reis Gordilho
- 44 Dr. Adolfo Tourinho
- 45 Dr. Bernardino José de Souza
- 46 Dr. Bernardino Madureira de Pinho
- 47 Bernardino Francisco de Almeida
- 48 Dr. Benigno Lopes do Rego
- 49 Benigno Baptista da Silva
- 50 Dr. Braulio Xavier da Silva Pereira
- 51 Dr. Bellarmino Passos da Costa
- 52 Dr. Carlos Chenaud
- 53 Dr. Carlos Rodrigues Vianna
- 54 Carlos Amoroso
- 55 Dr. Clodoaldo de Andrade
- 56 Dr. Caio Ferreira de Moura
- 57 Dr. Cicero Teixeira
- 58 Dr. Cleophano Meirelles
- 59 Dr. Candido Cesar da Silva Leão
- 60 Prof. Cincinnato R. P. Franca
- 61 Major Cincinnato J. Melchiades
- 62 D. Cordula Spinola de Atahyde
- 63 Dr. Deocleciano Ramos
- 64 Dr. David Gonçalves Bastos
- 65 Dr. Durvaltercio Bolivar de Aguiar

- 66 Dr. Descartes Drummond de Magalhães
- 67 Cel. Deraldo Dias
- 68 Ph. Domingos Candido de Oliveira
- 69 Ph. Durval Cardoso e Silva
- 70 Eloy de Oliveira Guimarães
- 71 Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro
- 72 Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro Filho
- 73 Eduardo Coelho Messeder
- 74 Dr. Eduardo Diniz Gonçalves
- 75 Dr. Eduardo Guinle
- 76 Dr. Eduardo Cesar Rios
- 77 Eduardo José Fernandes
- 78 Dr. Eduardo Gomes F. Velloso
- 79 Dr. Eduardo Dias de Moraes
- 80 D. Elisa Pereira
- 81 Dr. Evandro Soares de Pinho
- 82 Eudoro Tude de Souza
- 83 Prof. D. Euphrosina Miranda
- 84 Dr. Elpidio Veiga
- 85 Dr. Eutychio Leal
- 86 Ezequiel Baptista da Silva
- 87 Dr. Euvaldo Diniz
- 88 Prof. Elias de Figueiredo Nazareth
- 89 Mons. Elpidio F. Tapyranga
- 90 Dr. Egas Muniz Barretto de Aragão
- 91 Cel. Epiphanio Fernandes de Souza
- 92 Prof. Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo
- 93 Dr. Fernando Kock
- 94 Dr. Francisco Alexandre de Souza
- 95 Dr. Francisco Cardoso e Silva
- 96 Francisco de Freitas Guimarães
- 97 Dr. Francisco Prisco de Souza Paraizo
- 98 Eng.º Francisco Lopes da Silva Lima
- 99 Dr. Francisco da Luz Carrascosa
- 100 Dr. Fructuoso Theodoro Sampaio
- 101 Francisco José da Silva Fortuna

- 102 Francisco Marques
- 103 Francisco José Rodrigues Pedreira
- 104 Dr. Felipe Wanderley de Araujo Pinho
- 105 Francisco Ferraro
- 106 Dr. Frederico de Castro Rebello
- 107 Dr. Francisco de Assis Ramos
- 108 Eng.^o Genesio Sampaio Neves
- 109 Dr. Guilherme Lassance Marbach
- 110 Dr. Guilherme Muniz Barretto
- 111 Dr. Guilherme Guinle
- 112 Cel. Geminiano dos Santos Vieira
- 113 Dr. Gonçalo Moniz
- 114 Dr. Homero Pires
- 115 Henrique Cancio
- 116 Dr. Hermano de Sant'Anna
- 117 Dr. Isaias Alves
- 118 Dr. Ignacio de Menezes
- 119 Dr. Ignacio Paschoal Bastos
- 120 Conego Ildefonso Nunes de Oliveira
- 121 Dr. Juvenal Alves da Silva
- 122 Dr. João Alfredo Conde
- 123 Dr. João Pacheco de Oliveira
- 124 Dr. João A. Garcez Fróes
- 125 Dr. João Evangelista de Castro Cerqueira
- 126 Dr. João Pedro dos Santos
- 127 Dr. João Marques dos Reis
- 128 Dr. João Martins da Silva
- 129 Dr. João Noronha Santos
- 130 Dr. João Gonçalves Tourinho
- 131 Dr. João Pondé
- 132 Cel. Joaquim Carneiro de Campos
- 133 Dr. Joaquim Celso Moreira Spinola
- 134 Joaquim Fortes
- 135 Joaquim Florentino Gaspar
- 136 Dr. José Marques dos Reis Junior
- 137 José Fernandes Dias

- 138 José Correia de Oliveira Mello
- 139 Dr. José Pereira de Almeida
- 140 Dr. José H. Cerqueira Lima
- 141 Dr. José de Aguiar Costa Pinto
- 142 Dr. José Pires do Rio
- 143 Dr. José Wanderley de Araujo Pinho
- 144 Cons. José Botelho Benjamim
- 145 Dr. José Gonçalves de Castro Cincurá
- 146 Eng.^o José Antonio da Costa
- 147 Dr. José Sabino Pereira Filho
- 148 Dr. José Gabriel de Lemos Britto
- 149 José Teixeira de Barros
- 150 Mons. Dr. José Basilio Pereira
- 151 Dr. José Carlos Junqueira Ayres de Almeida
- 152 João Gama
- 153 Julio Janot
- 154 Dr. Julio Olympio da Silva
- 155 Dr. Luiz Anselmo da Fonseca
- 156 Dr. Luiz Carlos de Lima Pereira
- 157 Cel. Luiz de Oliveira Vasconcellos
- 158 Cel. Luiz José Pimenta
- 159 Luiz Lucas da Costa
- 160 Dr. Landulpho Caribé de A. Pinho
- 161 Desembargador Manoel Jeronymo Gonçalves
- 162 Dr. Manoel Pedro de Rezende
- 163 Dr. Manoel Carlos Devoto
- 164 Cel. Manoel da Costa Drummond
- 165 Cel. Manoel Duarte de Oliveira
- 166 Manoel Rodrigues Pedreira
- 167 Manoel Dias da Silva
- 168 Manoel Jorge Dantas
- 169 Professor Manoel Querino
- 170 Eng.^o Miguel Calmon du Pin e Almeida
- 171 Dr. Mario Carvalho da Silva Leal
- 172 Dr. Mario Andréa dos Santos
- 173 D. Maria Luiza Alves de Souza

- 174 Dr. Martagão Gesteira
- 175 Marcellino Gaspar
- 176 Eng.º Octavio Mangabeira
- 177 Dr. Octavio Odorico Odilon
- 178 Dr. Octaviano Muniz Barretto
- 179 Dr. Octaviano Rodrigues Pimenta
- 180 Dr. Oscar Freire
- 181 Dr. Pedro Rodrigues dos Santos
- 182 Dr. Pedro Julio Barbuda
- 183 Dr. Pedro dos Reis Gordilho
- 184 Dr. Pedro Augusto de Mello
- 185 Cons. Pedro Joaquim dos Santos
- 186 Dr. Paulo Martins Fontes
- 187 Dr. Ponciano Ferreira de Oliveira
- 188 Dr. Pamphilo D. Freire de Carvalho
- 189 Major Polydoro Bittencourt
- 190 Prof. Roberto Correia
- 191 Dr. Ruy Penalva de Faria
- 192 Dr. Severino dos Santos Vieira
- 193 Sigefredo S. Schindler
- 194 Mons. Dr. Samuel Elpidio de Almeida
- 195 Dr. Sílio Boccanera
- 196 Dr. Severo Bomfim
- 197 Eng.º Theodoro Sampaio
- 198 Comm. Theodoro Teixeira Gomes
- 199 Tancredo Pereira de Almeida
- 200 Eng.º Thyrso Simões de Paiva
- 201 Dr. Ubaldino Gonzaga
- 202 Dr. Vital Baptista Soares
- 203 Dr. Virgilio de Lemos
- 204 Mons. Victor Leonardo da Soledade
- 205 Almirante Caio Pinheiro de Vasconcellos
- 206 Dr. Antonio Arthur Pereira França
- 207 Luiz Americo
- 208 Eng.º Alpheu Diniz Gonçalves
- 209 Dr. Manoel Monteiro Tapajoz

- 210 Prof. Crescenciano Barbosa de Castro
- 211 Dr. João Antonio da Costa Dorea .
- 212 Dr. Pedro de Azevedo Gordilho.

Socios effectivos Remidos

- 1 Coronel Aloysio Lopes de Carvalho
- 2 Antonio Lopes Figueira
- 3 Alberto Martins Catharino
- 4 Bernardo Martins Catharino
- 5 Dr. Eduardo Espinola
- 6 Dr. Francisco Marques de Goes Calmon
- 7 Dr. Frederico Pontes
- 8 Commendador Horacio Uripia Junior
- 9 Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
- 10 Dr. João Ferreira de Araujo Pinho
- 11 Eng.º João Pimenta Bastos
- 12 Cel. João Pedreira
- 13 José Pereira Soares
- 14 Cel. José de Sá
- 15 Comm. José Alves Ferreira
- 16 Dr. José Marcellino de Souza
- 17 Eng.º Lino Meirelles da Silva
- 18 Dr. Manoel Luiz do Rego
- 19 Cel. Manoel Ribeiro Pinto
- 20 Cel. Trajano Candido Rodrigues
- 21 Dr. Thomaz Guerreiro de Castro
- 22 Dr. Urbano Pires de Carvalho e Albuquerque
- 23 Cel. Vicente Ferreira Lins do Amaral
- 24 Cel. João de Azevedo Fernandes.

Socios Honorarios

- 1 Cns. Antonio Carneiro da Rocha
- 2 Prof. Antonio Alexandre Borges dos Reis.
- 3 Almirante Antonio Alves Camara
- 4 Dr. Braz Hermenegildo do Amaral

- 5 Cons. Francisco Joaquim do Amaral
- 6 Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos
- 7 Dr. Isaias de Carvalho Santos
- 8 D. Jeronymo Thomé da Silva (Arcebispo)
- 9 Principe Luiz de Saboya (Duque dos Abruzzos)
- 10 Cons. Luiz Vianna
- 11 D. Manoel Henrique de Araujo
- 12 Eng.º Miguel de Teive e Argollo
- 13 D. Maria Elisa Valente M. de Aragão.
- 14 Cons. Ruy Barbosa
- 15 Major Rogociano Pires Teixeira.

Presidente Honorario

Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

Benemerito

- 1 Comm. Luiz José Fernandes.

NOTA—A lista dos socios correspondentes será publicada no proximo numero desta Revista.



INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA

1915-1916

- Presidente*—Cons. Antonio Carneiro da Rocha
1.º Vice-Presidente—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral
2.º Vice-Presidente—Dr. Isaias de Carvalho Santos
3.º Vice-Presidente—Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos
1.º Secretario—Dr. Bernardino José de Souza
2.º Secretario—Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
Orador—Dr. Theodoro Fernandes Sampaio
Thesoureiro—Major Achilles Pedreira Machado
Bibliothecario—Dr. Ajuricaba Aprigio de Menezes.

COMMISSÕES

Admissão de Socios

Dr. João Marques dos Reis
Dr. José Pereira de Almeida
Coronel Antonio Vianna.

Fundos e Orçamentos

Coronel Aloysio de Carvalho
Coronel Lourenço Costa
Professor Francisco Torquato Bahia.

Estatutos e Revista

Dr. Oscar Freire
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
Dr. Bernardino José de Souza.

Manuscriptos e Autographos

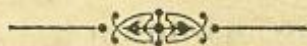
Dr. Isaias Alves
Dr. Clodoaldo de Andrade
Professor Manoel Querino.

Geographia

Dr. José Pires do Rio
Dr. Armando de Campos Pereira
Professor Aureliano Henrique Tosta.

Historia

Dr. Severino dos Santos Vieira
Dr. Ubaldino Gonzaga
Coronel Luiz Pimenta.



SUMMARIO DO N. 41

	PAGS.
<i>Sessão de reinauguração do Instituto, em 15 de Novembro de 1914.....</i>	7
<i>As tribus negras importadas—Memoria do Dr. Braz do Amaral apresentada ao 1.º Congresso de Historia Nacional.....</i>	39
<i>Documentos: Carta de Carlos v. Martius ao Arcebispo da Bahia, Marquez de Santa Cruz.....</i>	73
<i>Idem: Cartas do Ouvidor de Porto Seguro, Thomé Couceiro de Abreu, primeiro magistrado desta Ouvidoria.....</i>	77
<i>Castello da Torre de Garcia d'Avila, (com 1 vista).....</i>	87
<i>Discursos: do Almirante Caio Pinheiro de Vasconcellos (admissão ao Instituto) e do Dr. Theodoro Sampaio em resposta ao primeiro....</i>	89
<i>Sessão Magna do 24.º anniversario de Fundação do «Instituto», em 3 de Maio de 1915: Relatorio do 1.º Secretario Dr. Bernardino de Souza e Discurso do Orador Official.....</i>	105
<i>Lista dos Socios Effectivos, Honorarios e Benemeritos do «Instituto», em Junho de 1915.....</i>	131
<i>Directoria e Commissões do biennio 1915—1916.....</i>	139

